

“O INDIVÍDUO E A FUNÇÃO EDUCATIVA DA ESCOLA – UMA ANÁLISE DE TENDÊNCIAS SUBJETIVAS EM ALUNOS DO ENSINO MÉDIO”.

JULIANA TORRES Y PLÁ TREVAS

**“O INDIVÍDUO E A FUNÇÃO EDUCATIVA DA ESCOLA – UMA
ANÁLISE DE TENDÊNCIAS SUBJETIVAS EM ALUNOS DO
ENSINO MÉDIO”.**

Dissertação apresentada ao Programa
de Pós-Graduação em Educação da
Universidade Federal de Pernambuco,
como requisito parcial para a obtenção de
grau de Mestre em Educação.

JOSÉ POLICARPO JÚNIOR

RECIFE

2003

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE MESTRADO

**“O INDIVÍDUO E A FUNÇÃO EDUCATIVA DA ESCOLA – UMA
ANÁLISE DE TENDÊNCIAS SUBJETIVAS EM ALUNOS DO
ENSINO MÉDIO”.**

Comissão Examinadora:

Prof. Dr. José Policarpo Júnior
1º Examinador/Presidente

Prof. Dr. Dante Augusto Galeffi
2º Examinador

Prof. Dr. Ferdinand Röhr
3º Examinador

Recife, de de 2003

Dedico este trabalho a:

José pelo apoio e o incentivo constante que sempre ouvi em suas palavras;

Tereza Emília por ter me ensinado o que realmente importa;

Fernanda por sua coragem em desvendar os mitos e por sempre estar presente;

Clarissa pela força e as conversas que me auxiliam na busca pelo caminho e

Giovanni por sempre estar presente no meu coração.

AGRADECIMENTOS:

Ao meu orientador José Policarpo Júnior por sua disposição e auxílio em todos os momentos, por sua competência e boa vontade, pelas orientações que transcendiam a esta dissertação e pelo voto de confiança que me concedeu;

Ao professor Ferdinand Röhr pelo encontro, pelas palavras e pelas ações que me incentivam e trazem alívio diante das preocupações da vida;

À professora Ana Galvão por sua postura, sua boa vontade e incentivo;

Aos excelentes professores do Mestrado em Educação;

Aos meus pais e minhas irmãs por caminharmos juntos, mas com liberdade;

Aos alunos e à diretora da Escola “A”;

Aos alunos que realizaram o primeiro teste do questionário;

Ao meu amigo querido Felipe Galamba pelo apoio constante e essencial durante minha caminhada;

Ao meu querido amigo Pedro Jorge pela coragem, estímulo e apoio que sempre eram constantes em suas palavras;

A todos os amigos queridos que contribuem e fazem parte do percurso como Bianca, Carol Gama, Karina Marinho, Juliana Scavuzzi, Ivo Leonardo, Alexandre Gico, Luiz Joaquim, Alexandre Miranda, Cleide, Susy, Soraya, Lucinha, Helena, Thiago Moura, Thiago Marinho, Luciana Veras e Hebe;

A Dr. Evaldo Antunes pelo auxílio em me fazer enxergar o lado A e o lado B de mim mesma;

Aos companheiros do mestrado especialmente a Maria Conceição Amorim,
Hilda, Alexandre, Ana, Betânia, Tatiana, Carla e Alásia;

A Angela pela sala onde encontrei a concentração necessária;

Ao pessoal da xérox do Centro de Educação principalmente a Márcio;

À Secretaria do Mestrado em Educação;

Ao CNPq pelo apoio financeiro.

LISTA DE TABELAS E GRÁFICOS

Tabela 01 – Categorias negativas da individualização utilizadas no questionário

Tabela 02 – Abreviaturas das pontuações dos sujeitos

Tabela 03 – Abreviaturas das pontuações do grupo

Tabela 04 – Abreviaturas das pontuações da amostra em geral

Tabela 05 – Pontuação obtida pelos alunos componentes do grupo 01, em cada categoria do questionário

Tabela 06 – Comparação entre a pontuação do grupo 01 e da amostra em geral nas categorias temáticas

Tabela 07 – Comparação entre o CG1 e o CT

Tabela 08 – Pontuação obtida pelos alunos componentes do grupo 02, em cada categoria do questionário

Tabela 09 – Comparação entre a pontuação do Grupo 02 e da amostra em geral das categorias temáticas

Tabela 10 – Comparação entre o CG2 e o CT

Tabela 11 – Coeficientes do grupo 02 nas categorias

Tabela 12 – Pontuação obtida pelos componentes do grupo 03, por categoria

Tabela 13 – Comparação entre a pontuação do grupo 03 e da amostra em geral nas categorias temáticas

Tabela 14 – Comparação entre o CG3 e o CT

Tabela 15 – Desempenho do aluno 01 por categoria

Tabela 16 – Alunos do grupo 01 selecionados para a entrevista

Tabela 17 – Alunos do grupo 03 selecionados para a entrevista

Tabela 18 – Alunos do grupo 02 selecionados para a entrevista

Gráfico 01 – Quantidade de alunos pesquisados e agrupados de acordo com a pontuação obtida no questionário

SUMÁRIO

Lista de Tabelas e Gráfico _____	07
Resumo _____	11
Abstract _____	12
Introdução -----	14
Capítulo 01 – O indivíduo	
1. Considerações Iniciais -----	21
1.1 A divisão do homem -----	24
1.2 Afinal, o que é o indivíduo? -----	39
Capítulo 02 – A relação entre a educação formal e a formação humana	
2.Considerações Iniciais -----	47
2.1 As funções da Educação Formal -----	51
2.2 A formação humana -----	56
Capítulo 03 – O caminho percorrido	
3.Primeiros Passos _____	65
3.1 O local e as pessoas _____	68
3.2 O instrumento _____	72
3.3 Resultados _____	85
3.4 Alguns passos antes das entrevistas _____	104
3.5 As entrevistas _____	109

Conclusão	
Considerações Finais _____	122
Anexos	
Tabela A – Coeficiente total dos alunos _____	128
Tabela B – Média geral da amostra de cada questão _____	130
Tabela C - Média geral da amostra em cada categoria temática__	130
Questionário _____	136
Entrevistas _____	155
Referências Bibliográficas _____	

RESUMO

Este trabalho tem por finalidade analisar a relação entre o papel formativo da educação e o processo de individuação. Para isso, considera-se como indivíduo o ser que é capaz de se posicionar no mundo de acordo com suas próprias concepções, tornando-se senhor de si, além de se auto-realizar no mundo em que habita. Para se verificar a relação atualmente existente entre educação e individuação, analisaram-se possíveis tendências subjetivas quanto ao sentido da educação e de ser indivíduo, entrevistando-se com esse fim alunos do ensino médio de uma escola privada da cidade do Recife, fazendo-se aplicação de questionários com escalas de opinião e atitude e de entrevistas semi-estruturadas. Conclui-se que a concepção de educação dos alunos reflete uma postura pragmática, que valoriza a utilização imediata da educação, relacionando-a como uma etapa importante para um melhor posicionamento social.

PALAVRAS- CHAVES: Indivíduo, educação, formação

ABSTRACT

This work aims to analyze the relation between the formative role of education and the process of becoming an individual. In doing so, the individual is considered to be that being which is capable of positioning oneself in accordance to one's own point of view, becoming the master of oneself, as well as accomplishing oneself within the world one inhabits. So as to verify the currently existing relation between education and individuation, possible subjective tendencies regarding the meaning of education and what it is to be an individual were analyzed by interviewing, with this end, students of a private high school in the city of Recife, through the application of questionnaires with scaled degrees of opinion and attitude and semi-structured interviews. In conclusion, the students' conception of education reflects a pragmatic posture which values the immediate use of education relating it to an important step towards a better social positioning.

KEY-WORDS: The Individual, education, formation

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

“Pensar por si mesmo significa procurar em si mesmo a suprema pedra de toque da verdade (isto é, em sua própria razão), e a máxima que manda pensar sempre em si mesmo é o esclarecimento (Aufklärung)”.

(KANT, 1985, p.100).

De acordo com Immanuel Kant, o crescimento do homem ocorre quando este aprende a pensar por si mesmo, ou seja, a usar sua razão. E, isso acontece quando há a consciência de que a atitude tomada poderá ser considerada universal, válida para todo e qualquer ser humano. Todavia, sair da “menoridade” (KANT, 1985, p.100) exige o empenho do próprio homem. Cabe a ele a responsabilidade de “servir-se de si mesmo” (KANT, 1985, p.100) e se direcionar neste sentido.

Diante disto, pode-se pensar que há o risco de haver o desprezo por regras ou decisões coletivas e, ao mesmo tempo, a possibilidade de fomentar uma sociedade baseada em um individualismo exacerbado, na qual não haveria lugar para a convivência harmoniosa entre os seus membros. Pelo contrário, há

a necessidade da ratificação de consensos e decisões coletivas, mas estas devem ser decorrentes do entendimento do homem e de sua razão. Na realidade, ao desempenhar uma atividade social, o homem se encontra imbuído de um papel socialmente reconhecido e deve exercê-lo de forma adequada. Todavia, agirá contra si mesmo caso se sinta compelido a desprezar ou desvalorizar sua individualidade em nome desta função social. O homem pode e deve fazer uso de sua razão. Afinal, o que dele seria se fosse reduzido apenas ao papel do médico ou do advogado que despreza ou desvaloriza seu lado humano, não utilizando sua razão?

Logo, o homem deve desempenhar sua atividade social, mas sua vocação principal consiste na sua capacidade de ser senhor de si mesmo, com lucidez e consciência. Quando o homem pensa por si mesmo e, conseqüentemente, posiciona-se diante do mundo de forma independente, faz uso de sua razão. Esta postura não pode ser encarada como uma oposição às normas que foram estabelecidas pela sociedade, pois estas devem estar em conformidade com aquilo que o indivíduo prioriza por meio de sua razão. Neste caso, as decisões podem possibilitar a concretização do real bem-estar social. Entretanto, quando este movimento não é possível, há um enorme abismo entre o indivíduo e a sociedade em que ele habita, podendo até mesmo se tornarem antagônicos. Logo, decisões coletivas e seus efeitos, assim como as diretrizes determinadas por grupos, podem tornar-se contrárias aos indivíduos, caso haja essa desvinculação. Poderá ocorrer portanto uma estagnação e a permanência do ser humano em sua “menoridade”.

Assim, o grupo passará a tomar o lugar que deveria ser do próprio indivíduo, passando a decidir por ele como se fosse esta a única possibilidade

de existência. Assim, o comportamento e as decisões do grupo tomam o lugar da razão do homem e este se acomoda, aceitando-as como suas próprias decisões. Os papéis sociais e a estrutura social parecem se sobrepor à alçada individual. Dessa forma, maiores serão as dificuldades de o homem pensar e “servir-se de si mesmo”, permanecendo mais distante do esclarecimento.

Contudo, o esclarecimento, processo que possibilita “a saída do homem de sua minoridade” (KANT, 1985, p.100), pode encontrar na educação uma aliada. A mediação reflexiva que é inerente à atividade educativa vem despertar e muitas vezes auxiliar o homem na procura por si mesmo e na sua compreensão de si. A atividade educativa possui essencialmente a prerrogativa de “habituar os jovens espíritos a esta reflexão” (KANT, 1985, p.98). Percebe-se portanto que a educação toca em um importante ponto da formação e do desenvolvimento humano. Ao mesmo tempo, a escola quando se encontra disposta a exercer sua dimensão educativa, direciona-se a despertar a razão do homem, sendo ela, portanto, um dos principais locais para a apresentação do mundo às novas gerações e ao mesmo tempo poderá contribuir para a formação humana dos alunos.

Portanto, ao se iniciar uma discussão sobre os objetivos da educação, questões como: Qual o fim desejado? Que características do ser humano são priorizadas? O que há por trás da educação? Qual é o elo entre o homem e a educação?, busca-se levantar a discussão sobre os valores que servem de guia ao processo educacional. Essas questões sempre estiveram relacionadas com o que há de mais específico no ato de ensinar. Todavia, não é de hoje o interesse demonstrado pela educação. Talvez em épocas em que as dificuldades materiais e espirituais são mais evidentes, os holofotes se voltem para ela,

utilizando-a como uma salvação ou como uma explicação dos problemas contemporâneos. Entretanto, questionamentos como os acima mencionados, não vêm à tona apenas em momentos difíceis, sempre estiveram relacionados com o desenvolvimento do homem e da própria educação. Esta possibilita a apresentação a e o confronto das novas gerações com um mundo do qual irão participar. Há a responsabilidade sobre os valores e as condutas adotadas e sobre aquelas que são repassadas, fazendo-se necessário levantar esta discussão. Logo, o que há por trás da educação diz respeito ao homem – a cada um e a todos, estando presente e relacionado com sua vida.

Ao mesmo tempo em que a escola e a atividade educativa por ela realizada estabelece um elo com o indivíduo, também se relaciona com a sociedade que serve de palco para sua atuação. Os valores que são repassados e a forma como se configura a atividade escolar refletem tudo aquilo que é sustentado socialmente. Há uma grande importância quanto à função social desempenhada pela escola e sobre a adequação que os homens obtêm para se posicionarem nesta esfera. Dessa forma, os valores que predominam na sociedade podem ser muitas vezes utilizados como um desvio aos propósitos autênticos da educação, servindo a interesses alheios.

Este trabalho foi desenvolvido tendo como base tais preocupações. Procurou-se analisar o tema educacional e escolar em sua vinculação com a formação do indivíduo, a fim de verificar até que ponto a função educativa da escola se encontra comprometida com a formação individuada de seus alunos.

O trabalho encontra-se estruturado da seguinte forma: o primeiro capítulo discute a concepção de indivíduo e as cisões internas que aquele desenvolve em razão da natureza de suas relações objetivas, analisando igualmente como

algumas condições objetivas provenientes da esfera social se relacionam com a concepção do que seja indivíduo e a postura por este adotada. Busca-se compreender a natureza das relações entre as condições objetivas que cercam o homem e sua postura individual e como há a possibilidade de se perceber a interferência recíproca.

O segundo capítulo tenta percorrer um caminho que parte da educação em um sentido mais amplo, chegando à formação humana. Inicia-se a discussão a partir do que seria educação. Posteriormente, analisa-se o tema da educação formal, enfatizando a escola e suas funções (social, política e educativa). Finalmente, relaciona-se a formação humana com a função educativa, havendo a possibilidade de se estabelecer um vínculo direto com a idéia de esclarecimento acima mencionada.

O terceiro capítulo apresenta a investigação empírica realizada sobre o trabalho formativo da escola. Com este objetivo, entrevistaram-se alunos do ensino médio de uma conceituada instituição escolar da cidade do Recife, visando a compreender alguns resultados do trabalho escolar no que concerne à consecução bem ou mal sucedida de sua função educativa. O capítulo apresenta a metodologia utilizada, a forma como foi efetuada a análise dos dados e os resultados obtidos. Vale ressaltar que a investigação sobre a realização da tarefa formativa da escola, do ponto de vista do enriquecimento subjetivo e singularização do indivíduo, foi levada a cabo por meio da verificação do grau de adesão dos alunos a parâmetros negativos da individualidade e afirmativos da massificação, por razões que são detalhadamente apresentadas no próprio capítulo.

Nas considerações finais, foram apresentadas algumas das possíveis limitações do trabalho, assim como seu alcance e contribuição positiva ao estudo da temática. Já na parte anexa, encontram-se o modelo do questionário utilizado, as entrevistas realizadas e as tabelas que demonstram como alguns resultados estatísticos foram obtidos.

CAPÍTULO 01 – O indivíduo

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Falar do homem pode não despertar muito interesse atualmente ou mesmo parecer ingênuo diante da imensa quantidade de recursos que estão disponíveis em todas as áreas do conhecimento humano. Muitos pensadores mantiveram o homem como seu centro de análises e estudos e isso fizeram de maneira primorosa.

Diante disso, o questionamento sobre o homem como ser individual ou como membro da sociedade possui diversas abordagens, sendo algo bastante discutido. Todavia, o que diz respeito ao ser humano nos afeta de maneira muito especial. Sentimentos, desejos, posicionamentos, dúvidas, pensamentos de um único homem podem nos remeter a nossa própria situação. Dessa maneira, essa discussão se torna universal, não como uma verdade imutável, mas como uma indagação que se refere a todo e qualquer homem; ao se questionar, pode ocorrer a compreensão da situação à qual pertence e, assim, contribuir para uma mudança de posicionamento.

Não é objetivo aqui traçar um perfeito diagnóstico da situação pela qual passa o homem atualmente. Pretende-se apenas levantar alguns pontos sobre como o comportamento individual e o social¹ podem estar relacionados. No entanto, não há intenção alguma de priorizar qualquer esfera do homem, enaltecendo uma única dimensão. Não se trata de uma disputa entre o lado “subjetivo” e o “objetivo”, mas uma tentativa de visualizar algumas possíveis conexões e conseqüências de como as circunstâncias sociais podem influenciar e até mesmo moldar os comportamentos ditos individuais. Pretende-se perceber e tentar compreender se as influências oriundas do meio externo podem penetrar no ambiente interno do homem, naquilo que tem de mais íntimo, marcando-o e favorecendo ou não certas posturas. Por isso, tentar-se-á vislumbrar se as “razões pessoais” afetam o comportamento com os outros e com o mundo, ou seja, como o lado mais íntimo tece influências na sociedade através do posicionamento individual.

O homem se encontra à mercê de vários fatores que contribuem para sua formação: a família, a escola, as relações de amizade e vizinhança, a religião, os traços de sua personalidade, tudo isso atua na formação do indivíduo. Encontram-se aí elementos que o ajudam a traçar e construir sua individualidade. Talvez seja por isso ineficaz a tentativa de estabelecer um conceito hermético de indivíduo. Logo, ser indivíduo é uma construção que cada ser humano deve tentar encontrar.

Tomando como ponto de partida estas considerações iniciais, este capítulo procurará estabelecer diferenças entre o homem como membro de um

¹ Como ficará esclarecido adiante, concebemos que a dimensão *individual*, embora surgida de componentes *sociais*, não pode ser reduzida simplesmente a estes, posto que o primeiro, para

grupo padronizado e como ser consciente. Ademais, tentar-se-á entender algumas conseqüências e influências dos fatores “subjetivos” e “objetivos” no comportamento do homem diante de si mesmo, do outro e do mundo.

se constituir e existir como tal, necessita de uma intervenção ativa do sujeito, o que se distingue da simples extensão do processo de socialização.

1.1 A DIVISÃO DO HOMEM

De acordo com o antropólogo francês Louis Dumont (1993, p. 46), uma importante concepção de indivíduo aparece com os primeiros cristãos e a partir daí sofre uma lenta transformação até a época de Calvino, adaptando-se aos tempos modernos. Os cristãos mutilaram o homem, dividindo-o em um sujeito temporal, preso a este mundo, e o ser moral, preocupado com os juízos de valor. A religião cristã vem enfatizar o lado espiritual do homem, pois acredita na existência de outro reino diferente desse mundo. O homem se encontra em uma situação de ambivalência: preso à esfera mundana, deve passar por esta etapa a fim de alcançar o reino eterno, podendo ser finalmente feliz. Na realidade, os dois reinos se completam, sendo um condição do outro. Esta imagem retira do cristão a preocupação com sua existência no mundo temporal, contribuindo para o conformismo em relação ao mundo onde vive. O cristão se sente mais aliviado e encontra uma razão para o seu sofrimento - sua resignação é de fundamental importância para a entrada no reino dos céus. Esse mundo se torna um palco

temporário e sua relação com os homens se faz diante de um Deus todo poderoso. Um sentimento de renúncia o caracteriza e sua preocupação com sua elevação espiritual não pertence ao mundo temporal: para a alcançar, percorre uma caminhada solitária da qual fazem parte apenas ele e Deus. O mundo é visto como instrumento e obstáculo para seu progresso espiritual e o combate se trava internamente.

Tal maneira de encarar o mundo temporal perdura por quase toda a idade média, impregnando o homem de um sentimento de inevitabilidade e permanência das relações sociais. Ao mesmo tempo, há uma transitoriedade em relação à vida de cada um, pois sua passagem pelo mundo é efêmera e será recompensada em outra dimensão. Tudo isso contribui indiretamente para a formação de um “homem não-social”, ou seja, despreocupado com sua posição no mundo temporal. Desenvolve-se uma separação cada vez maior da realidade social, que o volta exclusivamente para seu desenvolvimento espiritual². Encontram-se dois homens: um ser temporal e um espiritual. Há muitas vezes incerteza em relação à justiça dos homens, mas há total confiança na justiça divina, na felicidade depois da morte. Esta postura foi bastante útil para manter o sistema medieval por muitos séculos. Não havia muitas opções, porque a estrutura social era relativamente estática e o homem medieval não cortou os laços de sua segurança, portanto era, em geral, um homem infantil. Estas condições contribuíram para que a dominação enfrentada pelo homem medieval fosse além das circunstâncias econômicas e sociais, relacionando-se muito mais com a concepção que tinha de sua própria existência no mundo. A procura pela

² Esse tipo de análise consiste evidentemente em uma tipificação de características gerais presentes na cristandade medieval – algo que não necessariamente deve ser aplicado a todos os casos.

liberdade, independência e até mesmo pela possibilidade de justiça social era desprezada pela crença de que tudo isso seria obtido numa vida posterior à morte. Tal maneira de encarar a si mesmo e ao mundo possibilitou a formação de um homem conformista.

Com o movimento da Reforma da Igreja Católica e as mudanças decorrentes do modo de produção, o indivíduo se transforma e se reencontra com o mundo. Cansa de esperar por Deus e decide ir ao seu encontro. Sua vontade é concretizada através dos passos que são de sua responsabilidade, mas permitidos por Deus, sendo a vocação humana a glorificação divina. Seu trabalho e sua determinação são suas armas para este encontro e seu sucesso é a aquiescência divina. A vocação do homem é seguir o caminho que foi traçado por Deus. Sua vontade coincide com o próprio desejo divino, seu mandamento foi internalizado, imposto como condição de felicidade. A felicidade e sua realização se encontram em um mesmo mundo. “o campo está completamente unificado. O indivíduo está agora no mundo, e o valor individualista reina sem restrições nem limitações. Temos diante de nós o indivíduo-no-mundo” (DUMONT, 1993, p.63). Percebe-se que houve um deslocamento na esfera de realização do homem.

Na concepção anterior de indivíduo, o sentido de realização da existência estava totalmente vinculado com o supra-humano e o atemporal. A realização do homem agora é feita no mesmo mundo em que se encontra, porém essa vontade ainda não lhe pertence. O homem da Reforma tem permissão para ser feliz, mas o faz em nome de Deus. Não é permitido-o fazer em seu nome, apenas foi concedida a possibilidade de felicidade para louvar a divindade. Seu trabalho e todo seu esforço serão recompensados de acordo com os desígnios

de um terceiro. “a vontade assim aplicada ao mundo, o fim procurado, o motivo ou a mola profunda da vontade, são fatores estranhos. Por outras palavras, são extramundanos” (DUMONT, 1993, p.67). O homem se tornou uma ferramenta do divino e sua felicidade não era conseqüência exclusiva de suas ações. Eram exigidos esforço, trabalho e dedicação, contudo sua concessão provinha da vontade de Deus. O homem deveria se fazer merecedor de sua felicidade, entretanto sua realização não era de sua competência. Esta nova maneira de encarar a si mesmo e ao mundo foi bastante útil para se adequar aos novos tempos, pois não era possível ficar imune às mudanças que aconteciam nas esferas sociais e econômicas. Uma maior mobilidade social já era possível e houve o impulso para o aparecimento de novos segmentos sociais, mas havia limites. Evidentemente, não era destinado a todos, fazia-se necessário o esforço individual para seguir o caminho escolhido por Deus. Tal postura condizia com a exigência de novos trabalhadores na área comercial e industrial e muito contribuiu para o seu desenvolvimento.

Com o fomento destes aspectos, havia a necessidade de maior participação das ciências. O movimento iluminista é a expressão maior deste novo despertar e as luzes trazidas pela ciência causam um novo efeito no homem. A razão humana é o novo guia para o estabelecimento das novas regras sociais, passando a direcionar as ações humanas. O progresso científico e o industrial ganham um enorme impulso, a produção se expande rapidamente. O homem trabalha pelo progresso e pelo desenvolvimento de sua sociedade. Dono de si, portador de sua própria razão, empenha-se em atividades que ajudam no progresso social do qual faz parte. As condições materiais e científicas se desenvolveram de maneira extraordinária, envolvendo sempre e de

forma crescente o homem. Cada vez mais seu empenho e seu trabalho são necessários. Sua contribuição vai mais além, sua potencialidade é direcionada ao bem-comum, sua vontade é apropriada em nome do convívio social. Logo, para gozar desse bem-comum, o homem singular deve contribuir, dispor-se a aceitar as regras sociais e em troca ganhará a mesma proteção que outrora fora fornecida pela certeza da existência do reino dos céus e, posteriormente, pela concretização da vontade divina. Esta relação de troca ocorre entre a realização do trabalho desvinculado das potencialidades do trabalhador e a compensação através da segurança e proteção oferecidas pela estabilidade social. Tal relação se fundamenta na disputa entre o princípio da realidade e o do prazer (FREUD, 1997, p.55). Este conflito se expressa pela distinção entre o que se deseja realizar e o que se realiza. Entretanto, estas forças não realizadas não passam despercebidas pelo homem: retornam indiretamente e se fazem sentir através de outras manifestações. Segundo a teoria psicanalítica, “descobriu-se que uma pessoa se torna neurótica porque não pode tolerar a frustração que a sociedade lhe impõe a serviço de seus ideais culturais...” (FREUD, 1997, p.39).

É importante perceber que as potencialidades do homem sempre foram utilizadas de forma desvinculada da sua própria vontade. Há uma divisão estabelecida: o homem tem uma vida social; como trabalhador, desempenha e gasta sua energia no seu ofício; no tempo restante, há um outro homem que pode dedicar-se a si mesmo. Há sempre a necessidade social de justificar o deslocamento desta segunda parte para um plano secundário. A realização de sua individualidade é destinada a outro mundo ou determinada por fatores que não fazem parte de si mesmo. Seu trabalho e sua vida são destinados a outros fatores como a vontade divina ou o progresso social, sendo encarados como

alheios ao homem. São condições que se sobrepõem às potencialidades individuais e são utilizadas em benefícios de outros. É interessante notar que o homem sempre esteve dividido e que a parte destinada a si mesmo quase nunca é apontada como fundamental para seu desenvolvimento, sendo desvalorizada. A disputa entre o princípio do prazer e o da realidade se caracteriza justamente pela preponderância de atividades que se mantêm desvinculadas do homem, longe de seus interesses e colocadas de maneira violenta como necessárias e vitais à sua sobrevivência. Há um contrato de adesão pelo qual o homem singular é levado a acreditar que a questão da manutenção e a da sobrevivência dependem exclusivamente de sua renúncia individual.

Atualmente, o homem também se encontra submetido a essa divisão. Pode até mesmo parecer estranho diante das suas conquistas no campo da política, da ciência e dos outros setores, pois direitos como a liberdade de expressão, de escolha e de locomoção estão presentes e são defendidos na maioria dos países do mundo. O sistema democrático e a valorização do homem e de suas aptidões são alicerces do mundo contemporâneo; restrições a estas prerrogativas são encaradas com bastante intolerância. Todavia, o homem nunca se percebeu tão diluído e dilacerado como hoje e muitas vezes não compreende sua posição no mundo. Viver numa democracia não lhe possibilita mais o direito de a reivindicar. A liberdade concedida também esgota a luta pela sua busca. O homem parece ter alcançado uma posição favorável já que os holofotes estão direcionados a ele, mas sua divisão permanece. Esta dicotomia é sentida, afetando-o durante toda a sua vida. Acontece que esta insatisfação e o seu não reconhecimento no mundo são acompanhados de frustração, por isso

não é desenvolvida sua individualidade, comprometendo sua tentativa de realizar a existência.

A liberdade oferecida ao homem é considerada passiva, pois este não a acompanha e refuta a responsabilidade de agir por si mesmo, criando um abismo entre a “liberdade de” e a “liberdade para” (FROMM, 1978, p.34). A “liberdade de” diz respeito à emancipação de qualquer vínculo, qualquer dependência direta. Quando, por exemplo, a criança não depende mais diretamente dos pais para sobreviver, adquire de certa forma essa liberdade. Há, entretanto, a necessidade da autoridade dos pais para ratificar as escolhas, um mandamento superior que lhe indique os caminhos; quando a pessoa se torna realmente independente, tal confirmação não se faz mais necessária, logo já houve a capacidade de decidir qual o destino que se quer seguir, utilizando a “liberdade para” realizar na prática sua individualidade. A “liberdade para” está relacionada com a capacidade positiva de se tornar indivíduo. A “liberdade de” é o fim de um vínculo mais direto, enquanto que a “liberdade para” corresponde a um amadurecimento emocional, a um crescimento individual no qual se é capaz de se posicionar de maneira mais independente, por si mesmo, como resultado de um desenvolvimento interno. O mesmo aconteceu ao homem cristão de outrora, o qual suspendia o exercício de sua liberdade de escolha e construção de sua felicidade para um momento posterior de sua vida. Da mesma forma, o homem da Reforma da Igreja Católica não consegue se desvincular da autoridade divina e transfere toda a sua responsabilidade para o divino, para algo ou alguém que está além dele. Percebe-se que o homem procura fugir da responsabilidade de se decidir, tendo a propensão de excluir de si a responsabilidade de seguir sua decisão. Acontece que quando essa propensão

encontra condições exteriores favoráveis, a conseqüência pode ser desastrosa. Fromm (1978, p.103) alerta que os efeitos desta exclusão faz o homem se comportar de maneira prejudicial a si mesmo e aos outros, portanto este caráter de alheamento faz surgir mecanismos de defesa como o autoritarismo e o conformismo de autômatos. Estes se caracterizam por serem comportamentos que se fundamentam na destruição e tendem cada vez mais a aumentar, pois “quanto mais obstruído for o impulso para viver, tanto mais forte será o impulso para destruir; quanto mais a vida for realizada menor será o vigor da destrutividade” (FROMM, 1978, p.149). E esta realização só poderá ser efetuada quando o próprio homem decidir como quer viver.

Esses mecanismos de defesa encontrados representam o alheamento de si próprio; o autoritarismo é a capacidade de destinar ao outro a responsabilidade de decidir por ele e, de certa forma, relaciona-se com o conformismo de autômatos. Autoritarismo “é a tendência para renunciar à independência do próprio ego individual e fundi-lo (sic) com alguém ou algo, no mundo exterior, a fim de adquirir a força de que o ego individual carece” (FROMM, 1978, p.103). O conformismo de autômatos é a solução que a maioria dos indivíduos normais encontra na sociedade. “o indivíduo cessa de ser ele mesmo; adota inteiramente o tipo de personalidade que lhe é oferecido pelos padrões culturais e, por conseguinte, torna-se exatamente como todos os demais são e como estes esperam que ele seja” (FROMM, 1978, p.150). Essas duas formas de solução resultam na realização do não-eu, de uma forma adulterada de vida, contribuindo para o homem agir de maneira desvinculada de si mesmo. Não deixa de ser uma propagação da violência, na medida em que esses tipos de relacionamentos são baseados em sentimentos de frustração e

buscam compensar as lacunas provocadas por tal alheamento. O preço a ser pago não poderia ser pequeno: a desistência de si acarreta solidão e um sentimento de impotência diante do mundo. Na há dúvidas de que as conseqüências obtidas por esta maneira de vida são sentidas não apenas por quem as escolheu, mas afetam toda a sociedade.

O perigo maior é o não reconhecimento de tais mecanismos, a idéia de serem essas as únicas maneiras de se viver. É muito provável que a ignorância em relação a si e a situação em que vive seja a responsável por essa alienação. Dessa forma, segundo Fromm (1978, p.150):

A suposição de que a maneira 'normal' de vencer a solidão é tornar-se um autômato contraria uma das idéias mais geralmente difundidas acerca do homem em nossa cultura. A maioria de nós é imaginada como sendo indivíduos que têm liberdade de pensar, sentir, agir como bem entendem. Sem dúvida, esta não é apenas a opinião geral sobre o individualismo moderno, mas também cada indivíduo sinceramente crê que ele é 'ele' e que seus pensamentos, sentimentos e desejos são 'seus'. Contudo, se bem que haja indivíduos de verdade entre nós, na maioria dos casos esta crença é uma ilusão – e por sinal que perigosa – pois impede o afastamento das condições responsáveis por tal estado de coisas.

E é justamente a sociedade de massa que oferece as melhores condições para o desenvolvimento dessa ilusão. Estabelecer quais das duas situações surgiu primeiro é difícil e não vem ao caso, pois o autômato alimenta a sociedade de massa e esta contribui para a conversão do homem em autômato. Graças a este círculo, a sociedade de massa se fortalece e torna mais difícil a tomada de consciência pelo indivíduo. As produções humanas podem ser transformadas em instrumentos de manutenção da sociedade massificada. A arte, a linguagem, a ciência, a filosofia, o trabalho, por serem afetados e afetarem o homem, podem ter suas finalidades alteradas e adequadas à medida em que seus efeitos contribuam ou não para o fortalecimento da uniformização do homem.

A arte auxilia esse círculo quando perde sua capacidade de lidar com o “inútil”, com aquilo que transcende a realidade imediata; seu papel de resistência e de recusa é esquecido, tornando-se mais um negócio a ser realizado. Não há espaço para novos talentos e o prazer espontâneo. O objetivo é reafirmar o gosto do público consumidor. O desejo é pré-estabelecido e, muitas vezes, aparece nas telas do cinema e na propaganda. Cria-se uma falsa expectativa de realização diante das estrelas, dos heróis e das situações apresentadas; qualquer um poderia ser escolhido, mas não é. A sorte ou acaso é uma condição que aproxima e distancia a pessoa comum da celebridade. “Só uma pode tirar a sorte grande, só um pode tornar-se célebre, e mesmo se todos têm a mesma probabilidade, esta é para cada um tão mínima que é melhor riscá-la de vez e regozijar-se (sic) com a felicidade do outro, que poderia ser ele próprio e que, no entanto, jamais é” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.136). Impõem-se a figura da celebridade, seu jeito de ser e seu comportamento, distanciando-se da realidade em que se vive. Paralelamente, cria-se um universo artificial e se passa a vender o prazer que não é original, que é obtido externamente e, por isso, nunca há satisfação, precisando sempre ser renovado. O prazer que não é próprio do homem encontra local e hora para se realizar, semelhantemente ao consumo de uma mercadoria. A estrela de hoje é outra amanhã com pequenas modificações, na troca a esperança se renova, mas os caminhos novamente são preenchidos. A rapidez das imagens dos filmes não dá a oportunidade de uma reflexão. Ao se deter em alguma cena ou diálogo, perdem-se os seguintes. O célere desenrolar dos acontecimentos não possibilita o divagar, um momento de reflexão. O inesperado é contestável, pois sua ocorrência já é esperada e permitida. O homem possui seu lugar determinado, sua participação é

confirmada, no entanto é limitada. “Divertir-se significa estar de acordo. Divertir significa sempre: não ter que pensar nisso, esquecer o sofrimento até mesmo onde ele é mostrado. A impotência é sua própria base” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.135). Permite-se escolher, porém dentro das variantes fixas. “Hoje parece vigorar o ‘Ou – Ou’, mas como se o pior já houvesse sido escolhido” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.206).

Da linguagem são retirados muitas vezes seu real significado e sua capacidade de flexibilidade. Reduzem-se as possibilidades que se encerram na palavra e se vincula a ela um significado que não condiz com o verdadeiro. A utilização acaba domesticando a conjunção lingüística a um fim que não lhe é próprio. Não se trata do seu uso em contextos diferentes, que são permitidos pelo seu significado, entretanto há um desvio quando a utilização se faz em uma situação adulterada e falsa em seu sentido, combinando muitas vezes significados opostos. Busca-se forjar a possibilidade de união entre realidades imiscíveis e de se promover a identificação imediata a um termo que nunca poderia lhe ser próprio. Acontece que o receptor passa a aceitar este termo e o utilizar como verdadeiro. “O fato de um substantivo específico ser quase sempre ligado aos mesmos adjetivos e atributos explicativos transforma a sentença numa fórmula hipnótica que, infinitamente repetida, fixa o significado na mente do receptor” (MARCUSE, 1973, p.98). Os termos se distanciam e passam a representar significados diferentes e adequados a fins alheios aos seus.

A ciência e a filosofia também podem ser utilizadas para corroborar esse círculo vicioso; o distanciamento de suas finalidades originais também contribui para o afastamento do homem de si. Quando é retirada da filosofia sua ligação com o mundo e se passa a tratá-la como pura, credita-se a ela a impossibilidade

de questionar e contrastar “a relação entre modificação e permanência, potencialidade e realidade, verdade e falsidade” (MARCUSE, 1973, p.136). As reações que podem brotar do contraste dessas relações não surgem, pois não há possibilidade de perceber o que se encontra fora da realidade em que se vive. O diferente não se pensa nem se realiza, pois não se é capaz de refletir sobre a modificação, a potencialidade e a verdade; é válido somente um dos pólos da relação, não havendo espaço nem interesse para a discussão. A discussão não encontra sentido, torna-se abstrata e geral, imune às inquietações da existência humana, cega diante do mundo, vazia. A ciência passa a ser sinônimo de dominação quando ajuda a encarar o mundo como uma coisa a ser apropriada. Primeiro, submeteu-se a natureza; posteriormente, o homem; assim, todo o aparato técnico e científico é um fim em si mesmo, caracterizado por um formalismo exacerbado utilizado com o propósito de espoliação. “O homem de ciência conhece as coisas na medida em que pode fazê-las. É assim que seu em-si torna para-ele. Nessa metamorfose, a essência das coisas revela-se como sempre a mesma, como substrato de dominação” (ADORNO; HORKHEIME, 1985, p.24).

O trabalho é a esfera na qual mais facilmente se percebe a divisão do homem. O trabalho é encarado como uma forma de sacrifício necessário para a satisfação e o desenvolvimento das necessidades humanas e sua realização ocorre através da renúncia do homem. Trabalhar é penoso e desvinculado da pessoa que o realiza. Não há satisfação nem gratificação: nega-se totalmente o princípio do prazer. O que torna o trabalho degradante é a falta de identificação com aquilo que é construído na sociedade. O homem não acredita que o fruto do seu ofício é responsável pela estrutura social. O tempo que se gasta no trabalho

é um desperdício, não acrescenta nada em suas faculdades e desejos. Não há uma sincronia entre o trabalho útil para a sociedade e o prazeroso, o desejado por quem o realiza, assim:

Para a esmagadora maioria da população, a extensão e o modo de satisfação são determinados pelo seu próprio trabalho; mas é um trabalho para uma engrenagem que ela não controla, que funciona como um poder independente a que os indivíduos têm de submeter-se se querem viver. E torna-se muito mais estranho quanto mais especializada se torna a divisão do trabalho. Os homens não vivem sua própria vida, mas desempenham tão só funções preestabelecidas. Enquanto trabalham, não satisfazem suas próprias necessidades e faculdades, mas trabalham em alienação (MARCUSE, 1973,p.58).

Não poderia ser outro o palco ideal para a presença do enorme abismo diante do qual o homem se defronta com ele mesmo. A sociedade de massa apresenta uma contradição fundamental: a desvalorização dos interesses particulares por meio de sua valorização máxima – trata-se da idéia de que o homem deve e pode alcançar seus objetivos e seus desejos mediante seu próprio esforço, desde que escolha dentro das possibilidades oferecidas pela sociedade. Esta realização ocorre de forma adulterada, pois não é o homem quem escolhe. Além disso, cria-se uma enorme barreira entre aquilo que é público e o que é privado, ao mesmo tempo em que, paradoxalmente, aniquilam-se suas peculiaridades, pulverizando-se o espaço público, o qual passa a ser caracterizado como um espaço de ninguém. Há uma inversão de valores na sociedade de massa, logo se desvaloriza o interesse privado através da sua supervalorização e, ao mesmo tempo, permite-se o desenvolvimento de uma postura egoísta, denominada de “individual”, que se volta totalmente para um “subjetivismo” exacerbado, que acaba não contribuindo com o desenvolvimento de ninguém. Forma-se uma esfera ao redor do indivíduo que dificilmente levará a algum lugar, por isso o homem se volta aos mecanismos de defesa a que Fromm se referiu. Da mesma forma, essa redoma isolada que o indivíduo forma

em torno é baseada, de acordo com Sennet (1998, p.272), em um narcisismo e um sentimento de destrutividade. Inesgotavelmente, a preocupação permanece em torno do eu e daquilo que se pode ter e possuir. Constrói-se uma enorme barreira entre essa esfera individual e a social, como se novamente o homem deixasse de possuir uma dimensão social, uma vez que o que ocorre na sociedade não tem relevância para a felicidade individual. Cumpre-se o papel social através do trabalho, mas a busca é individual, não tendo relação com a sociedade. Esta contradição se instala de maneira difícil até mesmo de ser criticada, pois pode ser confundida com o desrespeito ao desenvolvimento individual. A inversão e a confusão de valores são necessárias para barrar as modificações sociais, logo se tem a impressão que é possível a modificação através deste movimento solitário. Assim:

..., a crença nas relações humanas diretas em escala intimista nos seduz e nos desvia da conversão de nossa compreensão das realidades e do poder em guias para nosso próprio comportamento político. O resultado disso é que as forças de dominação ou a iniquidade permanecem inatacadas” (SENNET, 1998, p.414).

Diante disso, não há dificuldades de o homem, já imerso nestas circunstâncias, ser condescendente com essa estrutura social. Há uma dificuldade de ser autêntico, assim como permanece a ilusão de crer em algo que apenas aparenta ser, mas que na realidade não diz respeito à originalidade do homem. Esta procura propicia um ambiente de competição e rivalidade e prejudica a relação do homem com os outros homens, portanto se encara o outro como um rival, uma pessoa que pode tomar sua felicidade. O homem passa a temer o outro, pois se sente ameaçado por ele e seu comportamento passa a ser guiado pelo sentimento de posse. Ter mais significa se tornar mais poderoso, menos vulnerável à presença do outro. O homem passa a viver um

exaustivo estado de tensão, posto que não confia em si, mas apenas nas coisas que pode adquirir. Somente elas são capazes de restaurar a confiança e a capacidade de se sentir realizado. Com isso, o modo de se relacionar com a vida se constitui na forma de possuir, de consumir, de reverter para si aquilo que lhe falta. Não há outro sentido que não seja este e o mundo é encarado desta forma, por isso se procura ter educação, ter alguém, ter amigos, ter uma família, ter um trabalho.

Inserido em uma sociedade em que são oferecidas poucas condições de se perseguir uma existência autêntica, o homem se encontra dividido entre aquilo que é e o que deveria ser, tendo dificuldade de perceber a distinção entre aquilo que é real e o que é aparente. Tal falta de clareza se reflete em sua própria existência, logo o homem passa a perseguir aquilo que é eleito pela sociedade, sendo apenas uma ilusão para sua felicidade. Não lhe é permitido a oportunidade de pensar sobre como e o quê quer perseguir. Esta busca leva a uma eterna insatisfação em relação a si mesmo, por isso sempre estará em busca daquilo que julga ser seu ou de como deveria ser, mas que na realidade não lhe diz respeito. Não se fala aqui do determinismo do homem pela sociedade, mas da tendência de o homem singular se adequar aos modelos fornecidos pela sociedade em que vive, encarando-os como naturais. Todavia, tal postura não é imutável, “a questão resume-se em saber até que ponto o indivíduo pode suportar a resignação sem se desintegrar” (MARCUSE, 1978, p.211).

1.2 AFINAL, O QUE É O INDIVÍDUO?

É difícil traçar uma definição do que seja indivíduo. Seria arbitrário eleger um modelo e tachá-lo como o adequado. Opta-se aqui por mostrar o que é o não-ser e se há algo que sinalize a tentativa de uma existência autêntica. Será utilizado o contraste entre o ser e o não ser.

Para representar o não-ser, a figura da massa é bastante útil. A massa ou a multidão é um aglomerado de homens. Algumas características predominam como um sentimento de irracionalidade, a uniformidade, a falta de independência e iniciativa entre seus membros. Há uma relação de dependência entre os homens que a compõem e o elo que une todos os membros. Segundo Freud (1969, p.119), esse conjunto é denominado grupo e pode aparecer sob diversas formas.

Não resta dúvida de que o homem é um ser que necessita viver em grupo, o homem primitivo sobreviveu às adversidades da natureza e só alcançou êxito devido, justamente, a esta união, posto que, dada a sua fragilidade física, só restou ao homem se fortalecer pela união. O grupo é responsável por algumas conquistas da humanidade como a linguagem e arte. Todavia, algo pode

acontecer ao homem no grupo, que contribua para o surgimento do não-ser, ou seja, da transformação do homem em um membro diluído e insignificante ao grupo do qual faz parte. Assim,

partimos do fato fundamental de que o indivíduo num grupo está sujeito, através da influência deste, ao que com freqüência constitui profunda alteração em sua atividade mental. Sua submissão à emoção torna-se extremamente intensificada, enquanto sua capacidade intelectual é acentuadamente reduzida, com ambos os processos evidentemente dirigindo-se para uma aproximação com os outros indivíduos do grupo; e esse resultado só pode ser alcançado pela remoção daquelas inibições aos instintos que são peculiares a cada indivíduo, e pela resignação deste àquelas expressões de inclinações que são especialmente suas (FREUD, 1969, p.113).

Logo, surgem algumas alterações no comportamento do homem que são percebidas quando este se encontra inserido em um grupo; situações que antes jamais seriam realizadas contam com a possibilidade de sua concretização. Há uma identificação do homem com os outros membros e com o líder; o grupo se mostra acolhedor por apresentar outras pessoas em situação semelhante e propicia uma certa segurança entre eles. O líder é admirado por todos os membros, é alguém forte e poderoso que ao mesmo tempo é desejado por seu amor, sua proteção e sua posição. Quando não há um líder visível, o desejo de identificação é encontrado em um modelo que é estipulado e ratificado por todos, um comportamento que passa a ser sugerido e perseguido pelos membros através de uma autoridade anônima. Percebe-se portanto que duas características importantes marcam o grupo: uma relação de mimetismo entre os membros e um sentimento de sugestibilidade. Desse sentimento irá ocorrer a relação de mimetismo; na realidade, é esta atmosfera de disponibilidade e aceitação recíproca entre os membros e seu líder que irá fortalecer os alicerces para a dissolução do indivíduo no grupo. Assim,

Não há dúvida de que existe algo em nós que, quando nos damos conta de sinais de emoção em alguém mais, tende a fazer-nos cair na mesma emoção; contudo, quão amiúde não nos opomos com sucesso a isso, resistimos à emoção e reagimos de maneira inteiramente contrária? Por que, portanto, invariavelmente cedemos a esse contágio quando nos encontramos em grupo? (FREUD, 1969, p.114).

Essas duas condições marcam o comportamento uniformizado conferido pelo grupo. Da mesma forma, são situações que fundamentam os mecanismos de defesa mencionados por Fromm (1978, p.150) e os sentimentos de narcisismo e destrutividade mencionados por Sennet (1998, p.294). O mimetismo é a cópia, é quando “se adota inteiramente o tipo de personalidade que lhe é oferecido pelos padrões culturais e, por conseguinte, torna-se exatamente como todos os demais são...” (FROMM, 1978, p.150). Logo, ocorre a apropriação de valores e comportamentos que não correspondem, não são próprios ao homem como um ser individual, mas são adquiridos como “autênticos” e correspondem a uma maneira segura de relacionamento, posto que o mesmo é confirmado pelo grupo. Logo, ao participar do grupo em tais condições, o homem pertence como um membro semelhante aos demais; sendo apenas mais uma parte insignificante na sua composição, sua falta não é sentida, podendo ser substituído por qualquer outro membro sem nenhum prejuízo ao grupo.

O mimetismo se concretiza através do sentimento de sugestibilidade. Este é a imposição de comportamento através de uma opinião, quando se “sugere” algo que é acatado. Na realidade, a reação à sugestão pode ir do ódio à aceitação total, cabendo a quem recebe decidir como irá encará-la. Estas duas posições se baseiam na mesma reação; revolta-se porque se acredita que há

algo que, mesmo sem a sua aquiescência, deve-se aceitar; e se aceita quando não se tem nenhuma contra-sugestão, não havendo outra alternativa. Odiar e aceitar acabam sendo a mesma forma de acatar a sugestão, apenas por caminhos “diferentes”, sendo o resultado o mesmo. Esta postura de ódio e aceitação é semelhante aos sentimentos que cercam o líder ou a autoridade anônima; ama-se e se busca ser amado pelo líder, ao mesmo tempo em que se deseja tomar o seu lugar. Este é o mecanismo que permeia o homem no grupo.

Ao acatar a sugestão, o homem demonstra essa contradição: quer a segurança proporcionada pelo grupo, mas deixa de lado sua parte individual e exclusiva, que apenas o líder possui. Ao líder é conferido o poder e a responsabilidade de decisão, e a sugestão se transforma em uma imposição. É uma submissão rancorosa já que não se faz de forma livre e espontânea e sim por se acreditar que não há outra opção ou que esta é inevitável. Dessa forma, a sugestão se tornou um imperativo que se concretiza sem uma coerção externa, sendo aceita prontamente por um homem livre. Diante disto, o grupo se torna nefasto, pois contribui para “a falta de independência e iniciativa de seus membros”, caracterizando-se pela “semelhança nas reações de todos eles, sua redução, por assim dizer, ao nível de indivíduos grupais” (FREUD, 1969, p.149). Este tipo de inserção do homem no grupo em nada contribui para seu desenvolvimento. Sua presença não é sentida como necessária à formação do todo, no entanto é preenchida sem nenhum propósito, desvinculada das características que fazem do homem um ser único e especial e, desta forma, sua contribuição e sua participação no grupo são facilmente descartáveis. O oposto aconteceria se no grupo ocorresse a participação ativa e original de cada membro, ocasionando o real desenvolvimento por parte de cada um. Logo, o

todo não seria apenas uma soma de seus membros, mas uma realidade construída através da cooperação de todos.

Assim, é delicado estabelecer um conceito de indivíduo sem cair no mesmo risco da “sugestão”. Entretanto, pode-se arriscar no sentido de vislumbrar um conceito, apelando para a oposição diante da massa. Como esta se caracteriza pela uniformidade de seus membros, o oposto seria um indivíduo único e isto só se realizaria por meio da autoconsciência. Não se quer aqui levantar a bandeira de que o homem pode e deve viver isolado, porém que grupos sejam formados à medida que sejam possíveis a existência de contra-sugestões e um sentimento de cooperação. Dessa forma, os grupos podem ser formados de maneira construtiva e consciente.

Logo, o que gira em torno do indivíduo é sua capacidade de autoafirmação, de buscar aquilo que realmente lhe é essencial, partindo de uma existência aparente a uma existência autêntica, com a capacidade de aceitar ou não as sugestões provenientes da sociedade em que vive, de decidir por sua participação ou não em um grupo ou em vários grupos, enfim, de responder pelas suas decisões. Essa escolha se relaciona com cada homem, pois cabe exclusivamente a cada um a disposição de alcançar a si mesmo. Em situações externas favoráveis, o indivíduo é o principal agente, sendo insuficiente o esforço de outra pessoa. O homem deve aprender a dialogar com sua própria consciência, sendo esta “uma reação de nós face a nós mesmos” (FROMM, 1983, p.139).

Portanto, “só é indivíduo aquele que se diferencia a si mesmo dos interesses e pontos de vista dos outros, faz-se substância de si mesmo,

estabelece como norma a autopreservação³ e o desenvolvimento próprio” (HORKHEIMER; ADORNO, 1973, p.52).

É interessante observar que a simples inserção do homem em um grupo ou sua participação em vários grupos não é responsável pela sua aniquilação através da uniformidade que o grupo pode ou não proporcionar. Não se entende aqui que o grupo possua poderes que transformam o homem individual em um agente da barbárie, ou seja, o homem “saudável” passe a ser “nocivo” graças à influências dos outros. Pelo contrário, o que se levanta aqui é justamente a disponibilidade que existe em alguns homens para se adequar tão bem às propostas ou sugestões que são lançadas pelo grupo da mesma forma que a “maioria” pode contaminar e reverter posições que antes eram defendidas e partir sempre do pressuposto de que é portadora da razão. A combinação entre a disposição individual sem reservas e o norteamento oferecido pelo grupo resulta no que se pode chamar de não-indivíduo, encontrando solo fértil na sociedade de massa. As condições oferecidas pela sociedade em que o homem habita podem ou não contribuir para a formação de autômatos ou de homens livres, mas não é só isso que o faz. Sua própria capacidade de posicionamento, negando ou aceitando as convenções sociais, irá depender unicamente de si mesmo. O que poderia ser feito é auxiliar seu fortalecimento através da incitação de dúvidas e questionamentos sobre si mesmo e sobre as circunstâncias ao seu redor. Neste caso, a educação poderá desempenhar um papel verdadeiramente

³ Em O mal estar na civilização, Freud (1997) denomina o homem como possuidor de um autêntico sentimento de autopreservação, que seria justamente o impulso que o empurraria para a preservação e a formação da vida. Há um conflito interno no homem entre esse impulso e a tendência para a morte. Neste caso, nesta concepção de indivíduo, a autopreservação se refere a esse legítimo impulso de afirmação presente no homem.

educativo, à medida que a escola seja uma instituição de resistência e de fortalecimento do ser humano.

**CAPÍTULO 02 – A relação entre a educação formal e a
formação humana**

2. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No capítulo anterior, utilizaram-se como exemplos algumas manifestações sociais como a arte, a linguagem e o trabalho e como elas podem ser utilizadas desvinculadas de seu próprio fim, servindo de meio para interesses alheios aos seus. O mesmo pode acontecer com o processo educativo - poderá ocorrer a desconexão entre aquilo que é proposto e o que realmente é efetuado na prática. Entretanto, antes de se entrar nesta discussão, pretende-se aqui discutir alguns pontos sobre educação em geral, educação formal, formação do sujeito e as relações que delas provém.

É bastante comum a utilização da palavra educação. Fala-se de educação para tudo: educação física, educação artística, educação sexual, educação religiosa, educação doméstica, etc. Geralmente, nestes casos, o que irá definir o que realmente se pretende é a segunda palavra, aquela que acompanha o substantivo educação. O substantivo representa em todos esses casos a idéia de transmissão de saberes que irão variar de acordo com o assunto que se segue. Por outro lado, o exemplo também demonstra como uma só palavra pode remeter a uma diversidade de assuntos. Na realidade, a questão que a palavra educação traz é a disponibilidade do querer saber, do movimento crescente relacionado com os saberes; por isso, a educação pode dialogar com todas as

dimensões e interesses do homem. Como o homem está inserido em um mundo onde a produção de valores, conhecimentos e idéias não cessam, sempre há a possibilidade de se aprender. A palavra educação passa a significar qualquer aprendizado realizado em qualquer momento e em qualquer lugar. A educação, neste sentido, é vista de uma maneira geral, sendo tudo aquilo que contribui para o desenvolvimento do homem.

Devido à amplitude desse conceito, é bastante comum ouvir que educação é tudo e tudo é educação. Em certo sentido, não há como negar essa afirmação, embora não seja válido a aceitar tão rapidamente, pois o próprio conceito de educação pode se tornar vulnerável, uma vez que seu sentido se esvazia. O aceitar tão prontamente pode ser arriscado, pois torna o conceito de educação vulnerável, esvaziando-o. A própria complexidade que o termo educação pode alcançar vem da complexidade do homem, da variedade de interesses que o cercam. Não poderia o termo educação ficar restrito ou preso a um ou a alguns assuntos. O termo educação é amplo, pois são amplas as dimensões humanas. Por isso, a educação abrange várias temáticas que vão além das tratadas na escola.

Adiciona-se o adjetivo formal à educação quando esta passa a se referir à cultura escolar, ao processo de aprendizagem que é realizado em um local específico e durante um espaço de tempo determinado com saberes eleitos pela sociedade para serem repassados às novas gerações. Há uma escolha dos conhecimentos que irão ser repassados na escola. Limites foram estabelecidos à educação para se atender em algumas necessidades priorizadas pela sociedade. Dessa forma, “educar, ensinar, instruir supõem sempre num momento ou noutro avaliar, preferir, escolher” (FORQUIN, 1993, p.140). Há um

sentimento de intencionalidade que nutre a educação e a caracteriza essencialmente. Não se trata simplesmente de habilitar a criança a se tornar um adulto e viver no mundo, ou melhor, trata-se disso, mas com toda a responsabilidade que este crescimento e desenvolvimento envolvem, abarcando suas principais dimensões.

O pensador espanhol Angel Gómez (1997, p. 45) atribui à escola três funções essenciais: a social, a política e a educativa.

A primeira diz respeito justamente à transmissão desses conhecimentos, isto é, aos que foram tidos como fundamentais à inserção do homem na sociedade, tornando-o ciente das regras de convivência que regem a sociedade e de seus saberes. A função política se relaciona com a prerrogativa do serviço obrigatório e gratuito a todos. Da mesma forma, contribui para a atuação do homem nessa sociedade, dotando-o de ferramentas úteis para relacionar os conhecimentos obtidos na sua prática, no seu mundo, e para se movimentar na sociedade. Finalmente, a função educativa diz respeito à formação moral do homem, aos valores que são pregados e vividos na sociedade; enfatizando a atividade reflexiva. Percebe-se portanto a presença de um viés fundamental que perpassa a educação formal, uma intencionalidade em sua atuação. Esse viés é inerente à própria educação formal e a caracteriza, diferenciando-a dos processos de socialização. A educação formal é marcada pela intencionalidade no ato de educar, sendo este seu alicerce fundamental. Sem este pressuposto, há um esvaziamento de seu sentido, podendo ser considerada um meio para quaisquer outros fins alheios aos seus.

Neste capítulo, tentar-se-á caracterizar as três funções que a escola comporta, enfatizando a função educativa. Esta será entendida como a parte da educação formal que tratará da formação humana.

2.1 AS FUNÇÕES DA EDUCAÇÃO FORMAL

Nota-se que é próprio da educação formal a existência de objetivos que a caracterizam, diferenciando-a da educação em geral. Serão consideradas aqui como suas metas as três funções estabelecidas pelo pensador Angel Gómez (1997, pp.45-65).

A primeira delas é a função social. A escola é marcada pelo encontro de indivíduos provenientes de diferentes setores da sociedade, relações são estabelecidas, ocorrendo uma interação entre os indivíduos. Um maior contato é estabelecido entre os alunos e há a descoberta de regras de convivência social. Além desse contato, são repassados conhecimentos essenciais para a inserção do indivíduo na sociedade. Os saberes transmitidos são os eleitos pela sociedade e visam a proporcionar o mínimo, mas o suficiente, para que o homem se integre à sociedade. A função social da escola possui duas vertentes, que se traduzem pela socialização das gerações mais novas em relação ao conhecimento já disponível e pela sua interação de cada um dos membros com os demais. A função socializadora diz respeito à apresentação dos significados que o mundo representa, os quais são repassados às novas gerações pelas mais velhas. A escola é impregnada pelos valores culturais vividos na sociedade e proporciona o seu intercâmbio. Esse contato é fundamental, pois possibilita o

início da construção da própria autonomia do indivíduo; neste sentido, “a escola desempenha papel muito importante por ser o primeiro ambiente em que a criança encontra fora da família” (JUNG, 1986, p.59). Nele, serão desenvolvidas as capacidades de participação, cooperação, concorrência, solidariedade, disputa e tantas outras. Enfim, novas relações são vividas e novas posições são tomadas diferentes das estabelecidas na esfera familiar. Haverá um desenvolvimento relacionado com o crescimento interno do indivíduo, assim como será ampliada a percepção do outro e do mundo.

Toma-se portanto consciência da existência de um mundo já construído que está sendo apresentado através da escola. Trava-se contato com valores, conhecimentos, expectativas do grupo, pensamentos, tradições, pois “não há povo em que não exista certo número de idéias, sentimentos e práticas que a educação deve inculcar a todas as crianças, indistintamente, seja qual for a categoria social a que pertençam” (DURKHEIM, 1978, p.39). Tal descoberta também faz parte da formação da identidade. Situar-se no mundo a que irá pertencer e conhecê-lo como é, fora de suas relações familiares, é essencial para o desenvolvimento do indivíduo. Esta função que a escola desempenha é a mais conhecida, sendo a ela, muitas vezes, reduzido o seu fim. Desta forma, educação passa a ser sinônimo de socialização, como se pode observar neste conceito:

A educação é a ação exercida, pelas gerações adultas, sobre as gerações que não se encontram ainda preparadas para a vida social; tem por objetivo suscitar e desenvolver, na criança, certo número de estados físicos, intelectuais e morais, reclamados pela sociedade política, no seu conjunto, e pelo meio especial a que a criança, particularmente, se destine (DURKHEIM, 1978, p 40).

Apesar de Durkheim se referir a “certos estados físicos, intelectuais e morais”, percebe-se que esses estados e o fim último da educação se relacionam com a

habilitação da nova geração a uma atuação esperada e que seja realizada de maneira mais eficiente na sociedade, como se fosse esta a razão única da educação formal. A educação formal acaba sendo reduzida a um processo de socialização.

A segunda função é a política, na qual se valoriza o desenvolvimento do homem como ser atuante na sociedade, surgindo a figura do homem como cidadão. A idéia de cidadão é utilizada de duas formas: a primeira se refere à escola como um serviço público, obrigatório e gratuito, que tem por objetivo diminuir as diferenças proporcionadas pela sociedade; a segunda consiste em capacitar o homem para atuar na sociedade através e sendo portador dos conhecimentos obtidos na escola. Essa função é interessante, pois fornece ao indivíduo a possibilidade de se perceber como um agente ativo na sociedade em que vive. Além de receber as instruções sobre como o mundo se encontra ou funciona, relativo à função social, a função política é responsável pela possibilidade de movimentação do indivíduo no mundo, como agente transformador do mundo ao qual pertence. Atualmente, essa função se encontra bastante valorizada, pois as democracias ocidentais contribuem e exigem, pelo menos aparentemente, a participação do cidadão. Desta forma, cidadão é aquele que recebe o serviço público educativo, e retorna à sociedade capacitado para aplicar os conhecimentos aprendidos. O homem deve adquirir as competências necessárias para fazer sentir sua participação como agente social, solucionando os problemas reais e os que ainda irão surgir. O homem deve se tornar mais flexível e, por isso, não deve esperar apenas as ordens e determinações do Estado, deve se dispor a se movimentar no mundo e agir para obter melhores condições de vida, fazendo valer todos os seus direitos e suas

prerrogativas. A noção de competência diz respeito justamente à habilidade de superação das dificuldades, aplicando os conhecimentos obtidos e verificando a melhor forma e a mais prática de manipular o conhecimento adquirido, pois é através da “possibilidade de relacionar, pertinentemente, os conhecimentos prévios e os problemas que se reconhece uma competência” (PERRENOUD, 1999, p.32). A competência se relaciona com a capacidade que o cidadão deve ter de se adaptar, de se encontrar preparado para enfrentar e vencer quaisquer situações. Essa função tem por objetivo proporcionar a todos os alunos oportunidades iguais para fazer valer seus direitos na sociedade e transformar todos os homens em cidadãos.

Observa-se que essas duas funções da escola são as mais difundidas, sendo encaradas com maiores preocupações. Na realidade, gozam de maior *status*, pois são capazes de dotar o homem de ferramentas adequadas a sua participação e inclusão social. É verdade que representam os objetivos mais imediatos da educação; mas, por outro lado, podem ser mais facilmente desviadas de seus fins.

Quanto à função educativa, esta se refere ao próprio cerne da escola., sendo o que irá distingui-la do mecanismo de socialização. Esta prerrogativa se relaciona com a essência valorativa transmitida pela escola e é através dela que há a possibilidade de os sujeitos se manterem vigilantes sobre os rumos que a educação formal pode tomar.

A função educativa se relaciona com o movimento de reflexão, de onde e como o homem pretende chegar e atuar no mundo. Trata-se da formação do indivíduo e dos valores que são priorizados na sociedade à qual pertence. É a esfera em que o indivíduo irá construir a si mesmo, formando sua identidade,

seus valores, sua maneira de pensar, sentir e agir. A partir daí, haverá a possibilidade de o aluno se relacionar de maneira mais íntima com o conhecimento, sendo capaz de o reconstruir e o direcionar de maneira autônoma e independente. Essa função se relaciona com a formação moral do homem, contribuindo para seu fortalecimento como indivíduo e o direcionando para a prática das virtudes. A escola se fará educativa quando seus alunos contarem com a possibilidade de reconstrução de seu próprio pensamento através da capacidade de reflexão em relação a si mesmo, ao mundo em que vivem e aos outros homens. Dessa forma, haverá o desenvolvimento das potencialidades do indivíduo e o comprometimento por parte da escola com a formação humana. Afinal, “o que adianta uma grande inteligência unida à inferioridade moral?” (JUNG, 1986, p.147).

2.2 FORMAÇÃO HUMANA

A relação da educação com a formação humana não é uma preocupação dos tempos atuais. Quando o pensador espanhol Angel Gómez (1997, p.45) levanta e reivindica a existência correlata das três funções da escola, admite que há uma enorme dificuldade de se alcançar a função educativa. Em muitos países, há a dificuldade de cumprir até mesmo com a segunda função da escola, como se pode verificar pelos altos índices de analfabetismo, no Brasil inclusive. Entretanto, o que dificulta e diferencia a realização da terceira função da segunda é a forma como são encaradas essas duas funções. A função política parece ser valorizada, pois há um elo de utilidade em seus objetivos, posto que a visão do homem como um cidadão é a “nova” maneira encontrada para garantir ao homem sua inclusão na vida social, uma vez que a escola parece fornecer competências que serão utilizadas para este propósito. Assim, pode-se entender o motivo para a imensa valorização dada à informação e ao conhecimento atualmente. Por outro lado, a formação humana é tida muitas vezes como intrusa na esfera da educação formal, cabendo à família a responsabilidade de repassar os valores que norteiam os atos humanos, retirando da escola a responsabilidade da formação do caráter humano. A mediação reflexiva é

desvalorizada, pois é tomada por uma inutilidade e ineficácia nas relações cotidianas do homem.

A dificuldade de concretizar essa função também denuncia os valores que são considerados fundamentais na sociedade em que a escola se encontra inserida. A função educativa se confronta com os valores que são trazidos por seus alunos decorrentes de outras relações que são por eles vivenciadas como as relações familiares, de vizinhança, em alguns casos, relações de trabalho e tantas outras. De qualquer forma, o aluno não chega à escola desprovido de valores. Estes se originam da própria trajetória vivida por cada um, na qual haverá a participação de fatores biológicos, psicológicos e sociais. Os valores que permeiam a sociedade entram na escola e, graças à função educativa, podem ser repensados. Daí a importância que a escola adquire quando possibilita a função educativa. Todavia, Gómez (1997, p.61) constata uma certa dificuldade da escola em desempenhar tal função quando esta se encontra inserida em uma sociedade que prestigia valores contrários a um pensamento reflexivo e autêntico. As características apresentadas pela sociedade atual acabam constituindo uma barreira para o exercício de uma atividade educativa. Várias características levantadas por este autor, que denomina de pós-moderna a sociedade atual, contribuem para a formação de um homem que é regido por um pensamento amorfo, amoral e débil, demonstrando que falta muito para a escola cumprir com sua função educativa (GÓMEZ, 1997, p.50).

Entretanto, não é somente na sociedade pós-moderna que este alerta pode ser escutado. Immanuel Kant, ao desempenhar o papel de professor na Universidade de Königsberg, lançou o mesmo grito, registrado em alguns de seus escritos educacionais redigidos na segunda metade do século dezoito

como notas de aulas ministradas aos alunos sobre a ciência pedagógica. Nessas aulas, Kant destaca a importância de passar às crianças ensinamentos que contribuam para a formação moral do homem, relacionando-se com a função educativa. Assim, menciona que se vive “em uma época de disciplina, de cultura e de civilização, mas ela ainda não é a da verdadeira moralidade” (KANT, 1998, p.28). Esta preocupação, que muito se aproxima da do pensador espanhol, diz respeito ao desprezo à função educativa na própria escola e a como é desvalorizado o próprio caráter educativo dentro dela.

Ademais, Kant expressa sua preocupação com a formação humana quando analisa e estabelece três preocupações que a educação deve abarcar, estabelecendo que a educação consiste em:

- 1) Ser disciplinado. Disciplinar quer dizer: procurar impedir que a animalidade prejudique o caráter humano, tanto no indivíduo como na sociedade. Portanto, a disciplina consiste em domar a selvageria.
- 2) Deve o homem se tornar culto. A cultura abrange a instrução e vários conhecimentos.
- 3) A educação deve também cuidar que o homem se torne prudente, que ele permaneça em seu lugar na sociedade e que seja querido e tenha influência.
- 4) Deve, por fim, cuidar da moralização. Na verdade, não basta que o homem seja capaz de toda a sorte de fins; convém também que ele consiga a disposição de escolher os bons fins. Bons são aqueles fins que são aprovados necessariamente por todos e que podem ser, ao mesmo tempo, os fins de cada um (KANT, 1996, p.26).

Percebe-se que, segundo este pensador, são quatro as dimensões da educação do indivíduo, não podendo ser desprezada ou privilegiada nenhuma delas. A cultura mecânica diz respeito à disciplina, relacionando-se com a própria questão da sobrevivência. Ser disciplinado diz respeito ao domínio da selvageria, à parte negativa da educação, de domínio dos impulsos animais. Sem ela, o homem se desvia de sua humanidade, correndo o risco de se colocar em apuros ou em perigo em certas situações. A disciplina transmitida pela educação tem por objetivo informar ao homem que há regras estabelecidas para

viver em sociedade, havendo a necessidade de conter seus impulsos e obedecer às leis sociais.

A educação pragmática corresponde à formação do cidadão prudente e do valor público. É o elo entre o homem e a vida social, almejando o desenvolvimento do homem culto e prudente. Diz respeito à instrução, iniciando a parte positiva da educação. Proporciona a civilidade ao homem, que passa a travar contato com os valores culturais. É o próprio modo de proceder na sociedade, deparando-se com bens culturais como a arte, a literatura, as regras sociais; tudo isso possibilitando ao indivíduo se posicionar e encontrar seu papel na sociedade. A educação pragmática concede ao homem as habilidades necessárias para que encontre seu lugar na sociedade.

A formação moral também se encontra como uma das dimensões da educação, abordando a própria constituição do homem e de seu caráter. Além da instrução e da disciplina, há a preocupação com a moralidade do indivíduo, com os valores que irão nortear seus atos. Todavia, não é de maneira desordenada que deverão ser direcionados os atos, há a preocupação de se estabelecer princípios. Estes dizem respeito a todos e a cada um, pois diante da idéia de humanidade, há a regulação e a crítica de si mesmo (KANT, 1996, p.97). Configura-se portanto uma relação do bem com a realização dos atos humanos, guiada pela idéia de uma vinculação entre o homem e a humanidade. Assim, “bons são aqueles fins que são aprovados necessariamente por todos e que podem ser, ao mesmo tempo, os fins de cada um” (KANT, 1996, p.26). Desta forma, faz-se necessária a reflexão realizada pelo homem para poder estabelecer quais são os valores que poderão ser realizados na sociedade que contribuam para a realização do bem-comum.

Nota-se portanto uma ligação entre a educação e a formação do homem, não como parte externa ou estranha, mas como elemento específico. A moralização reflete interesses que o homem tenha por si mesmo e pelos outros, que só serão alcançados através da reflexão e da construção de seu próprio conhecimento.

Todavia, não será apenas em Kant que se relaciona a idéia do bem e a formação do caráter humano como preocupação da educação. Já se encontra em Platão a relação entre a educação e a busca do bem. Entende-se por bem a capacidade de compreender o próprio ser, de apreender a realidade como o oposto das aparências (PLATÃO, 1999, p.289). Para realmente enxergar o teor das coisas, faz-se necessária a presença da luz. Ao bom funcionamento dos olhos, é imprescindível a boa iluminação. Não há como enxergar bem na escuridão. Da mesma forma, como a luz na percepção dos objetos, a educação atua. O homem é capaz de alcançar as virtudes, cabendo à educação o direcionar ao bom caminho, partindo da ignorância à verdade. O comportamento humano tende à realização do bem e da verdade e a educação vem em seu auxílio. Por outro lado, um defeito na educação, a má educação, é responsável pela má formação humana, pela sua deformação, havendo o agravamento das más condutas e o desenvolvimento dos vícios (PLATÃO, 1999, p.200). Logo, diante das duas situações, vislumbra-se o comprometimento da educação com a formação do homem e como pode ser danosa sua desvinculação com o bem. Não cabe aqui encarar a educação como sua salvação e sim como a possibilidade de auxílio no seu desenvolvimento. Há o comprometimento com a descoberta do ser e a percepção da realidade em que se vive. Não é apenas a

luz que faz o olho funcionar, mas, através da luz, poderá haver o seu bom funcionamento.

Em *Ética a Nicômaco*, Aristóteles vincula uma finalidade a todas as ações humanas. Assim como os arqueiros miram suas flechas em alvos, as condutas visam a determinado fim (ARISTÓTELES, 1987, p.09). Há ações que são realizadas por elas mesmas, mas também há outras que são feitas para alcançarem objetivos distintos de sua realização. O sumo bem é portanto aquele que é desejado por ele mesmo e é com base nele que se direciona as ações humanas. Esse bem absoluto é auto-suficiente para todos e para cada um, sendo apenas capaz de ser alcançado por homens bem educados que poderão perceber os fins por si mesmos (ARISTÓTELES, 1987, p.11). Essa capacidade não ocorre de forma natural, faz-se necessário o exercício, o cultivo dos bons hábitos. O encontro com a verdade e o bem irá depender dos atos praticados, sendo imprescindível a orientação. Logo, o encontro da virtude dependerá do direcionamento dado aos atos humanos, assumindo a educação um papel relevante na formação da virtude moral.

Em todas as concepções acima, fica clara a vinculação da educação com a possibilidade de desenvolvimento do ser humano. Não há nada de novo ou estranho na sua preocupação com o fomento da autoconsciência. Em todos os enfoques, o próprio processo educativo está vinculado com a busca da determinação por si mesmo. É a tentativa de compreender o ser e enxergar a realidade; sua realização, porém, não se faz de forma espontânea ou natural; necessita-se de um norteamento que é dado pelo ato de educar. Estes objetivos não devem ser encarados de forma desconexa, como se fossem alheios ao homem e à educação, mas relacionados com o próprio indivíduo, sua formação

e sua vida prática. Ao se compreender educação como formação humana, fica bem próxima sua conexão com o indivíduo. Este liame poderá ser acentuado pelas contribuições oferecidas por ela.

Todavia, não cabe exclusivamente ao processo educativo o desenvolvimento do homem. Não há dúvidas de sua importância, mas a pensar como a única responsável pela sua formação desde já contribui para seu fracasso. Há outras situações que fazem parte da própria formação humana, como a convivência com a família, na sociedade, com os amigos e a vizinhança, enfim, fatores objetivos que diretamente se apresentam na vida do sujeito e trazem elementos para a sua formação através da socialização. A educação está inserida neste contexto, mas não é sinônimo dele. A proximidade e a importância com que a educação formal se posiciona em relação à formação humana é a capacidade que a educação recebida pelo homem pode interferir no seu comportamento. Sua formação é a interação de vários fatores: a constituição biológica, os fatores psicológicos e, finalmente, os fatores provenientes da esfera social. Estas últimas são as influências que se recebe de todos os ambientes sociais ao qual se pertence: são exemplos, valores, tradições que são percebidos e recebidos e, de certa forma, influenciam o comportamento do homem. A função educativa busca reavaliar esses padrões de comportamento, levando ao homem a capacidade de se posicionar em relação a eles. A mediação reflexiva, quando realizada na escola, estabelece a possibilidade de o homem se posicionar diante das convenções de comportamento já estabelecidas e avaliar se quer realmente segui-las ou não.

Portanto, a importância que a função educativa desempenha é propiciar o surgimento de contra-sugestões que direcionem o homem a fins que realmente

desejam. Essas contra-sugestões dizem respeito a si mesmo e ao mundo que o rodeia, pois ao se deparar com circunstâncias que exijam decisões, o homem se volta a seus valores que formam sua personalidade e seu caráter. Vale ressaltar mais uma vez seu compromisso com o cultivo do espírito e com a possibilidade de contribuir para o encontro de si mesmo, posicionando-se diante da realidade. A própria origem etimológica da palavra confirma esse direcionamento, pois “educação é *educere*, que literalmente quer dizer trazer para fora ou expressa algo que está presente potencialmente. Nesse sentido, educação resulta em existência, que significa sobressair, emergir do estado potencial para o da realidade manifesta” (FROMM, 1983, p.177).

CAPÍTULO 03 – O CAMINHO PERCORRIDO

3.PRIMEIROS PASSOS

Tomando como base a função social, a política e a educativa referentes à educação formal, e enfatizando a função educativa da escola, a formação humana deve ser encarada como uma preocupação legítima da instituição escolar. Ao lhe deixar de lado, seria possível questionar o próprio caráter educativo da escola. Os valores que esta pretende difundir e o homem que busca formar, de maneira alguma, são questões anacrônicas. A escola perderia seu sentido se ficasse à mercê de outras finalidades alheias às suas, passando a ser instrumento de interesses divorciados da sua preocupação em educar o homem. Os valores que direcionam as ações humanas devem ser resultado da reflexão do próprio homem e isto pode ser alcançado quando a escola se compromete a realmente ser educativa. Entretanto, para atingir tal fim nenhum dos pensadores até aqui mencionados formula um receituário, posto que, no início, isto poderia até mesmo facilitar os procedimentos, mas, posteriormente, serviria de amarras ao desenvolvimento das três funções da escola. Os autores citados apenas reivindicam uma escola que se preocupe com uma formação humanista.

Esta pesquisa, que se baseia e ao mesmo tempo se limita a tudo que foi mencionado anteriormente, aponta como sua maior preocupação a função

educativa, entendendo ser esta uma das funções que devem ser buscadas pela escola, fazendo com que os homens se deparem com os valores e possam construí-los. Essa função se relaciona com o que há de mais singular no homem, contribuindo para sua autonomia. Todavia, parte-se do pressuposto que apenas o homem será capaz de buscar e realizar aquilo que escolheu encontrar, cabendo à escola apenas a tarefa de levantar essa discussão, contribuindo para o questionamento daquilo que o homem toma como seu. Com o debate, o homem poderá ou não perceber quais os caminhos que almeja percorrer, mas essa escolha deve partir de si mesmo, sendo esta a principal característica de um homem autêntico, pois busca sua realização por meio das escolhas que faz por si só.

O que este trabalho pretende portanto é demonstrar a estreita relação entre a formação humana desempenhada pela escola e como esta pode ou não auxiliar o homem, consideradas suas limitações, na construção de si mesmo. O centro de análise desta pesquisa será a escola e o questionamento sobre se esta desempenha ou não a função educativa. Além disso, haverá um enfoque no valor que os alunos atribuem a sua própria escola e à educação. Assim, as questões que irão direcionar essa investigação são:

- Se a escola se propõe a trabalhar com valores que visam à formação humana?
- Se os alunos os percebem ?
- Como os alunos se posicionam diante dos valores e das convenções impostas pela sociedade?
- Como os alunos percebem sua escola e à educação?

- Como os alunos relacionam sua formação escolar com sua vida e seu futuro?

Diante desses esclarecimentos, pretende-se neste capítulo explicar como foram elaborados os instrumentos de pesquisa, descrever o campo que foi escolhido para que estes fossem aplicados e apresentar a análise compreendida segundo os parâmetros acima descritos.

3.1 O LOCAL E AS PESSOAS

Como um dos fundamentos teóricos aqui levantados diz respeito à questão de tentar contrapor aparência e essência, optou-se pela escola privada como campo adequado à aplicação dos instrumentos, já que tal instituição de ensino goza de uma boa imagem na sociedade brasileira, além de propagar socialmente esta mesma imagem. Como um valor que se encontra estabelecido no senso comum, sua sustentação e propagação provêm da manipulação de informações que alimenta e ao mesmo tempo é alimentada pela “fabricação” de juízos que buscam justificar certas finalidades; é portanto difundida a idéia de que a escola privada, em relação à rede pública, é uma instituição que oferece serviço de melhor qualidade. Dessa forma, perpetua-se o abismo entre as opiniões que cercam a rede pública e a privada. É interessante que grande parte deste mito, que denomina a escola privada como a melhor, origina-se da constatação de que os alunos que chegam ao ensino superior e que vão cursar uma universidade pública e gratuita são alunos oriundos da escola privada - o mito de superioridade é baseado, precisamente, na imagem de “qualidade” do ensino fundamental e médio.

Outro ponto que foi fundamental para a escolha de uma instituição privada é a vulnerabilidade com que o espaço público vem sendo encarado por vários atores sociais e, ao mesmo tempo, a adoração com que o espaço privado é percebido, sendo o primeiro tratado como uma espécie de “terra de ninguém”. Se há possibilidade de ingressar na rede privada e escolher o que há de “melhor”, ao invés de optar pelo serviço público “defasado”, que acabaria diminuindo as chances de uma boa posição social, é provável que se aceite a sugestão veiculada pela mídia que denomina a escola privada como a possuidora do “melhor” ensino e dos “melhores” professores. Ademais, como há uma desvalorização do espaço público e ao mesmo tempo uma descrença na eficácia no trabalho coletivo, não há interesse em exigir uma escola pública de qualidade e aberta a todos, predominando assim um espírito conformista. O resultado é que, quem possui condições, ingressa na escola privada, e, quem não possui, disputa uma vaga na rede pública. Se há realmente fracasso ou não no ensino público, e não vem ao caso abrir essa discussão no presente momento, há sem dúvida uma conotação de superioridade que a escola privada possui em relação à pública.

A mídia, muitas vezes, reveste-se do papel de propagadora da verdade, mas acaba publicando matérias ou reportagens que escondem a realidade. Cada vez mais, é possível encontrar outros interesses além do compromisso de informar, buscando-se inculcar idéias e valores que refletem outros objetivos. Na área da educação, é bastante comum que revistas e jornais não especializados se ocupem em passar informações cujo propósito é direcionar opiniões, inclusive

no pensamento docente⁴, para que se alcancem outros fins. Com o falso intuito de auxílio, muitas vezes, busca-se a manipulação das pessoas. Dessa forma, ciente da presunção de superioridade da escola privada – noção estabelecida pela sociedade e propagada pela mídia – pode-se supor, pelo menos temporariamente, que a função social, a política e a educativa da educação formal terão maiores chances de serem concretizadas na escola privada.

Solucionada essa primeira questão, logo outra surge: que escola privada escolher? É importante ressaltar que se pretendeu realizar a escolha com os pressupostos utilizados pela mídia, ou seja, buscou-se uma escola privada que já tenha sido consagrada pela mídia ou que, pelo menos, tenha dela alcançado respeito. Quanto a isso, eis que no mês de outubro do ano de 2002, foi publicada pela revista *Veja* (ALVARENGA, 10/2002) uma pesquisa que pretendeu identificar as vinte melhores escolas do ensino médio e as 20 melhores escolas do ensino fundamental da rede privada na cidade do Recife. Levantamento semelhante já tinha acontecido nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Salvador. Os objetivos do referido levantamento são encontrados numa seção da revista impressa separadamente, como encarte especial, denominada “Carta ao leitor”. Ali são mencionadas as dificuldades em se escolher uma escola de boa qualidade, tratando-se de uma das “decisões mais importantes que os pais tomam na vida” (ALVARENGA, *Revista Veja*, 10/2002, p.04). Desse modo, buscando auxiliar e “aumentar a taxa de racionalidade dessa tarefa árdua, VEJA vem oferecendo aos leitores um trabalho que a imprensa brasileira jamais ousou realizar: um ranking com as melhores escolas

⁴ POLICARPO Júnior, José. *A educação na imprensa e no pensamento docente – 1998-1999. 2001. Tese (Doutorado em Educação), PUC, São Paulo, 2001.*

particulares dos ensinos fundamental e médio” (ALVARENGA, Revista Veja, 10/2002, p. 04). Outro cuidado que foi tomado pela revista Veja foram os critérios utilizados na pesquisa e que foram decorrentes “de uma centena de entrevistas com estudiosos do campo da educação, entre diretores de escolas, especialistas de universidade e do governo, psicólogos e psicopedagogos” (ALVARENGA, Revista Veja, 10/2002, p. 04). Tudo para tranquilizar e auxiliar os pais, e dotar a pesquisa de um caráter mais “científico”.

Dessa forma, utilizou-se esse levantamento, que abrangeu 135 das 141 escolas particulares de Recife - para solucionar a questão número dois, que se refere ao critério de seleção da escola privada a servir como campo de investigação. O “ranking” estruturado pela pesquisa mencionada foi útil na escolha da escola que serviu de campo a este trabalho, pois ficou estabelecido que uma das primeiras colocadas na lista das vinte melhores escolas do ensino médio seria o alvo da pesquisa desta dissertação e que aqui irá ser chamada “Escola A”. É importante ressaltar que esta escola é tomada como campo investigativo, sendo o “ranking” da revista utilizado apenas para a escolha de uma escola privada consagrada pela mídia.

Diante da segunda limitação, resta estabelecer qual série serviria de público para a efetivação da pesquisa. Como um dos objetivos é perceber se há uma preocupação por parte da escola em concretizar a função educativa e de como os alunos a recebem e percebem, seria mais adequada a última série do ensino médio, pois haveria uma conclusão, mesmo que temporária, no processo educativo da escola. Todavia, como a última série se encontra bastante voltada para a realização do vestibular e pensando que isto poderia acarretar maiores dificuldades na realização da pesquisa, optou-se pela penúltima série do ensino

médio. Haveria da mesma forma uma atmosfera de conclusão das atividades da escola, na qual os principais valores já teriam sido passados ao longo de todo o processo de escolarização. Portanto, resolveu-se trabalhar com os alunos da segunda série do ensino médio.

3.2 O INSTRUMENTO

Ao se tentar perceber quais as representações que os alunos, ao fim do segundo ano do ensino médio, fazem de si mesmos e da sua escola, pode-se cair no erro de se traçar um ideal norteador quanto ao homem educado. O homem emancipado e autônomo seria retratado por um modelo e todo aquele que não se enquadrasse nesse modelo não seria considerado autônomo. Ao se adotar tal procedimento, não haveria sequer um sentido para a própria pesquisa, pois, elegendo-se um referencial, o estudo seria meramente quantitativo, observando quem se enquadraria ou não no referencial estipulado. Ademais, ser indivíduo é se perceber, reconhecendo sua existência como única. Como, então, traçar perfis de existências possíveis? Seria impossível e contraditório um estudo neste sentido.

Assim, diante da impossibilidade de se catalogar a singularidade de cada ser humano e a usar como padrão, percorre-se aqui o caminho inverso. Tenta-se traçar perfis sobre tendências individuais padronizadas e se visa a saber como os alunos reagirão diante dessas opiniões permeadas de valores embutidos e estabelecidos pela sociedade. O ponto é saber como os alunos se portam diante de padrões estipulados, e em que são baseadas suas representações: em suas próprias opiniões ou nas já estabelecidas. Em situações que exigem um

posicionamento, como os alunos se comportaram e em que representações se baseam? Esse foi o princípio norteador do instrumento de investigação.

Os procedimentos e a estrutura metodológica deste trabalho foram inspirados na pesquisa realizada por Adorno, Frenkel-Brunswik, Levinson e Sanford (1950), em New York, na década de quarenta do século passado, cujo objetivo principal consistia em verificar e compreender a razão pela qual muitas pessoas se deixavam influenciar ou não por certas idéias e, em caso positivo, como e por que estariam disponíveis a abraçar valores e ideais antidemocráticos e autoritários.

Na pesquisa aludida, técnicas foram utilizadas para a análise das tendências ideológicas e métodos para expor traços da personalidade e a situação contemporânea social do indivíduo. O objetivo consistia em proporcionar situações capazes de atrair e revelar as reais manifestações valorativas sobre os mais variados assuntos, “desmascarando” assim os possíveis estereótipos do entrevistado. A observação do sujeito ocorria tanto no aspecto individual, quanto na condição de membro de um grupo. Esses dois aspectos eram relacionados pelos autores. Os estudos individuais foram realizados por meio de entrevistas e de técnicas de análise clínica, buscando revelar os desejos, os medos, as defesas, os principais fatos da vida social pregressa e atual que estariam possivelmente camuflados.

A análise dos sujeitos, na condição de membros de grupo, acontecia mediante questionários e escalas de opinião. O material advindo das entrevistas individuais, realizadas segundo o método clínico, com sujeitos que obtinham altos e baixos índices nas escalas de opinião e atitude, era conceituado de forma a permitir ser quantificado e transportado para as demais caracterizações

oriundas dos estudos dos grupos, o que também ajudava a confirmar as respostas obtidas tanto em um campo, quanto no outro. Todas as formas de análise estavam interligadas.

Quando o indivíduo se encontrava no centro da atenção, o objetivo era descrever em detalhe os seus modelos de opinião, atitude e valores, a fim de melhor compreender a dinâmica dos fatores internos, os quais eram concebidos como a base subjetiva a que o indivíduo recorria para atribuir significados às questões sociais indicadoras da média dos grupos. Muitas vezes, estes dados individuais serviam para retroalimentar os próprios parâmetros de análise das tendências grupais.

Quando o sujeito era analisado na condição de pertencente a um determinado grupo, o ponto consistia em descobrir como as opiniões, atitudes, modelos da história de vida, compreensões sobre o processo histórico e sobre os acontecimentos contemporâneos estavam relacionados com a ideologia adotada subjetivamente. O questionário (utilizado no mapeamento dos grupos) continha perguntas sobre fatos passados e presentes do sujeito e uma variedade de declarações sobre os quais o sujeito era convidado a expressar ou não sua concordância. As escalas eram construídas com diversas declarações, com detalhe e atenção, pois eram elas o primeiro passo para detectar possíveis tendências antidemocráticas dos sujeitos.

As declarações consistiam em afirmações valorativas sobre determinados assuntos. Sua construção era feita de maneira que não ficasse claramente expressa a valorização do autoritarismo com o assunto a que se quer chegar: tratava-se de uma espécie de “ponte”. Sua aceitação ou não corresponde à disposição do indivíduo em relação ao assunto “secreto”. Dessa forma,

subentende-se que o sujeito poderia ser mais ou menos condescendente a determinados valores. Na realidade, o bom funcionamento das declarações ocorre se houver uma “comunhão” entre o verdadeiro e o falso, uma mistura de racionalidade e irracionalidade. A parte racional seria a isca para a demonstração e a verificação do grau de irracionalidade que o sujeito possui.

O segundo passo da pesquisa realizada pelos autores mencionados eram as entrevistas. As pessoas que expressaram um alto grau de concordância, discordância ou se mantiveram neutras na maioria das declarações foram entrevistadas e submetidas às análises por meio de técnicas clínicas. As entrevistas eram realizadas com o intuito de verificar a validade dos questionários. Assim, haveria uma base para declarar se a pessoa obteve ou não um alto “score” nas tendências antidemocráticas. A importância das entrevistas – análise clínica – também obedece à “regra do segundo olhar”. A vantagem de sua realização consistia na grande possibilidade de novas descobertas, pois grande é a área de atuação. Assim, tentava-se perceber o que o sujeito pensava de si mesmo, suas esperanças, seus medos, suas expectativas e alguns fatos de sua vida.

Além desses aspectos, a pesquisa dirigida por Adorno e pelos demais pesquisadores mencionados realizava uma etapa de investigação temática que tinha como propósito estabelecer por meio de testes de apercepção temática as conjunções entre os dados expressos pelo sujeito na entrevista e nas escalas de opinião e atitude. Os assuntos tratados nesses testes versavam sobre “vocação profissional”, “rendimentos financeiros”, “religião”, “informações pessoais” (como relações familiares, infância, sexualidade, entre outros), “política”, “minorias e raças”. Esses testes buscavam mesclar as relações implícitas entre os temas

tratados e a estrutura de personalidade dos sujeitos entrevistados. Todavia, nenhum dado obtido remetia a conclusões isoladas. Todas as análises eram consideradas em conjunto. A pesquisa até aqui descrita se demonstrou eficiente porque observou e utilizou todas as afirmações, negações e comportamentos conjuntamente. Nenhuma conclusão foi tirada de uma resposta, aceitação ou rejeição de algumas declarações. A pesquisa realizada por Adorno, Frenkel-Brunswik, Levinson e Sanford teve o mérito de expressar uma visão ampla dos sujeitos e das condições subjetivas e (até certo ponto) objetivas de estímulo e estruturação de personalidades autoritárias.

Tomando como referência a pesquisa descrita (Adorno *et e al*, 1950) e fazendo algumas alterações, também foram realizados dois momentos neste trabalho. Inicialmente, as declarações foram elaboradas com o intuito de levar os alunos a se posicionarem diante das situações expressas. Trata-se de declarações que, de modo sutil, expressam valores correspondentes a determinados padrões sociais.

Por ocasião da aplicação dos questionários, os alunos, individualmente, eram convidados a se posicionar, manifestando sua concordância ou discordância com cada uma das declarações, podendo expressar sua opinião quer no caso de concordância, quer no caso de discordância, por meio de um dos três níveis de intensidade: totalmente, parcialmente ou sutilmente.

Quanto ao conteúdo e natureza das sentenças, foram estabelecidas quatro categorias temáticas: imoralidade, utilitarismo educacional, identificação com ideais padronizados e intolerância com as diferenças. É importante ressaltar que todas as sentenças foram elaboradas de forma negativa, pois dificilmente seria possível estabelecer padrões que correspondessem aos aspectos de uma

situação autêntica. O que se tentou fazer foi apresentar situações que dizem respeito a valores padronizados nas categorias mencionadas anteriormente e que em nada confirmam ou exigem do aluno um posicionamento autêntico, caso ele se expresse sua concordância com elas.

A razão pela qual foram escolhidas as categorias mencionadas – imoralidade, utilitarismo educacional, identificação com ideais padronizados e intolerância com as diferenças – consiste em que elas, por si mesmas, expressam a negação de um indivíduo consciente e educado. Desse modo, é de se esperar que a expressão de discordância do indivíduo em relação às sentenças que afirmam aquelas categorias seja um indício de sua abertura para realizar-se como um indivíduo. Ao negar portanto os padrões referentes à imoralidade, ao utilitarismo educacional, à identificação com ideais padronizados e à intolerância com as diferenças, há a possibilidade de existir correspondência com posições individuais que sigam valores opostos, ou seja, de moralidade, da não vinculação utilitarista da educação, da não identificação com padrões sociais impostos e de tolerância. A escolha dessas categorias está relacionada com a questão da autonomia individual, autoconsciência e a relação de co-existência entre as pessoas; tais valores estão intimamente vinculados com a formação humana e seu desenvolvimento. Assim, assume-se como pressuposto que a oposição geral às declarações que compõem o questionário tende a revelar uma postura individual capaz de valorizar uma tomada de posição independente, o respeito à relação do homem consigo mesmo e com o outro.

O questionário possui dezesseis sentenças, dispostas proporcionalmente entre as quatro categorias, ou seja, a primeira categoria, que trata da questão de imoralidade, contou com a formulação de quatro questões, assim como todas as

outras. Todas as sentenças foram elaboradas de forma negativa à idéia de um indivíduo educado. No questionário apresentado aos entrevistados, as sentenças não se encontram agrupadas em categorias, mas dispersas entre si, a fim de não induzir um mesmo tipo de resposta do entrevistado, nem o fazer perceber as relações entre elas, a fim de o fazer concentrar-se em apenas uma de cada vez. Dessa forma, o questionário foi dividido de forma imaginária em quatro partes, que continha cada uma, sentenças referentes a todas as categorias conforme se verifica no instrumento em anexo.

A primeira categoria possui como tema a imoralidade e buscou expressar a questão da finalidade das ações individuais e o que se pretende com elas. Procurou-se verificar como os alunos se posicionam sobre a idéia de que tudo vale para se alcançar o que se deseja; ou seja, que a principal motivação para a ação seja o exclusivo benefício individual. Nas declarações dessa categoria, os prazeres, os desejos, as regras, enfim, todas as ações que são praticadas são expressas segundo a finalidade de atender as reivindicações do eu. Esta concepção muito se aproxima da idéia da sociedade intimista atual apresentada por Sennet (1998, p.272) e que caracteriza o homem atual como um narcisista, cuja maior preocupação se restringe à esfera de sua própria vida e de suas gratificações, de tal maneira que o imobiliza em relação à vida pública e contribui para o não-estabelecimento de relações de reciprocidade entre os homens. Aqui, inexistente qualquer sentimento de moralidade, pois as ações se vinculam à satisfação exacerbada e infundável do eu. Todavia, torna-se cada vez mais difícil a realização da satisfação individual, pois novos objetos de interesses são lançados constantemente pelo sistema social. Esse pensador americano continua a defender que há uma propensão natural para a realização das

satisfações humanas de cada um; todavia, o que irá auxiliar a formação do narcisismo é o efeito catalisador que a sociedade pode estabelecer quando passa a incentivar e a valorizar cada vez mais esse comportamento. Portanto, moralidade, aqui, é a consciência que existem certos limites às ações individuais, por mais que estas sejam desejadas. As sentenças elaboradas tiveram este fundamento e foram assim formuladas:

- Não interessa se nossas ações são boas ou más, e sim o que iremos obter delas.
- A felicidade relaciona-se diretamente com a realização dos prazeres da vida. Por isso, não devemos deixar de aproveitar os momentos nem as oportunidades, mesmo que as conseqüências de nossos atos possam prejudicar a nós mesmos ou a outras pessoas.
- Se temos que cumprir regras é melhor priorizarmos aquelas que nos beneficiam diretamente do que nos importarmos com as que não nos trazem vantagens imediatas.
- Como não gosto de confusão, sempre espero que as situações difíceis ou constrangedoras sejam resolvidas por outras pessoas.

A segunda categoria escolhida possui como tema o utilitarismo educacional. Trabalhou-se com a formulação de sentenças tentando contrastá-las com os objetivos da educação defendidos neste trabalho através das funções social, política e educativa, principalmente. Desse modo, as sentenças desta categoria expressaram a idéia de uma educação preocupada e voltada para uma realização apenas prática e útil, no sentido de enfatizar unicamente, ou de maneira mais intensa, a transmissão de conhecimentos relacionados à obtenção

de alguma vantagem pessoal. Pretendeu-se estabelecer uma relação de causa e consequência entre o nível de escolaridade e a posição social. Na segunda etapa da metodologia, isto é, durante as entrevistas, houve uma retomada desse tema, quando se buscou constatar as opiniões que os alunos formulavam a respeito da educação e da sua própria escola e como eles valorizavam a educação recebida pela escola que freqüentavam. Um outro aspecto que merece tratamento no âmbito desta categoria se referia ao estabelecimento das qualidades de um bom aluno, apresentando assim certas características. A forma como é encarado o bom aluno também se relaciona com os objetivos aos quais a escola se propõe; na maioria das vezes é considerado “bom” aquele aluno cumpridor de todos os deveres solicitados por seu professor. Não se trata de incentivo à irresponsabilidade, mas ao se reduzir o cumprimento desses deveres à qualificação de bom aluno, poderia ocorrer a desvalorização do amadurecimento desejável durante o processo de escolarização. Além da preocupação com notas e freqüências, é importante perceber como os alunos encaram o seu próprio crescimento e se o valorizam ou não. Dessa forma, esta categoria foi composta por três questões que se relacionam com as finalidades estereotipadas e padronizadas da educação, e uma questão que trata das qualidades do bom aluno, sendo esta a redação final:

- A importância da boa educação consiste na maior garantia de emprego que ela proporciona, assim quanto mais bem educados formos maiores e melhores oportunidades teremos.
- O conhecimento mais importante é aquele que nos diz como devemos fazer para obter sucesso em nossas vidas.

- Muitas coisas que aprendemos na escola são inúteis, pois nunca serão utilizadas.
- Os bons alunos sempre se destacam pela boa frequência, pela participação nas aulas e por realizarem todas as atividades solicitadas pelos professores.

A terceira categoria do instrumento trata da intolerância com as diferenças. Através desta categoria, buscou-se analisar como os alunos se posicionam em relação ao outro. Como encaram e percebem a existência de outras pessoas que destoam de suas opiniões e comportamentos. As sentenças estão redigidas no sentido de expressar a posição do “eu” como centro para a comparação de outros posicionamentos e opiniões, tentando verificar, assim, se há respeito ou não a outras visões de mundo. Houve a tentativa de dotar as sentenças de um conteúdo de superioridade em torno do “eu” e de seus direcionamentos, como se as posições deste último se colocassem acima das escolhidas pelas outras pessoas. Tocou-se na identificação do indivíduo com o grupo e como este pode marcar as pessoas com suas características. Também houve a tentativa de verificar, por meio da primeira sentença, se o diálogo pode ser visto ou não como uma solução possível para conflitos. Sendo assim, as sentenças que representam essa categoria são:

- A melhor maneira de evitar conflitos entre duas pessoas é cada uma delas “ficar na sua”.
- O melhor método para avaliar as qualidades das pessoas é compará-las com as nossas.

- Algumas coisas são tão claras e lógicas que as pessoas que insistem em dizer que não as compreendem é porque são completamente ignorantes ou agem de má-fé.
- Quando estamos em grupo, muito pode ser dito sobre nós. Por isso, devemos tomar cuidado quando andamos com pessoas diferentes, pois poderemos ser confundidos com elas.

Finalmente, a última categoria possui como tema a identificação com ideais padronizados. Aqui, o que se pretende verificar é a crença de que os requisitos para se alcançar a liberdade e a felicidade estejam diretamente relacionados com a idéia de aquisição, ou seja, a intenção de ser livre ou ser feliz não tem origem em si mesmo, mas só na aquisição daquilo que não se tem, que se encontra fora de si e que é estabelecido ou sugerido pelos outros. A busca é feita fora do indivíduo e este crê que os modelos que são oferecidos são os que devem ser alcançados. Assim, a situação financeira passa a ser um determinante para o encontro da felicidade, pois por intermédio do equivalente monetário é possível obter tudo que irá contribuir para o desenvolvimento humano. A liberdade, as melhores coisas da vida e até mesmo um saudável convívio social são decorrentes da posição proporcionada pelo dinheiro. Utilizou-se neste caso o contraste que Fromm (1987, p.107) estabelece quando analisa e diferencia o modo de vida do ser e o do ter e defende que ambos são potencialidades da natureza humana, mas o que irá contribuir enormemente para a direção que o homem escolhe é a maneira como a sociedade irá valorizar cada uma dessas disposições. Assim, quando há uma valorização do modo de vida em que predomina a necessidade de adquirir, percebe-se que as noções de liberdade, felicidade e de bom convívio social também se encontram inseridas

neste âmbito e irão depender da aquisição de certos requisitos que irão transmitir a sensação de que estes foram alcançados. De acordo com o exposto, as quatro sentenças que formam essa categoria foram elaboradas com o intuito de enfatizar o modo de vida do ter, contando com a seguinte redação:

- Só seremos livres e independentes quando alcançarmos nossa independência financeira.
- As coisas boas da vida custam muito caro, por isso devemos lutar para sermos alguém na vida e obtermos todas as coisas que quisermos.
- É muito fácil falar que não se precisa de dinheiro quando se tem a maioria das coisas que se quer ter; por isso, uma pessoa busca apenas uma boa imagem quando diz que pode ser feliz sem muito dinheiro.
- Devemos nos entusiasmar com as novas técnicas de emagrecimento, pois só assim as pessoas mais gordas poderão se integrar na sociedade e serem mais felizes.

Quando se estabeleceu a redação final das sentenças, foi resolvido que o questionário se tornaria mais confiável se fosse submetido a um teste inicial para observar se haveria ou não coerência entre as sentenças de cada categoria mediante o posicionamento das entrevistas e se haveria por parte deles alguma dificuldade no entendimento das sentenças. Por isso, o instrumento foi aplicado a sete alunos do segundo ano do ensino médio de uma outra escola privada. Observou-se que não houve nenhuma dúvida apresentada pelos alunos e houve uma constância mantida nas respostas às declarações de cada categoria, ou seja, constatou-se que as pessoas que apresentaram coeficientes próximos

mantiveram em cada categoria um desempenho semelhante. Da mesma forma, houve um equilíbrio entre as quatro categorias do ponto de vista global do teste, uma vez que houve uma coerência em cada um dos temas em todas as pessoas que responderam o questionário.

Antes de iniciar a análise dos resultados, faz-se necessário caracterizar o segundo momento da pesquisa: a entrevista. Não foram entrevistados todos os alunos que participaram da primeira etapa (questionário). A entrevista teve por objetivo a confirmação do resultado obtido nos questionários, verificando se os posicionamentos expressos realmente correspondiam às opiniões do aluno. Trata-se de um recurso semelhante usado na pesquisa de Adorno *et al* (1950), sendo que no caso dessa pesquisa não se usaram técnicas psicanalíticas. O tipo de entrevista utilizada foi semi-estruturado, no qual há um esquema básico, todavia os caminhos utilizados não são fixos. O roteiro da entrevista retoma os temas das quatro categorias, mas procura enfatizar a relação que o aluno mantém com sua escola. Optou-se pela realização da entrevista a fim de mais uma vez aprofundar os resultados que foram obtidos, pois todas as perguntas se referem aos assuntos já tratados nas sentenças. Todavia, a entrevista fornece maiores oportunidades de perceber detalhes que podem contribuir com a análises dos dados uma vez que “uma entrevista bem-feita pode permitir o tratamento de assuntos de natureza estritamente pessoal e íntima, assim como temas de natureza complexa e de escolhas nitidamente individuais” (LÜDKE, 1986, p.34). Dessa forma, alguns alunos que preencheram o questionário também foram entrevistados.

3.3 RESULTADOS

Com o intuito de facilitar a análise dos dados, inicialmente se demonstrarão algumas abreviaturas necessárias para a melhor compreensão dos resultados. Busca-se aqui a unificação das nomenclaturas de todas as categorias que foram utilizadas.

A primeira diz respeito às quatro categorias temáticas que se referem aos traços de uma pessoa não individualizada e que serviram de base para a elaboração do questionário e da entrevista. Logo, ao se referir às categorias de imoralidade, da concepção utilitarista da educação, de intolerância com as diferenças e da identificação com ideais padronizados, uma mesma abreviatura foi utilizada durante a análise dos dados. Observe-se a primeira tabela:

Tabela 01 – Categorias negativas da individuação utilizadas no questionário:

Categoria	Abreviatura
Imoralidade	IM
Concepção utilitarista da educação	EU
Intolerância com as diferenças	IT
Identificação com ideais padronizados	IP

Também se utilizaram nomenclaturas para a análise das pontuações obtida através das respostas dos alunos nos questionários. Essas pontuações aparecem em três níveis: sujeito, grupo e amostra geral. As pontuações foram observadas nestes três âmbitos e para cada um há abreviaturas próprias. Assim, quando se refere ao coeficiente total que um sujeito obteve, utiliza-se a nomenclatura CA1. Da mesma forma, ao se referir à pontuação que determinado sujeito obteve em relação a uma das quatro categorias, utilizou-se a abreviatura da tabela 01 com acréscimo do sujeito que respondeu o questionário, ou seja, a abreviatura usada foi IM A1, que significa que na categoria de imoralidade o aluno 01 obteve tal pontuação. O mesmo ocorreu em relação às pontuações dos alunos em grupos e no âmbito geral da pesquisa. Observem-se atentamente as tabelas:

Tabela 02 – Abreviaturas das pontuações dos sujeitos:

Categorias	Abreviatura
Sujeitos pesquisados	A1, A2, A3, A4,...A23.
Coeficiente total do sujeito	CA
Pontuação do aluno na categoria Imoralidade	IMA
Pontuação do aluno na categoria Utilitarismo educacional	UEA
Pontuação do aluno na categoria Intolerância com as diferenças	ITA
Pontuação do aluno na categoria Identificação com ideais padronizados	IPA

Tabela 03 – Abreviaturas das pontuações dos grupos⁵:

Categorias	Abreviaturas
Coeficiente total do grupo 01	CG1
Coeficiente total do grupo 02	CG2
Coeficiente total do grupo 03	CG3
Coeficiente do grupo 01 na categoria imoralidade	IMG1
Coeficiente do grupo 02 na categoria utilitarismo educacional	UEG2
Coeficiente do grupo 03 na categoria intolerância com as diferenças	ITG3
Coeficiente do grupo 03 na categoria Identificação com ideais padronizados	IPG3

Tabela 04 – Abreviaturas das pontuações da amostra geral:

Categorias	Abreviaturas
Coeficiente total da amostra	CT
Coeficiente total da amostra na categoria imoralidade	IMG
Coeficiente total da amostra na categoria utilitarismo educacional	UEG
Coeficiente total da amostra na categoria intolerância com as diferenças	ITG
Coeficiente total da amostra na categoria identificação com ideais padronizados	IPG

Finalmente, a análise dos dados se inicia com o estabelecimento do coeficiente total do sujeito – CA - obtido através de todos os posicionamentos

nas sentenças de cada um dos vinte e três alunos que responderam o questionário. O coeficiente total de todos os alunos, assim como o coeficiente total da amostra (CT), encontram-se na primeira tabela em anexo (p.128). O coeficiente total de cada sujeito é o resultado da posição do aluno diante das sentenças - podendo esta variar de uma concordância total a uma discordância total - obtém-se uma pontuação determinada, de acordo com valores precisamente atribuídos a cada resposta possível. Logo, cada sentença poderá representar valores diferentes para cada pessoa de acordo com sua resposta. Esses valores variam de um a seis e foram estabelecidos da seguinte maneira:

- a) Ao se concordar totalmente com a sentença, obtém-se o valor máximo seis;
- b) ao se concordar parcialmente, o valor atribuído será cinco;
- c) ao se concordar pouco, o valor será quatro;
- d) ao se discordar pouco, o valor será três;
- e) ao se discordar parcialmente, o valor será dois; e
- f) finalmente, ao se discordar totalmente, será um.

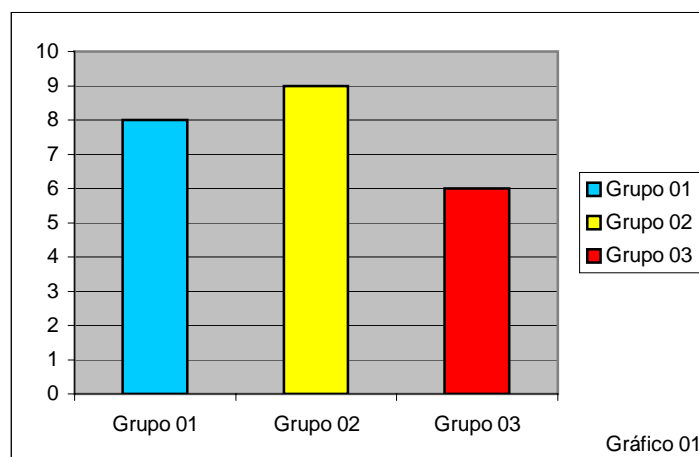
Observe-se que os valores foram estabelecidos de forma decrescente, diminuindo à medida que a posição tende à discordância total. A determinação do coeficiente total do sujeito – CA - ocorreu através da soma da pontuação obtida por cada aluno em cada sentença e da posterior divisão pelo número de sentenças (dezesseis), sendo portanto a média aritmética. Este foi o procedimento adotado para determinar cada um dos vinte e três coeficientes totais de cada sujeito (CA). Na segunda tabela (p.130), que se encontra em

⁵ Mais adiante serão apresentados os grupos aos quais se fez referência aqui.

anexo, também são apresentadas a média geral da amostra de cada questão, assim como a média geral da amostra que cada categoria apresentou.

Diante de cada coeficiente total do sujeito (CA), estabeleceu-se uma grande divisão, constituindo-se três grupos. O primeiro grupo é formado por oito pessoas, caracterizando-se pelo fato de nenhum coeficiente total do sujeito – CA – ultrapassar o valor três, ou seja, das vinte e três pessoas, que responderam as sentenças, oito delas obtiveram o CA menor ou igual a três. As pessoas que obtiveram pontuações até este valor são consideradas como portadoras de um coeficiente baixo, que representa uma maior tendência à resistência às declarações do questionário. Acima do valor quatro, situa-se a esfera da adesão. O segundo grupo é formado pelas pessoas que obtiveram um CA mediano, isto é, não se estabeleceram nem no grupo de resistência nem no grupo de adesão, seus coeficientes totais (CA) flutuaram, sendo maiores que três e menores que quatro. Esse grupo é composto por nove pessoas. O terceiro e último grupo é composto por pessoas que obtiveram coeficiente total (CA) superior a quatro, o que significa que essas pessoas foram mais condescendentes com as sentenças, aceitando-as com mais frequência. O terceiro grupo é composto por seis pessoas. O gráfico 01, que se segue, representa estes três grupos:

Gráfico 01 – Quantitativo de alunos pesquisados agrupados de acordo com a pontuação obtida no questionário.



O grupo 01, como já foi mencionado, é formado pelas pessoas que não ultrapassaram o valor três em seu coeficiente total. Todavia, isso não quer dizer que algumas categorias não possam ter ultrapassado este valor, apenas houve uma média predominante como se pode observar na tabela 05 abaixo:

Tabela 05 – Pontuação obtida pelos alunos componentes do Grupo 01, em cada categoria do questionário:

	A1	A2	A3	A4	A5	A6	A7	A8
IM	2.75	2.25	1.75	1.25	2	2.25	2	2
UE	3.75	4.25	3.25	4.25	4	2.75	4.25	5.25
IT	1.75	2	3.5	1.75	2.75	4	3.25	2.5
IP	1	2	2.5	3.75	2.25	2.25	2	2.25
CA	2.3125	2.625	2.75	2.75	2.75	2.8125	2.875	3

Essa tabela expressa o modo como os alunos se posicionaram em todas as categorias. Em cada uma delas, foi calculada a pontuação de cada aluno e na última linha se encontra o coeficiente total do aluno - CA. A tabela 06 demonstra o coeficiente total do grupo 01 em cada categoria temática e o coeficiente total da amostra em cada categoria. Igualmente, a tabela 07 compara o coeficiente total do grupo 01 – CG1 – com o coeficiente total da amostra - CT:

Tabela 06 – Comparação entre a pontuação do Grupo 01 e da amostra em geral nas categorias temáticas:

CATEGORIAS	GRUPO 01	AMOSTRA GERAL
IM	2.03	2.76
UE	3.96	4.4
IT	2.68	3.17
IP	2.25	3.32

Tabela 07 – Comparação entre o CG1 e o CT:

CG1	2.73
CT	3.41

Inicialmente, o que chama a atenção é o comportamento das pessoas deste grupo na categoria de utilitarismo educacional (UE). Pode-se observar que o maior coeficiente do grupo se refere a essa categoria – sendo o UEG1 equivalente a 3,96 - ultrapassando a faixa de pontuação que caracteriza o grupo: 3,0. De forma similar, o coeficiente total da amostra nessa categoria (UEG) não se mantém muito distante, alcançando a pontuação de 4,4. Quando se continua a analisar a pontuação de cada um dos alunos do grupo nessa categoria (UE), perceber-se-á que foi nessa categoria que a maioria dos sujeitos do grupo atingiu o maior coeficiente, chegando ao valor 5,25 no aluno oito (A8). Quando se procura a menor pontuação obtida pelo grupo 01 nas quatro categorias, encontra-se a categoria de imoralidade (IMG1) com o valor 2,03, permanecendo dentro da faixa (1 a 3) que caracteriza tal grupo. Ao se estender o olhar ao coeficiente total da amostra nessa categoria (IMG), verifica-se que corresponde à pontuação mais baixa entre todas as demais: 2,76. Retornando ao grupo 01,

mas permanecendo nessa categoria -IM, nota-se que nenhum dos alunos alcança o valor três. O coeficiente total do grupo na categoria de identificação com ideais padronizados (IPG1) equivale à pontuação 2,25, permanecendo abaixo do valor que caracteriza o grupo 1; entretanto, alcança no aluno 04 (A4) uma pontuação superior. Quando se volta para o coeficiente total da amostra nessa categoria (IPG), observa-se que a pontuação alcançada foi a segunda maior, perdendo apenas para a categoria utilitarismo educacional, tendência que não ocorre no grupo 01. Neste, o aluno 01 (IPA1) chega a alcançar o menor valor possível: 1, apesar de ter obtido a pontuação 3,75 na categoria de educação - (UEA1). O aluno 08, que obteve a maior pontuação do grupo: UEA8 = 5,25, na categoria de utilitarismo educacional, demonstra que possui na categoria de ideais padronizados o coeficiente IP A8 = 2,25.

A categoria de intolerância com as diferenças (IT) - que no grupo 01 garante a segunda maior pontuação – cede na amostra total sua posição à identificação com ideais padronizados (IP), caindo para um terceiro lugar. Essa categoria (ITG1), no grupo 01, ultrapassa em três pessoas a pontuação 3.

É interessante notar que o que irá determinar que um aluno faça ou não parte deste grupo é seu desempenho nas categorias de imoralidade (IM), identificação (IP) e intolerância (IT), pois em todas elas seu *score* se mantém abaixo do valor três, mesmo que em algumas pessoas, de maneira isolada, ultrapasse esse valor, como é o caso das categorias de identificação e imoralidade, o que não ocorre com a categoria utilitarismo educacional (UE), na qual predomina o coeficiente acima de três em sete das oito pessoas. Caso essa categoria fosse considerada como critério único para a classificação no grupo 01, duas pessoas passariam a pertencer ao grupo 02 e cinco se deslocariam

para o grupo 03, uma vez que tiveram coeficientes nessa categoria acima de quatro; apenas o aluno 06 permanecerá nesse grupo.

Observou-se nesse primeiro grupo um comportamento semelhante em relação aos posicionamentos dos alunos na categoria de utilitarismo educacional. Praticamente quase todos, uma vez que sete dos oito alunos que compõem esse grupo, obtiveram uma pontuação superior ao valor três. Esse comportamento não ocorreu nas outras três categorias. No caso na categoria de imoralidade, nenhum dos alunos apresenta uma pontuação superior àquela que caracteriza seu grupo. Similarmente, nas outras duas categorias alguns alunos apresentam uma pontuação superior a três, mas, de maneira alguma, constituiu-se uma regra geral. São apenas alguns casos isolados, sendo até difícil traçar uma tendência de comportamento. Pode-se dizer que esse grupo apresentou uma forte tendência a ser condescendente a uma postura que trata a educação como um instrumento que visa a um fim prático e útil, enfatizando unicamente, ou pelo menos de maneira mais intensa, a transmissão de conhecimentos relacionados à obtenção de alguma vantagem pessoal. É interessante observar que esse comportamento ocorre justamente em um grupo que é caracterizado por sua resistência às sentenças do questionário, como ocorre nas outras três categorias. O ponto central aqui é observar se esta falta de resistência ocorre apenas neste grupo ou se acontece nos outros dois. Igualmente, resta verificar se esta tendência de comportamento provém dos indivíduos e de suas próprias concepções ou se são impostos como valores que se encontram difundidos pela sociedade e ratificados pelas escolas.

O grupo 02 se destaca por ser o grupo com o maior número de pessoas, contando com nove alunos. A base para a sua classificação é a presença do

coeficiente total do sujeito (CA) maior que três e menor que quatro, conforme é observado na tabela 08. As tabelas 09 e 10 trazem a comparação entre o comportamento do grupo 02 e o comportamento da amostra total.

Tabela 08 – Pontuação obtida pelos alunos componentes do Grupo 02, em cada categoria do questionário:

	A9	A10	A 11	A 12	A13	A14	A15	A16	A17
IM	1,5	2	3,25	3,5	2,25	3,25	3,25	1,25	4,25
UE	4,25	3	3,25	3,75	5	4,75	5,25	5	4,5
IT	2,5	3,75	3	2,5	2,5	3	4	4,25	2,5
IP	4,25	4	4	4	4	3	1,5	3,75	3,75
CA	3,125	3,1875	3,375	3,4375	3,4375	3,5	3,5	3,5625	3,75

Tabela 09 – Comparação entre a pontuação do Grupo 02 e da amostra em geral nas categorias temáticas:

CATEGORIAS	GRUPO 02	AMOSTRA GERAL
IM	2,72	2.76
UE	4,3	4.4
IT	3,11	3.17
IP	3,58	3.32

Tabela 10 – Comparação entre o CG2 e o CT:

CG2	3,43
CT	3.41

Mais uma vez, será a categoria de utilitarismo educacional (UEG2) que alcançará a maior pontuação entre as outras categorias (UEG2)– 4,3 – sendo mínima a diferença entre essa categoria no grupo 02 e na amostra total (UEG) – 4,4. Quando se observa o desenvolvimento dessa categoria nos indivíduos, percebe-se que a maioria, ou seja, seis pessoas das nove que formam este grupo, obtiveram uma pontuação maior que quatro, o que ultrapassa a faixa de pontuação que caracteriza esse grupo (maior que três e menor que quatro); em algumas delas, chega-se a valor maior ou igual a cinco, como ocorreu com os alunos treze (A13), quinze (A 15) e dezesseis (A16), que obtiveram score 5, 5,25 e 5, respectivamente. A segunda maior pontuação foi obtida pela categoria de identificação com ideais padronizados (IPG2), que alcança nesse grupo o valor 3,58, permanecendo na faixa de pontuação que distingue o grupo, mas novamente ultrapassa o coeficiente total da amostra nessa categoria (IPG =3,32). É interessante perceber que altas pontuações foram obtidas nessa categoria (IP) por alguns alunos; a maioria deles, ou seja, cinco pessoas, tiveram uma pontuação maior ou igual a quatro. Vale destacar que tanto a categoria de utilitarismo educacional quanto a de identificação com ideais padronizados contam com altas pontuações na maioria das pessoas, o que não acontece com as outras categorias. A categoria de intolerância com as diferenças (ITG2) obtém uma pontuação que permanece dentro dos valores que marcam o grupo, mas não apresenta, na maioria das pessoas, um alto *score* como acontece com as categorias utilitarismo educacional e identificação com ideais padronizados. Pelo contrário, a categoria de intolerância (IT G2) apresenta valores que flutuam entre baixos, médios e altos *scores*, havendo um equilíbrio de pontuações, não podendo ser destacada nenhuma tendência. A categoria de imoralidade é a

categoria que apresenta uma pontuação mais baixa entre as quatro, ficando aquém do valor que classifica esse grupo. A pontuação desta categoria (IMG2) chega a apresentar, no aluno 09 (A9) um score de 1,5.

O que se conclui, ao analisar o grupo 02 é que, apesar de os alunos que o compõem possuírem seus coeficientes totais entre três e quatro e serem agrupados por conta disto, apenas as categorias de intolerância com as diferenças e a de identificação com os ideais padronizados possuem pontuação dentro desta faixa de valor. A categoria de utilitarismo educacional se encontra além dessa faixa e a categoria de imoralidade abaixo desta pontuação. Dessa forma, as categorias que contribuem para a permanência dos alunos nesse grupo são as categorias de identificação e intolerância, conforme é observado nos coeficientes do grupo 02 em cada categoria segundo a tabela 11 abaixo:

Tabela 11 – Coeficientes do grupo 02 nas categorias:

Categorias	Coeficientes
IM G2	2,72
UE G2	4,3
IT G2	3,11
IP G2	3,58

Observa-se que a mesma tendência que ocorreu com o grupo 01 em relação à categoria de utilitarismo educacional reapareceu no grupo 02. A maioria dos alunos apresentou altas pontuações nessa categoria. Novamente, a concepção de educação visando a um fim utilitário foi confirmada. A pontuação dos alunos nessa categoria excedeu a faixa de valor que foi estabelecida para a determinação do grupo, chegando a quase se igualar à pontuação obtida pela amostra total.

Também é importante destacar que a categoria de identificação com ideais padronizados apresentou a segunda maior pontuação nesse grupo, o que não ocorreu no grupo 01. Essa categoria ultrapassa o coeficiente total da amostra geral, mas permanece dentro da faixa de valor do grupo. Entretanto, a maioria dos alunos apresentou altas pontuações nesta categoria. O grupo 02 pode ser considerado como o grupo que confirmou a tendência ao utilitarismo educacional, além de apresentar altas pontuações na categoria de identificação com ideais padronizados. Este resultado inicia uma relação entre a concepção utilitarista da educação e a identificação com os ideais padronizados, na qual a educação pode ser tratada como mais um destes ideais que foram estabelecidos pela sociedade. Neste caso, o fim ao qual o indivíduo almeja ao buscar a educação é se tornar cada vez mais capaz de aumentar seu universo de aquisições, ou seja, tornar-se apto a possuir coisas que lhe renderão condições de ser feliz.

O grupo 03 é composto pelos alunos que tiveram seu coeficiente total maior ou igual a quatro, representando uma tendência a corroborar as sentenças que compõem o questionário. Entre as pessoas que responderam o questionário, cerca de 26% fazem parte deste terceiro grupo conforme demonstra a tabela 12. A tabela 13 e a 14 são utilizadas com a finalidade de comparar as pontuações entre as categorias do grupo 03 e da amostra geral, assim como o coeficiente total do grupo e da amostra total.

Tabela 12 – Pontuação obtida pelos componentes do grupo 03, por categoria:

	A18	A19	A20	A21	A 22	A 23
IM	3	4	4,25	2,75	3,25	5,5
UE	4,75	5,25	4,75	5,75	5,75	4,5

IT	3,75	3,75	4,75	3,5	4,25	3,5
IP	4,5	3	3,25	5,75	4,5	5,25
CA	4	4	4,25	4,4375	4,4375	4,6875

Tabela 13 - – Comparação entre a pontuação do Grupo 03 e da amostra em geral nas categorias temáticas:

CATEGORIAS	GRUPO 03	AMOSTRA GERAL
IM	3,79	2.76
UE	5,1	4.4
IT	3,9	3.17
IP	4,3	3.32

Tabela 14 – Comparação entre o CG3 e o CT:

CG3	4,3
CT	3.41

As observações novamente se iniciam pelo maior coeficiente entre as categorias desse grupo. Como nos outros dois grupos, é na categoria que trata do utilitarismo educacional (UE) que a maior pontuação aparece, alcançando o valor de 5,1, sendo o maior *score* apresentado em uma categoria em todos os grupos, além de ultrapassar a pontuação obtida nessa categoria pela amostra geral. No grupo 03, a categoria de utilitarismo educacional apresentou em todos os alunos um coeficiente total – CA – superior a quatro, representando um alto

índice de concordância com as sentenças formuladas. O segundo lugar permanece com a categoria de identificação com ideais padronizados (IP) como ocorreu no grupo 02. As pontuações, que a maioria dos alunos do grupo 03 apresenta nessa categoria, são superiores a quatro. Percebe-se que houve um aumento dos valores em todas as categorias em relação aos outros grupos. Na categoria de imoralidade (IM), predomina nesse grupo o valor acima de três, como o aluno 21 (A21), que apresenta uma baixa pontuação, de 2,75. Todavia, o aluno 23 (A23) apresenta uma alta pontuação, de 5,5, nessa categoria. A categoria de intolerância (IT) é um pouco mais uniforme, já que predomina uma pontuação que vai de 3,5 a 4,75, resultando numa média de 3,9. Chega-se à conclusão que há uma coerência entre aos valores que foram apurados nas quatro categorias, pois todas as médias do grupo são maiores do que as médias alcançadas nos grupos anteriores.

O grupo três ratifica as posições que foram destacadas nos outros dois grupos. A primeira delas é corroborar com a tendência da concepção utilitarista da educação. Todos os alunos desse grupo obtiveram altas pontuações nesta categoria. A segunda posição destacada é a pontuação que os alunos apresentaram na categoria de identificação com ideais padronizados. Foi nessa categoria que houve o segundo maior valor alcançado pelo grupo. Quatro alunos, dos seis que compõem o grupo três, obtiveram altos coeficientes conforme demonstra a tabela 12.

Apresentados os dados obtidos pela aplicação do questionário e classificado os resultados em três grupos, de acordo com os critérios apresentados, torna-se possível agora analisar as prováveis tendências configuradas. O principal ponto em comum, que se destaca nos três grupos, é a

alta pontuação alcançada na categoria de utilitarismo educacional; pode-se perceber que mesmo no grupo 01, onde os coeficientes dos sujeitos não ultrapassam o valor três, considerados baixos, a categoria da concepção utilitarista da educação se destaca nesse grupo por demonstrar as maiores pontuações entre as categorias. Isto também ocorre nos outros dois grupos, sendo essa a categoria que apresenta as maiores pontuações em toda a amostra. Dezesete alunos dos vinte e três que responderam o questionário obtiveram uma pontuação superior ou igual a quatro, ou seja, esses alunos concordam com a concepção na qual a educação é vista de uma maneira utilitarista, com o objetivo de se atingir determinados valores sociais. Poucos foram os que se posicionaram de maneira contrária às sentenças. É interessante perceber que nessa categoria temática houve a maior concordância entre os alunos. Surge aí uma contradição entre o que a escola se propõe e o que os alunos expressam quando são chamados a se posicionarem diante das sentenças que tratam da educação. A forma como a educação é vista e reconhecida pela escola não é a mesma que os alunos vêem, uma vez que a escola é caracterizada e reconhecida pela sociedade como uma instituição mais “alternativa”, preocupada com os aspectos educativos próprios da instituição escolar. É justamente nessa categoria que uma opinião padronizada se faz perceber. Esta padronização ultrapassa a divisão que foi estabelecida pelos coeficientes dos sujeitos, estando presente na maioria dos alunos. Essa divisão foi realizada por meio da análise do coeficiente total do sujeito, ou seja, estabeleceu-se uma divisão através dos posicionamentos individuais de cada aluno que preencheu o questionário. Todavia, obtém-se um comportamento semelhante entre dezessete alunos, que se posicionam de uma maneira que

pode ser considerada uma tendência comportamental na amostra. Dessa forma, a postura individual parece se dissolver em torno dessa temática, uma vez que a maioria dos alunos dos três grupos demonstra posicionamentos semelhantes, que não correspondem, pelo menos no grupo 01, às posturas adotadas nas outras categorias. Assim, a concepção de educação se assemelha a certos valores que são impostos pela sociedade, sendo aceitos pelos indivíduos.

Outro ponto em comum é apresentado pelos grupos 2 e 3 e diz respeito à categoria que trata da identificação com ideais padronizados. Essa alcança a segunda maior média nestes dois grupos, o que não ocorre no grupo 01. Nota-se que nove pessoas do grande grupo obtiveram nessa categoria uma pontuação igual ou acima de quatro. Entre esses nove alunos, cinco são provenientes do grupo 02 e quatro do grupo 03, e nenhum deles pertence ao grupo 01. Ao relembrar o número total de pessoas em cada grupo, percebe-se que o grupo 02 é formado por nove pessoas. Dessas, cinco obtiveram pontuação igual ou maior que o valor quatro na categoria de identificação com ideais padronizados e seis obtiveram essa pontuação na categoria de utilitarismo educacional. Ao se utilizar essa mesma lógica no grupo 03, que é composto por seis pessoas, notar-se-á que quatro alunos obtiveram uma pontuação maior que o valor quatro na categoria de identificação com ideais padronizados e todos os seis obtiveram uma pontuação maior que o valor quatro na categoria de utilitarismo educacional, isso quer dizer que foram mais freqüentes as concordâncias nessas duas categorias nesses dois grupos. Não se encontra essa relação com as pessoas do grupo 01, a categoria de identificação com ideais padronizados não apresenta alta pontuação. Observa-se que tanto o grupo 02 quanto o grupo 03 estabelecem uma relação entre as categorias de utilitarismo (UE) e identificação

(IP), apresentando nessas duas categorias temáticas suas maiores pontuações. Como altas pontuações em utilitarismo educacional sinalizam uma tendência a se encarar a educação como um instrumento que possibilite melhores posições na sociedade, ou seja, sua aquisição significa que o homem está apto a desempenhar funções de prestígio social, ao mesmo tempo que altas pontuações na categoria dos ideais que foram estabelecidos como padronizados socialmente refletem uma concepção de vida do ter, conforme ficou estabelecido nos capítulos anteriores. Encontra-se, desse modo, um elo que estabelece a educação como mais um valor a ser adquirido, mais um pré-requisito estabelecido pela sociedade. Assim, pouco importa o que realmente se pretende com a atividade educativa: valoriza-se apenas a função social da escola na qual se apresenta um mundo já posto e organizado de maneira imutável. A função política fica à mercê desse mundo, sendo a capacidade de movimentação legítima do cidadão anulada ou manipulada através da concessão de uma liberdade limitada por uma opinião geral estabelecida por poucos. A função educativa não se concretiza, pois apenas serve para ratificar valores que se encontram padronizados socialmente. Portanto, a relação que se estabelece entre essas duas categorias, nos dois grupos citados, pode ser compreendida dessa forma.

As categorias de imoralidade (IM) e intolerância com as diferenças (IT) também apresentam um aumento em suas pontuações. Há um aumento no desempenho de cada categoria temática nos grupos, mas não se estabelece nenhuma tendência. As pontuações nessas duas categorias se apresentam de maneira inconstante, suas pontuações flutuam entre os alunos de todos os grupos. Essas possíveis flutuações nas pontuações dos sujeitos podem ser

explicadas pelas mediações subjetivas realizadas por cada um dos sujeitos, ocorrendo uma discrepância nos coeficientes dos alunos. Assim, as declarações dessas categorias são repensadas e reavaliadas pelos alunos de acordo com suas posições individuais. Dessa forma, não se observa nenhuma tendência padronizada, nota-se a possibilidade de posicionamento de acordo com concepções individuais. Esse comportamento não é observado na categoria de utilitarismo educacional, na qual se percebe uma tendência que ultrapassa as posições individuais. Essa mediação que se realiza entre as concepções individuais e as sentenças nas categorias de imoralidade e intolerância com as diferenças não são provenientes unicamente da escola, outros fatores, como a convivência em determinada família ou em determinado bairro, podem contribuir para que alguns alunos apresentem maiores ou menores resistências a esses temas, ocorrendo flutuação nas pontuações.

De modo geral, a pressão da sociedade para massificar os sujeitos é congruente nas identificações e com o papel reservado à educação. No comportamento dos alunos, pode-se observar que, justamente na categoria que trata da educação se percebe uma uniformização no posicionamento dos alunos. Igualmente, há um crescimento na pontuação da categoria de identificação nos grupos. Os ideais que regem a sociedade atual, - a qual se fundamenta em uma concepção de vida do ter (FROMM, 1987, p.107), alheamento do eu, valorização exacerbada do individualismo através da super valorização de sua intimidade (SENNET, 1998, p. 413), o mimetismo e a influência que o grupo exerce (FREUD, 1969, p.105) - retratam uma sociedade que adultera as decisões individuais autênticas, aviltando até a parte mais subjetiva do homem. A escola passa a ser mais um instrumento na ratificação desses ideais, desviando-se de

sua atividade educativa. A educação representa portanto mais um objeto de aquisição social que se destina a corroborar a idéia de que o mundo é imutável e que toda resistência é vã.

3.4 ALGUNS PASSOS ANTES DAS ENTREVISTAS

Inicialmente, pretende-se aqui demonstrar os critérios utilizados para a escolha das pessoas entrevistadas. Na pesquisa sobre a “personalidade autoritária”, o questionário aplicado não exigia a identificação, apenas era pedida a data de nascimento e através dela se identificava a pessoa que fora escolhida de acordo com o seu desempenho ao preencher o questionário. Todavia, o instrumento elaborado para essa pesquisa contou com uma página inicial na qual eram solicitados alguns dados de identificação que seriam preenchidos de acordo com a vontade do aluno (p.131). Dessa forma, seriam mais práticos o reconhecimento e o contato que poderiam ser estabelecidos para a realização da entrevista. Para essa escolha, admitiu-se, desde logo, a idéia de que pelo

menos uma pessoa de cada grupo seria entrevistada a fim de se verificar a maneira como cada membro se expõe e se posiciona diante das categorias temáticas retomadas na entrevista. Ademais, a escolha seria feita tomando como base não apenas o coeficiente total do sujeito (CA), mas observando igualmente o desempenho apresentado pelo aluno nas quatro categorias. É importante lembrar que o que leva um aluno a pertencer a um dos três grupos possíveis é a pontuação obtida entre todas as sentenças, é o seu desempenho visto de uma maneira geral. Neste segundo momento, buscou-se observar como os alunos se comportaram em cada categoria. O critério de escolha se direcionou as pontuações nas categorias dos alunos já divididos em grupos. De cada grupo, alunos foram escolhidos para a entrevista levando em conta seu desempenho nas quatro categorias temáticas. Vale relembrar as características de cada grupo: o primeiro é composto por pontuações iguais ou inferiores ao valor três (1 a 3), o segundo grupo é formado por pontuações que flutuam entre os valores maiores que três e inferiores a quatro (3,1 a 3,9) e o terceiro grupo é caracterizado por pontuações superiores a quatro (4 a 6). Além de se observar o coeficiente total de cada um dos alunos, levar-se-á em consideração o desempenho do aluno nas quatro categorias. Para não deixar dúvidas, será demonstrado como esta classificação se efetuou no aluno 01 (A1), observando-se na tabela 15 abaixo como foi o desempenho apresentado por ele:

Tabela 15 – Desempenho do aluno 01 por categorias:

Categorias	Aluno 01
IM	2,75
UE	3,75
IT	1,75
IP	1
CA1	2,3125

Nas categorias de imoralidade, intolerância com as diferenças e identificação com ideais padronizados, este aluno continuaria a pertencer ao grupo 01, pois obteve nestas três uma pontuação menor ou igual ao valor três. Todavia, sua pontuação na categoria de utilitarismo educacional o levaria a participar do segundo grupo já que ultrapassou o valor três. Esta nova análise foi feita em todos os alunos e tem por objetivo verificar se há pelo menos um aluno, que em todas as categorias, permaneceria em um só grupo, ou seja, o que teria acontecido com a pessoa 01 se na segunda categoria também apresentasse uma pontuação inferior ou igual ao valor três. Pensou-se que este poderia ser um critério para a escolha das pessoas entrevistadas, pois os alunos que permanecessem em um mesmo grupo nas quatro categorias seriam entrevistados. Desta forma, essa análise foi realizada e o resultado é que não houve nenhum aluno que obtivesse em todas as categorias uma pontuação que o posicionasse em um grupo único. Na tentativa de explicar como foram escolhidos os alunos para a entrevista, resolveu-se estabelecer uma pontuação uniforme em pelo menos três das categorias, como o aluno 01 (A1) acima apresentou, e o resultado desta vez foi:

- a) Cinco das oito pessoas do grupo 01 permaneceram no mesmo grupo;
- b) Três das seis pessoas do grupo 03 permaneceram no grupo 03;
- c) Nenhuma pessoa do grupo 02 apresentou, em pelo menos três das quatro categorias, uma pontuação uniforme sendo o grupo mais heterogêneo.

Diante desse resultado, resolveu-se escolher entre os alunos que pertenciam ao grupo 01 e 03, os que apresentaram um resultado mais homogêneo. No caso do grupo 01, escolheram-se o aluno 02 e o aluno 8 por

apresentarem alta pontuação na categoria de utilitarismo educacional, como se pode perceber na tabela 16 abaixo:

Tabela 16 – Alunos do grupo 01 selecionados para a entrevista:

Categorias	Aluno 02	Aluno 08
IM	2,25	2
UE	4,25	5,25
IT	2	2,5
IP	2	2,25
CA	2,625	3

Vale ressaltar que a segunda categoria se destaca por sua alta pontuação, enquanto que as demais categorias permanecem entre a faixa de valor do grupo 01 (1 a 3), configurando um certa homogeneidade. Com relação aos três alunos do grupo 03 que obtiveram pontuação acima de quatro em pelo menos três das categorias, resolveu-se optar pelo aluno 22 e pelo aluno 23, por terem sido os que apresentaram maior coeficiente total do sujeito (CA), como se observa na tabela 17 abaixo:

Tabela 17 – Alunos do grupo 03 selecionados para a entrevista:

Categorias	Aluno 22	Aluno 23
IM	3,25	5,5
UE	5,75	4,5
IT	4,25	3,5
IP	4,5	5,25
CA	4,4375	4,6875

Em relação à escolha dos alunos do grupo 02, e por conta de sua heterogeneidade, optou-se por escolher o aluno 15 por apresentar justamente uma diversidade entre as médias nas quatro categorias, além de ter alcançado a maior pontuação da categoria utilitarismo educacional (UE) do grupo 02, como se percebe na tabela 18:

Tabela 18 – Aluno do grupo 02 selecionado para a entrevista:

Categorias	Aluno 15
IM	3,25
UE.	5,25
IT.	4
IP.	1,5
CA15	3,5

Logo, foram estes os alunos que foram escolhidos para a entrevista. Como já foi mencionado anteriormente, o roteiro elaborado para a entrevista se relaciona com os quatro temas que serviram de base para a formulação das sentenças. Contudo, como já se possuía o resultado do questionário, procurou-se analisar se havia correspondências nas respostas das pessoas e o coeficiente obtido por elas nas sentenças (CA). Um ponto que serviu de eixo para melhor exploração nas entrevistas foi a identificação da educação com o caráter utilitário, como uma reunião de conhecimentos que serão aplicados numa futura profissão. Enfim, procurou-se verificar se houve ou não correspondência da pontuação obtida, a fim de verificar a pertinência e adequação do questionário formulado.

3.5 AS ENTREVISTAS

Nas entrevistas que foram feitas e que seguem anexas (p.136), a análise realizada novamente se iniciará pela relação entre educação e as utilidades que poderão ser proporcionadas por ela na vida dos alunos. Em todas as pessoas entrevistadas, apareceram opiniões a este respeito. No entanto, também foram encontradas diferentes maneiras de se encararem essas utilidades. Alguns alunos expressaram uma “dupla” função da escola, devendo esta repassar, além de assuntos que o vestibular exige, conteúdos que formem o cidadão; outro reivindicou a responsabilidade da escola de demonstrar a realidade dos fatos e, para outros, os conteúdos já eram suficientes.

A parte da entrevista que ficou destinada à categoria de utilitarismo educacional abordou a escolha da escola, os conteúdos ensinados, o que seria

importante estudar na escola, as opiniões dos alunos sobre o que seria uma pessoa educada, como a escola trata dos assuntos apresentados na entrevista e das possibilidades que a escola pode contribuir para a vida dos alunos. Houve uma certa correspondência com as pontuações obtidas, não havendo nenhum aluno que deixasse de enfatizar a relação dos conteúdos aprendidos com aqueles que são exigidos no vestibular. Entretanto, todos afirmaram que há em seu colégio a preocupação em demonstrar que o conhecimento aprendido será útil durante toda a vida. O assunto “vestibular”, que não fora inserido de início no roteiro, foi tratado por todos os alunos entrevistados que expressaram a necessidade inevitável de realizarem esta prova para se obter um emprego. A obtenção do emprego aparece como uma das maiores preocupações dos alunos que passam a encarar o conhecimento obtido no colégio como instrumento para o alcançar. Apesar de algumas pessoas enfatizarem a importância da formação do cidadão, não parecem demonstrar que isto interfira de alguma forma na obtenção de um bom emprego.

A entrevista realizada com o aluno dois (A2) confirma as posições que foram tomadas na realização do questionário, conforme se observa na tabela 05, acima mencionada, relativa ao grupo 01. O objetivo da escola, segundo este aluno, refere-se a dois pontos: ao vestibular e à formação do cidadão. Todavia, a ênfase dada aos conteúdos do colégio se alinha com aquilo que o vestibular exige, servindo até mesmo de justificativa para o aprendizado dos conteúdos dados em sala de aula. O aluno em questão enxerga o vestibular como uma etapa necessária para se obter um bom emprego e, conseqüentemente, um bom futuro. O vestibular passa a significar a parte do colégio que deve cuidar e se responsabilizar pelo ingresso do aluno no mercado de trabalho. A outra parte do

colégio se preocupa com a cidadania, pois “às vezes vêm pessoas para debates” como destaca o aluno dois.

Percebe-se na fala do aluno dois uma distinção entre os objetivos buscados pelo colégio, destacando-se a ênfase dada à função social da escola. Além da valorização do vestibular, a própria concepção de educação, demonstrada pelo que seria uma pessoa educada, segundo esse aluno, confirma a preocupação de habilitar a pessoa para a boa convivência social tanto na aquisição de um bom emprego, quanto na convivência com o outro. Segundo o aluno dois, uma pessoa educada é aquela que respeita o outro, tratando-o bem. A educação permanece portanto na esfera da polidez, na capacidade de reconhecer e respeitar o lugar do outro. A concepção de educação se restringe à função social, direcionada à boa convivência com os outros e à preparação profissional. A relação entre educação e emprego é expressa, como pode ser observado na justificativa dos conteúdos e do vestibular. No entanto, a finalidade dessa relação para o aluno dois é a ocupação de um espaço social, a busca por desempenhar um papel na sociedade.

A percepção do outro como limite às ações individuais também é estabelecida na categoria de imoralidade. Da mesma forma, o aluno dois impõe limites as suas próprias ações e vontades no reconhecimento da existência do outro - como se verificou na grande resistência às sentenças do questionário na categoria de imoralidade, em que o mesmo obteve uma baixa pontuação (2,25) - , como se pôde perceber em suas falas durante a entrevista. Há o respeito ao espaço e à opinião do outro. De acordo com o aluno dois, ao desempenhar atitudes em relação às quais há muitas vezes a consciência de ilegitimidade, a

interrupção só ocorre quando um amigo ou outra pessoa a reivindica. O aluno está consciente da necessidade de diminuir sua própria atuação em função da existência da outra pessoa.

O aluno possui um ciclo de amizade mais amplo e em seus relacionamentos há a possibilidade de discordância e de posicionamentos contrários aos seus. Todavia, o aluno acata a sugestão de mudança caso concorde com as razões levantadas pelo outro. Em relação à parte da entrevista que trata da categoria de identificação com ideais padronizados, há uma resistência a vincular a felicidade com a concepção da vida do ter (FROMM, 1987, p.107). O aluno até fala da necessidade de possuir condições materiais que proporcione uma vida digna, mas não demonstra uma relação direta com a felicidade.

As pontuações obtidas por esse aluno (A2), que pertence ao grupo 01, permanecem na faixa de valor que caracteriza o grupo, salvo na categoria de utilitarismo educacional que ultrapassa o valor quatro (UE = 4,25). O que se observa na entrevista é que as declarações sobre a educação, a escola A e as conseqüências para sua vida se destacam, supostamente por proporcionar maiores oportunidades na busca por uma posição social, ou seja, tanto na capacidade de tornar o aluno um indivíduo que respeita o outro e que saiba como agir na sociedade por meio das regras de convivência social quanto na questão do trabalho. A educação, aqui, não representa um fetiche que tem por finalidade a conquista de mais um objeto, a concepção de educação retrata muito mais um meio de adaptação para possibilitar a convivência social, sem a ocorrência de maiores modificações. Não se mencionam outros conteúdos

necessários para o desenvolvimento e a formação do homem, preocupa-se apenas com a não-interferência e sua adaptação social.

A entrevista realizada com o aluno oito (A8), que também pertence ao grupo 01, destaca-se pela ênfase dada à palavra competição. O aluno se compara várias vezes a um competidor no qual há a necessidade de adquirir habilidades a fim de melhorar seu desempenho. A educação e o seu colégio atuam como auxiliares no desenvolvimento de habilidades que proporcionem uma boa colocação, podendo ser comparados à assistência técnica a um atleta. Todavia, não há uma vinculação da educação com ideais socialmente padronizados, na concepção dada por Fromm (1987, p.107). A pontuação obtida nessa categoria (IP = 2,25) e as falas durante a entrevista contribuem para o entendimento de que a educação, mais uma vez, é vista somente como um meio de integração social.

O cerne da entrevista foi a constante vontade do aluno de cumprir o que é estabelecido pelo colégio, adquirindo sobretudo conhecimento. Quando foi perguntado sobre quais seriam as razões para se aprender os conteúdos programáticos, a resposta é a exigência dos mesmos pelo vestibular. Observe o seguinte trecho da entrevista: “A gente estuda porque tem que cumprir o conteúdo. Mas fico pensando que não vou usar isso na área que escolher”. O vestibular é entendido como o ápice da competição, sendo nessa etapa que haverá a constatação de todo o esforço realizado durante os anos do colégio.

O aluno (A8) também demonstra uma certa preocupação na distância existente entre a execução de uma atividade e o prazer proporcionado por ela. Comenta que, atualmente, o nível de exigência anda tão elevado que alcançará um patamar que não haverá mais espaço para o “ser feliz” e o “ser

prazeroso”. Expõe que, à medida que há mais informações, maiores serão as necessidades de adquirir este conhecimento. Segundo esse aluno, antes não havia a necessidade de ir à universidade. Atualmente, terminar o ensino superior é uma exigência imprescindível para se obter um bom emprego, ou seja, cada vez mais as atividades humanas se tornam “automáticas”. Quando foi perguntado sobre a matéria que mais gostava, a resposta se baseou na disciplina em que o aluno apresentava o melhor desempenho.

A relação que o aluno (A8) estabelece com a educação pode ser comparada à utilização de uma bateria, que fornece energia para a realização de seus objetivos. Neste caso, seria a aprovação no vestibular – o ápice da competição. Entretanto, não se percebe uma relação direta com a categoria de identificação com ideais padronizados. Suas posições no questionário e seus posicionamentos na entrevista não caracterizam a educação como um objeto necessário à felicidade. Sua aquisição é requerida por possibilitar a valorização do aluno, por demonstrar seu valor como um competidor hábil. Portanto, a concepção do aluno em relação à educação também permanece na esfera da função social da escola, já que sua valorização é atribuída por meio das prerrogativas que são oferecidas para um posicionamento adequado socialmente.

A terceira entrevista aqui analisada se caracteriza pela postura adotada pelo aluno quinze (A15), que pertence ao segundo grupo (G2). O aluno não permitiu o aprofundamento das perguntas feitas. Sempre respondia diretamente e de forma sucinta. Suas respostas eram curtas e não houve interesse em as explicar mais profundamente. Pelo contrário, as respostas permaneciam restritas ao que foi perguntado e, muitas vezes, não havia o interesse em as responder,

conforme foi demonstrado pelo aluno através da sua falta de interesse e descaso em desenvolver as questões.

Ao observar o questionário respondido e os posicionamentos na entrevista, nota-se um senso pragmático e uma tendência a suspender e adiar as decisões e escolhas. O aluno procura não se preocupar com as decisões que julga importantes, retardando suas escolhas. Percebe-se durante toda a entrevista uma recusa a demonstrar sua preocupação e, até mesmo, a se expressar.

A opinião do aluno A15 sobre educação e sua escola é similar à dos outros alunos entrevistados. Considera a escola sua “segunda casa”, pois diz encontrar liberdade suficiente. O objetivo do colégio, além da habilitação para o vestibular, é a formação do aluno para a vida. Quanto ao vestibular, sente-se obrigado a fazer, mas não o considera importante. Ao se referir sobre o que seria uma pessoa educada, caracteriza-a como aquela que se comporta bem e que trata bem as outras pessoas. Em relação às pessoas desprovidas de educação formal, acredita que haverá maiores dificuldades na obtenção de emprego. Os conteúdos programáticos são os exigidos pelo vestibular, sendo essa a justificativa para a sua compreensão, não havendo mais nenhum conteúdo necessário ao aprendizado. Geralmente convive com pessoas provenientes do colégio em que estuda, não tendo vivido nenhum conflito.

Dessa forma, percebe-se nesse aluno (A15) uma certa apatia, pela qual demonstra não possuir uma opinião segura sobre as questões levantadas, respondendo sempre de maneira fugaz. Em relação à educação, confirma a opinião da maioria de encará-la somente como um instrumento de socialização.

Ao realizar a entrevista com o quarto aluno (A22), que pertence ao grupo 03, não se observam grandes diferenças em relação aos posicionamentos anteriores. A concepção sobre educação e sobre a Escola "A" permanece em torno das utilidades imediatas que são por elas geradas. O aluno demonstra bastante praticidade ao se referir ao seu colégio e aos seus objetivos. Novamente, o aluno considera o colégio como uma extensão de sua própria casa e da família. A liberdade e o relacionamento com os professores, os coordenadores e os amigos, sempre dispostos a ajudar, são fundamentais para seu desenvolvimento.

A importância dos conteúdos do colégio é percebida pela relação direta na vida do aluno. Há uma enorme dificuldade de aceitar as matérias que não demonstram uma consequência imediata. Esta falta de sintonia é inclusive debatida em sala de aula pelos professores, que tentam estabelecer uma conexão entre a vida do aluno e os conteúdos. Todavia, o aluno resiste em aceitar esta conexão.

Quando perguntado sobre o que seria uma pessoa educada, há uma imensa pausa e a confissão de uma indefinição. Posteriormente, quando a pergunta foi refeita, o aluno adverte que para se viver em sociedade, há a necessidade de se ter educação, destacando também a necessidade de respeito na convivência com o outro. Percebe-se a utilização da educação como um sinônimo de socialização, destacando-se a valorização da função social da escola. Ratifica-se essa concepção, no imaginário do aluno, em relação ao vestibular. Neste caso, o vestibular é percebido como uma etapa em que se verifica o que realmente foi aprendido na escola, sendo ao mesmo tempo reconhecido como uma meta a ser realizada. É concebido como uma primeira

etapa para se “ter um trabalho, ter um emprego, ter alguma coisa na vida, ser alguém”, conforme foi mencionado pelo aluno em questão. Portanto, ao se terminarem os estudos, obter-se-á um bom trabalho, o que não ocorrerá com as pessoas que não forem educadas, haja vista elas não serem habilitadas de forma suficiente para adquirirem um emprego. Dessa forma, a concepção da educação é utilitarista, não sendo estabelecido nenhum outro objetivo para a educação.

O segundo ponto importante decorrente dessa entrevista é a imensa valorização do grupo de amigos. A convivência com os amigos é inclusive destacada entre as melhores qualidades do colégio. O aluno demonstrou uma enorme identificação com o seu grupo, que é restrito aos companheiros da escola. Uma grande preocupação é demonstrada com a divisão que o vestibular irá proporcionar ao grupo. Pode se observar nos posicionamentos decorrentes do questionário uma certa tendência à valorização de suas idéias e pontos de vista, assim como as dos seus iguais.

A questão da imoralidade é abordada na entrevista, quando se retratam os limites das ações individuais. Percebe-se um posicionamento contraditório já que inicialmente o aluno concorda com a falta de limites na execução de suas ações e posteriormente se depara com a existência do outro, legitimando-a. Com relação à última categoria temática, nota-se uma vinculação direta entre uma boa situação financeira e o bem-estar do aluno. A realização das “boas coisas da vida”, assim como a liberdade, a beleza e o bem somente serão vivenciados quando se adquire um bom emprego, que é possibilitado pela educação recebida.

Finalmente, a última entrevista foi realizada com o aluno que obteve o maior coeficiente individual da amostra ($CA_{23} = 4,68$). No entanto, as relações mantidas com a educação e a Escola A não destoam das que foram apresentadas pela maioria dos alunos entrevistados. Novamente, o íntimo contato com o diretor e os professores se destacam entre as qualidades do colégio.

Os conteúdos são aceitos mais facilmente à medida em que viabilizam uma utilização prática tanto na profissão futura quanto na convivência social, como é o caso do português que deve ser aprendido por ser a língua nacional. Por outro lado, o prazer obtido na execução da atividade profissional permanece distante nessa escolha. Ao ser perguntado sobre qual a matéria que mais desperta interesse e se gostaria de a desempenhar futuramente, o aluno se posiciona de forma negativa, alegando dificuldade em se manter financeiramente. Opta por outra profissão, que atualmente se encontra entre as mais concorridas no vestibular, destacando que haveria mais facilidades em sobreviver. Conforme o aluno, a decorrência direta da falta de estudos é a dificuldade em encontrar emprego. O dinheiro resultante do emprego é a principal razão para a escolha e o exercício da atividade profissional, ocorrendo uma vinculação entre o bem-estar do aluno e a possibilidade de o obter.

O aluno demonstra dificuldade em estabelecer vínculos de amizade. Apesar de gostar dos colegas de sua escola, afirma que é difícil fazer “amigos de verdade”. Quanto aos fins de suas atitudes, mostra grande dependência da aprovação das outras pessoas, pois elas percebem com mais eficácia os erros e os defeitos realizados. Todavia, demonstra resistência em aceitá-las inicialmente.

As entrevistas que foram realizadas demonstram que há bastante semelhança entre as concepções de educação e da Escola A, por parte dos alunos. Basicamente, é a função social que é percebida e valorizada. Alguns alunos tocam em outros pontos, como a formação do cidadão, mas não sabem explicar como essa dimensão ocorreria. Algumas diferenças são percebidas, quando alguns alunos visualizam determinadas peculiaridades, de acordo com seus objetivos e sua personalidade. A partir de seus posicionamentos individuais, dos seus desejos ou de suas expectativas vão perceber a educação com algumas peculiaridades, mas a base que fundamenta sua concepção sobre a função educacional é a mesma: uma utilização pragmática que é responsável por habilitar os homens à convivência social tanto no comportamento e na convivência com as outras pessoas quanto na preparação para o ingresso no ensino superior o qual renderá uma atividade profissional. Nessas duas situações, o atestado para se tornar um ser sociável é fornecido pela escola.

Quanto às outras categorias, há uma maior variedade de posicionamentos. Entretanto, também são encontrados alguns pontos em comum. Na categoria da imoralidade, a forma como a existência do outro é encarada aparece nas cinco entrevistas realizadas. O outro representa o limite às ações individuais. Tudo é permitido desde que não ultrapasse o bem-estar do outro, não se legitimando as ações que interferem na existência alheia. Nas pessoas que apresentam o coeficiente mais baixo (A2 e A8), este princípio é claramente percebido. Os outros alunos demonstram uma certa hesitação, mas, posteriormente também legitimam a existência do outro como limite a suas ações.

Nas questões que tratam da intolerância com as diferenças, o meio encontrado para essa categoria ser abordada foi a relação que se estabelece com os amigos e seus desdobramentos, como sua interferência no comportamento dos alunos. O que se pode perceber nas entrevistas é que, com exceção do aluno vinte e dois (A22), não houve demonstração de um forte vínculo de amizade. Em alguns casos, é percebida a ausência de uma maior intimidade entre os amigos. Apesar disto, e de uma maneira geral, todos se mostraram receptivos aos comentários e observações de terceiros.

Por último, na categoria de identificação com ideais padronizados, os dois alunos que apresentaram coeficientes mais altos (A22 e A23) estabelecem uma ligação direta - pelo menos se expressaram nesse sentido - entre os frutos monetários decorrentes do trabalho e seu bem-estar, o que acontece com menos intensidade nos outros três alunos cujos coeficientes foram mais baixos.

Ademais, as entrevistas dos cinco alunos confirmaram as pontuações que foram obtidas em cada um das categorias, ratificando assim o instrumento utilizado no primeiro momento da metodologia.

CONCLUSÃO

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se indagar sobre as relações que podem ser estabelecidas entre as tendências individuais dos alunos e o trabalho que é realizado pela escola, quer-se mostrar e chamar atenção sobre alguns valores que servem de guia ao trabalho educacional. Muito mais que um espaço que serve de palco para o encontro de vários segmentos sociais ou um lugar de conhecimento e consolidação de regras sociais, a escola é um local de formação humana, não que seja o único ou o exclusivo, mas um local onde se confirmam, absorvem-se ou se resistem a valores.

A preocupação com a formação humana se encontra entre os objetivos da escola. Às novas gerações que chegam ao mundo, são repassados valores e

informações que servem para as nortear. Esta descoberta ocorre em várias etapas indo do conhecimento das regras mais visíveis e que regem a convivência social entre os homens, passando pela disponibilidade que o movimento individual adquire diante da estrutura social, chegando finalmente aos princípios e valores que direcionam a postura individual. O comportamento de cada homem contribui para a composição da sociedade, podendo este ser considerado um agente dos valores difundidos e consagrados socialmente. Daí a importância da escola, pois ela passa a ser encarada como uma mediadora entre o aluno e o mundo, sendo forte sua influência nos posicionamentos que os alunos formarão sobre si mesmo e sobre o mundo em que vivem.

Todavia, a função da escola não se restringe à transmissão desses valores: a função educativa a diferencia de um mero instrumento de socialização. Ao se preocupar com a formação do aluno, poderá ocorrer a possibilidade de auxiliar o indivíduo na busca por si mesmo. Dessa forma, os valores que servem de base à sociedade encontrarão uma oportunidade de reflexão. Assim, ao se deparar com o mundo já existente, maiores serão as oportunidades para se formular posicionamentos a favoráveis ou contrários aos valores já estabelecidos.

No caso deste trabalho, a principal inquietação ocorreu quanto à possibilidade da escola estar justamente fomentando uma situação contrária à qual essencialmente estaria destinada, contribuindo para a ratificação dos valores impostos socialmente. Neste caso, a palavra “socialmente” passa a ser usada como sinônimo de um comportamento padrão, muitas vezes desvinculado da legítima vontade individual, tornando-se mero instrumento de confirmação de uma sociedade imutável e sem preocupações em torno da busca e do bem-estar

individual. A partir disso, a tentativa de análise dos posicionamentos individuais surgiu como uma alternativa cujo objetivo era tentar perceber como a escola se comporta ao encarar a formação integral de seus alunos. Assim, tanto os questionários quanto as entrevistas que foram realizadas se direcionaram a esse ponto, buscando compreender, mas sem esquecer de suas limitações, os fundamentos que norteiam as posições individuais dos alunos. A principal intenção era verificar como os assuntos levantados pelas quatro categorias temáticas – identificação com ideais padronizados, imoralidade, concepção utilitarista da educação e intolerância com as diferenças – seriam encarados pelos alunos que vivenciaram uma importante etapa de escolarização. É evidente que há limites e restrições a esse trabalho, pois se faz necessário um estudo mais aprofundado para se chegar aos meandros individuais mais recônditos dos alunos. Entretanto, ao se posicionar sobre os assuntos que são levantados pelas categorias, buscou-se perceber como cada aluno reagiria aos comportamentos padronizados socialmente. A entrevista posterior viria a aprofundar mais um pouco as razões que motivaram suas escolhas.

Constatou-se que, no caso da categoria de utilitarismo educacional e apesar de as opiniões apresentarem algumas diferenças em seus nuances, as opiniões foram provenientes de uma mesma base, ou seja, apresentaram um mesmo valor que justificou as posições tomadas pelos alunos. Ao se pensar sobre essa base maior, que fundamenta ações singulares, pode-se estabelecer um elo entre a ação de cada aluno e sua participação na sociedade. Entretanto, não se sabe exatamente se e como esses valores são desenvolvidos pela escola, sendo evidente que outras contribuições como as influências familiares, as do local onde o aluno mora, as de seu ciclo de amizades e as predisposições

de sua personalidade também devem ser levadas em consideração na formação da capacidade de julgamento de cada aluno. Nota-se portanto que o maior limite encontrado por este trabalho é sua insuficiência em verificar como essas contribuições se mesclam com os valores repassados pela escola. Aqui, tentou-se observar de forma mais enfática as contribuições dadas pela escola. É interessante perceber que o posicionamento que ultrapassou a esfera individual dos alunos, formando uma tendência padronizada entre quase a totalidade dos alunos entre os alunos entrevistados, diz respeito à própria finalidade da educação e suas contribuições para a vida do aluno. Assim, poder-se-ia questionar talvez a eficácia na realização da atividade educativa da escola, e perceber os valores em torno da educação que a própria escola repassa. Dessa forma, esse trabalho apenas sinaliza a falta de equilíbrio entre a execução das três funções da escola (social, política e educativa), predominando a função social. O próprio entendimento dos alunos e suas expectativas são direcionados nesse sentido.

Outro ponto que merece ser considerado quanto à possível abrangência deste trabalho é o número reduzido de entrevistas realizadas. A utilização desse instrumento demonstrou ser bastante útil para o esclarecimento dos posicionamentos individuais expressos no questionário. Principalmente, quando diferenças sutis apareceram. Se utilizarmos os pontos de vistas acerca da categoria de utilitarismo educacional, observa-se que em todas as entrevistas realizadas, houve a confirmação dessa tendência. Por outro lado, percebia-se alguma diversidade em seus posicionamentos. Geralmente, os alunos que obtiveram baixa pontuação em seu coeficiente individual indicavam a possibilidade de uma outra função complementar a social. Entretanto, algumas

vezes apenas expressavam essa necessidade, não havendo aprofundamento ou definição.

O mesmo poderia ter sido feito em relação às outras três categorias. Com o aumento do número de entrevistas, outras observações poderiam ser percebidas. Observou-se que houve uma maior ênfase à categoria de utilitarismo educacional em detrimento das outras. Talvez com uma quantidade maior de entrevistas houvesse a possibilidade de perceber e de desenvolver outros aspectos das categorias mencionadas.

Finalmente, as contribuições que podem ser apresentadas por este trabalho apontam em direção à importância e à necessidade do fortalecimento do indivíduo. O que se verificou é a ocorrência de uma situação oposta, sobressaindo as tendências anti-individualizantes. A importância da escola e da educação, na sociedade atual, é compreendida como um elemento que possibilite a manutenção da sociedade e a uniformidade de seus membros, contribuindo para a formação de um homem fraco que não percebe a si mesmo. As dificuldades de o homem se encarar como um ser autônomo, capaz de lutar por sua autopreservação, destacando-se do grupo como um ser único e independente se torna mais distante, e a escola corrobora com essa postura. O principal ponto reside na grande valorização demonstrada quanto à função social. As outras duas funções não encontraram espaço para sua realização. Esta restrição na atividade escolar perpetua valores sociais já estabelecidos e que dificultam a busca do homem por si mesmo, além de o tornar o mais vulnerável a idéias alheias ao seu bem-estar. A função social tem sua importância e é necessária, mas também pode contribuir para o homem encarar o mundo como imutável e desprezar o desenvolvimento de suas potencialidades.

Dessa forma, e agindo como tal, a escola passa a contribuir com o desenvolvimento do conformismo humano.

ANEXOS

ANEXOS

TABELA A - Coeficiente total dos alunos

Questões	Aluno 01	Aluno 02	Aluno 03	Aluno 04	Aluno 05	Aluno 06	Aluno 07
Primeira	5	1	1	1	1	2	1
Segunda	4	5	5	4	5	5	5
Terceira	4	2	6	1	5	3	6
Quarta	1	5	6	6	6	1	5
Quinta	1	4	4	2	5	2	5
Sexta	2	5	2	6	2	1	5
Sétima	1	1	1	1	1	5	1
Oitava	1	1	2	2	1	1	1
Nona	2	1	1	1	1	1	1
Décima	3	2	1	6	4	1	2
Décima Primeira	1	1	2	4	1	3	1
Décima Segunda	1	1	1	6	1	4	1
Décima Terceira	3	3	1	1	1	4	1
Décima Quarta	6	5	5	1	5	4	5
Décima Quinta	1	4	5	1	4	5	5
Décima Sexta	1	1	1	1	1	3	1
CA	2,3125	2,625	2,75	2,75	2,75	2,8125	2,875

Questões	Aluno 08	Aluno 09	Aluno 10	Aluno 11	Aluno 12	Aluno 13	Aluno 14
Primeira	1	1	1	1	2	3	1
Segunda	5	5	5	5	4	4	6
Terceira	4	2	6	6	6	1	5
Quarta	6	5	6	6	6	6	5
Quinta	5	2	2	5	5	2	5
Sexta	6	6	4	1	4	5	1
Sétima	1	1	3	1	1	3	1

Oitava	1	5	6	4	5	5	1
Nona	1	1	3	5	6	1	6
Décima	5	1	2	1	2	5	6
Décima Primeira	1	1	4	1	2	3	1
Décima Segunda	1	6	3	5	4	4	5
Décima Terceira	1	2	2	2	1	3	1
Décima Quarta	5	5	1	6	5	6	6
Décima Quinta	4	6	2	4	1	3	5
Décima Sexta	1	1	1	1	1	1	1
CA	3	3,125	3,1875	3,375	3,4375	3,4375	3,5

Questões	Aluno 15	Aluno 16	Aluno 17	Aluno 18	Aluno 19	Aluno 20	Aluno 21
Primeira	1	1	5	1	2	6	1
Segunda	6	6	6	6	6	6	6
Terceira	5	5	5	6	3	6	6
Quarta	2	4	2	6	1	4	6
Quinta	2	1	4	5	4	6	5
Sexta	5	5	5	6	5	6	6
Sétima	1	1	1	1	2	4	2
Oitava	1	5	5	6	3	4	5
Nona	5	2	3	5	5	4	4
Décima	6	5	1	6	5	1	5
Décima Primeira	5	6	2	4	4	3	1
Décima Segunda	2	5	6	1	5	4	6
Décima Terceira	5	1	5	1	5	1	1
Décima Quarta	4	4	6	1	5	6	6
Décima Quinta	5	5	2	4	6	6	5
Décima Sexta	1	1	2	5	3	1	6
CA	3,5	3,5625	3,75	4	4	4,25	4,4375

Questões	Aluno 22	Aluno 23
Primeira	1	5
Segunda	6	6
Terceira	5	4
Quarta	6	6
Quinta	5	5
Sexta	5	6
Sétima	6	4
Oitava	6	6
Nona	6	6
Décima	6	1
Décima Primeira	1	5
Décima Segunda	5	5
Décima Terceira	1	6
Décima Quarta	6	5
Décima Quinta	5	1
Décima Sexta	1	4
CA	4,4375	4,6875

Tabela B – Média geral da amostra em cada questão

Questões	Médias
Primeira	2,083333
Segunda	5,25
Terceira	4,5
Quarta	4,7083333
Quinta	3,83333
Sexta	4,2083333
Sétima	1,875
Oitava	3,458333
Nona	3,166666
Décima	3,4583333
Décima primeira	2,625
Décima segunda	3,5
Décima terceira	2,208333
Décima quarta	4,75
Décima quinta	3,958333
Décima sexta	1,791666

Tabela C - Média geral da amostra em cada categoria temática

Categorias	Médias
Imoralidade	2,82
Educação	4,41
Intolerância	3,23
Identificação	3,36
Coeficiente total	3,46

QUESTIONÁRIO

Recife/PE – outubro/2002

Este questionário contém dezesseis declarações com seis possibilidades de posicionamento. Aqui o objetivo é verificar as opiniões em relação às sentenças. Não há resposta certa ou errada, não serão atribuídos notas ou pontos, o importante é cada um responder de acordo com suas próprias opiniões, livremente. Ao ler a sentença, você poderá concordar ou não. Haverá três graus para o seu posicionamento: total, parcial ou fraco. Marque apenas um em cada questão. Não se preocupe em acertar, mas não deixe de responder todas as sentenças. Não será necessário colocar seu nome, o questionário permanecerá anônimo, apenas preencha os dados abaixo:

Data de nascimento: ____/____/_____.

Bairro: _____.

Religião: _____.

Quantas pessoas moram em sua casa: _____.

Desde que série você estudou neste colégio: _____.

QUESTIONÁRIO

- 1) Não interessa se nossas ações são boas ou más, e sim o que iremos obter delas.

- | | |
|--------------------------|--------------------------|
| a) concordo totalmente | d) discordo totalmente |
| b) concordo parcialmente | e) discordo parcialmente |
| c) concordo pouco | f) discordo pouco |

- 2) A importância da boa educação consiste na maior garantia de emprego que ela proporciona; assim, quanto mais bem educados formos, maiores e melhores oportunidades teremos.

- | | |
|--------------------------|--------------------------|
| a) concordo totalmente | d) discordo totalmente |
| b) concordo parcialmente | e) discordo parcialmente |
| c) concordo pouco | f) discordo pouco |

- 3) A melhor maneira de evitar conflito entre duas pessoas é cada uma delas ficar na sua.

- | | |
|--------------------------|--------------------------|
| a) concordo totalmente | d) discordo totalmente |
| b) concordo parcialmente | e) discordo parcialmente |
| c) concordo pouco | f) discordo pouco |

- 4) Só seremos livres e independentes quando alcançarmos nossa independência financeira.

- | | |
|--------------------------|--------------------------|
| a) concordo totalmente | d) discordo totalmente |
| b) concordo parcialmente | e) discordo parcialmente |
| c) concordo pouco | f) discordo pouco |

5) A felicidade relaciona-se diretamente com a realização dos prazeres da vida. Por isso, não devemos deixar de aproveitar os momentos nem as oportunidades, mesmo que as conseqüências de nossos atos possam prejudicar a nós mesmos ou a outras pessoas.

- | | |
|--------------------------|--------------------------|
| a) concordo totalmente | d) discordo totalmente |
| b) concordo parcialmente | e) discordo parcialmente |
| c) concordo pouco | f) discordo pouco |

6) O conhecimento mais importante é aquele que nos diz como devemos fazer para obter sucesso em nossas vidas.

- | | |
|--------------------------|--------------------------|
| a) concordo totalmente | d) discordo totalmente |
| b) concordo parcialmente | e) discordo parcialmente |
| c) concordo pouco | f) discordo pouco |

7) O melhor método para avaliar as qualidades das pessoas é compará-las com as nossas.

- | | |
|--------------------------|--------------------------|
| a) concordo totalmente | d) discordo totalmente |
| b) concordo parcialmente | e) discordo parcialmente |
| c) concordo pouco | f) discordo pouco |

8) As coisas boas da vida custam muito caro, por isso devemos lutar para ser alguém na vida e obter todas as coisas que quisermos.

- | | |
|--------------------------|--------------------------|
| a) concordo totalmente | d) discordo totalmente |
| b) concordo parcialmente | e) discordo parcialmente |
| c) concordo pouco | f) discordo pouco |

9) Se temos que cumprir regras é melhor priorizarmos aquelas que nos beneficiam diretamente do que nos importarmos com as que não nos trazem vantagens imediatas.

- | | |
|--------------------------|--------------------------|
| a) concordo totalmente | d) discordo totalmente |
| b) concordo parcialmente | e) discordo parcialmente |
| c) concordo pouco | f) discordo pouco |

10) Muitas coisas que aprendemos na escola são inúteis, pois nunca serão utilizadas.

- | | |
|--------------------------|--------------------------|
| a) concordo totalmente | d) discordo totalmente |
| b) concordo parcialmente | e) discordo parcialmente |
| c) concordo pouco | f) discordo pouco |

11) Algumas coisas são tão claras e lógicas que as pessoas que insistem em dizer que não as compreendem é porque são completamente ignorantes ou agem de má-fé.

- | | |
|--------------------------|--------------------------|
| a) concordo totalmente | d) discordo totalmente |
| b) concordo parcialmente | e) discordo parcialmente |
| c) concordo pouco | f) discordo pouco |

12) É muito fácil falar que não se precisa de dinheiro quando se tem a maioria das coisas que se quer ter; por isso, uma pessoa busca apenas uma boa imagem quando diz que pode ser feliz sem muito dinheiro.

- | | |
|--------------------------|--------------------------|
| a) concordo totalmente | d) discordo totalmente |
| b) concordo parcialmente | e) discordo parcialmente |
| c) concordo pouco | f) discordo pouco |

13) Como não gosto de confusão, sempre espero que as situações difíceis ou constrangedoras sejam resolvidas por outras pessoas.

- | | |
|--------------------------|--------------------------|
| a) concordo totalmente | d) discordo totalmente |
| b) concordo parcialmente | e) discordo parcialmente |
| c) concordo pouco | f) discordo pouco |

14) Os bons alunos sempre se destacam pela boa frequência, pela participação nas aulas e por realizarem todas as atividades solicitadas pelos professores.

- | | |
|--------------------------|--------------------------|
| a) concordo totalmente | d) discordo totalmente |
| b) concordo parcialmente | e) discordo parcialmente |
| c) concordo pouco | f) discordo pouco |

15) Quando estamos em grupo, muito pode ser dito sobre nós. Por isso, devemos tomar cuidado quando andamos com pessoas diferentes, pois poderemos ser confundidos com elas.

- | | |
|--------------------------|--------------------------|
| a) concordo totalmente | d) discordo totalmente |
| b) concordo parcialmente | e) discordo parcialmente |

c) concordo pouco

f) discordo pouco

16) Devemos nos entusiasmar com as novas técnicas de emagrecimento, pois só assim as pessoas mais gordas poderão se integrar na sociedade e serem mais felizes.

a) concordo totalmente

d) discordo totalmente

b) concordo parcialmente

e) discordo parcialmente

c) concordo pouco

f) discordo pouco

ENTREVISTAS

Aluno 02

1) Há Quanto tempo você estuda aqui?

Entrei no ano passado. Eu estudava na escola de Aldeia. Lá só vai até a oitava, então tinha que sair de lá.

2) Por que você escolheu este colégio?

Eu gostava deste colégio pelo o que falavam, do seu método de ensino que é diferente dos outros. Minha mãe pesquisou.

3) Do que você mais gosta? Do que você não gosta? Por quê?

O que é mais gosto é da relação professor e aluno, pois é uma relação aberta; por ter poucos alunos na sala, acho que é bom. Você pode falar com professor se achou alguma coisa errada, pois tem colégio que é por número, você nem existe. Aqui quando você precisa de alguma coisa, a coordenadora fala com você. Eu gosto de tudo, comparando com outros colégios, este é o melhor.

4) Em relação aos conteúdos dados em sala de aula, na sua opinião, há algum motivo para eles serem aprendidos?

Acho que os professores são bons, passam bem o assunto. Para quem é bem interessado é ótimo.

5) Qual a matéria que você mais gosta e a que você menos gosta?

Eu gosto de Biologia e não gosto de matemática.

6) Você acha que é importante aprender matemática? Por quê?

Tem, pois tem o vestibular. Você tem que aprender muitas coisas.

7) Na sua opinião, o que é uma pessoa educada?

Acho que respeitar o outro. É tudo, né? Você precisa ser educado para tudo, até para arrumar um emprego, ter amigos, não ser bruto.

8) Qual o objetivo do seu colégio?

Formar cidadão. Aqui não pensa só no vestibular. Tem colégios que só pensam no vestibular. Aqui formam cidadãos. Às vezes, vêm pessoas para debates. Eu acho que todos deveriam ser assim, mas eu acho que só o meu colégio é assim.

9) Para você, como uma pessoa se realiza na vida?

Tem família, tem amigos. E gosta da família e dos amigos. Acho que isso é o mais importante.

10) Você acha que seu colégio pode lhe ajudar a ser feliz?

Pode, um pouco, em parte. Se você está com um problema com suas amigas ou com a família, ele vai e tenta me pedir para alguém falar com você.

11) Você acha que há algum motivo para você estudar?

Sim, acho que é importante para seu aprendizado. Aprender coisas de matérias para o vestibular e também para formar cidadãos. E por isso que meu colégio é bom, pois se preocupa com estas duas coisas. Colégio é para isso.

12) Você acha que podemos viver bem com pouco dinheiro?

Sim. Eu acho que é difícil aqui no Brasil você não ter dinheiro, acho que é importante. Mas ter muito dinheiro, acho que não é tudo não. Tendo pouco, mas dando para viver é bom.

13) Como você encara o vestibular?

Eu não gosto. Mas tem que fazer. Se você quiser ter um trabalho bom no futuro, depois se aposentar e ficar curtindo, acho que tem que fazer. Se for isso que você quer da vida.

14) Na sua opinião, o que acontece a uma pessoa que não estuda?

Eu acho que as chances delas são pequenas, porque acho que educação é o mais importante. Ela não vai ter pessoas legais ao seu lado, pessoas educadas ao seu lado, não vai ter pessoas boas, amigos ao seu redor.

15) O que é uma pessoa educada?

Acho que você tratar bem os outros, respeitar principalmente. Não passa na frente dos outros. Você aprende em casa, mas no colégio você também aprende porque tem professores que além do assunto, falam. A coordenadora foi professora de filosofia e agora é de sociologia, ela fala também destas coisas, de educação e tudo mais.

16) Você tem muitos amigos? Onde você os conheceu?

Tem os do colégio e os que moram em Aldeia são meus vizinhos que estudam em outros colégios.

17) Você tem um bom relacionamento com eles? Algum de seus amigos já lhe magoou? O que você faz para evitar conflitos entre vocês?

Acho que sim. Quando é uma pessoa amiga, que eu nunca esperava que fizesse isto, eu vou lá e falo na hora, que ela fez isso e que não gostei. Agora se é uma pessoa que não é muito íntima, eu já esperaria esta atitude.

18) Como você avalia sua convivência com amigos e com as pessoas que você não tem muita intimidade?

Eu acho que para você conviver, precisa ter intimidade. Você conhecer a pessoa melhor.

19) Como você reage a idéias ou atitudes contrárias às suas?

Eu ia perguntar o porquê, se ela sentiu incomodado com minha atitude e qual foi o motivo e tentar ver se ela tem razão. Se tiver eu tento não fazer de novo.

20) Você acha que vale tudo para ser feliz?

Não, porque você não pode passar por cima do outro para ser feliz. Você tem que ficar na sua e respeitar o outro até chegar lá.

21) A gente aprende muitas coisas no colégio. Você acha que esse aprendizado pode nos ajudar a ser feliz?

Ajuda porque o que aprende, você colocar em outras coisas. Você vai ter um trabalho e vai lembrar daquelas coisas que você aprendeu e aplicá-las em seu trabalho e isso vai trazer coisas boas para você.

Aluno 8

1) Quanto tempo você estuda aqui?

Faz um ano e meio desde o primeiro ano.

2) Por que você escolheu este colégio?

Eu recebi uma bolsa do professor do meu antigo colégio, dizendo que eu era uma boa aluna, que tinha boas notas.

3) Você vê alguma diferença entre os colégios?

Não muita porque no outro colégio, os professores tinham a mesma relação que os daqui têm. Eles sabem ser amigos, não apenas passam a matérias, mas também explicam e têm amizade com os alunos.

4) Então o que lhe levou a mudar?

Como eram parecidos não vi problemas em mudar.

5) Você gosta mais deste colégio ou do anterior? Por quê?

Gostava mais de lá. Lá foi uma parte boa da vida. Estudei desde a quinta série.

6) Do que você mais gosta no seu colégio? Do que você não gosta? Por quê?

Eu gosto da naturalidade que os professores têm com os alunos e não tem nada que eu não goste.

7) Em relação aos conteúdos dados em sala de aula, na sua opinião, há algum motivo para eles serem aprendidos?

Eles passam aquilo que a gente precisa para o vestibular, mas de uma forma que a gente aprenda mais fácil e que a gente possa levar isso não só para o vestibular, mas para o resto da vida. A gente estuda porque tem que cumprir o conteúdo.

8) Na sua opinião, o que é uma pessoa educada?

Aquela que respeita o outro, sabendo aceitar como ele é. Mantendo certo grau de instrução que é o básico. Não precisa ser falso nem artificial. Eu sei o que é, mas não sei falar.

9) O que você acha importante aprender na sua escola?

Aprender a encarar as coisas como elas são. Sei que na faculdade vou ter que enfrentar muitas coisas diferentes, o professor não vai ser do mesmo jeito do que o professor daqui. Então eu tenho que estar sempre disposta a competir. Competir não significa que eu sempre vou ganhar, competir em tudo. Assim, não significa competir só para disputar o lugar. Mas, mostrar o que eu tenho em mim. Me empenhar o máximo.

10) Você acha que a educação ou o colégio ajuda você a ser uma melhor competidora?

Influi bastante, porque a gente fica com uma visão mais ampla, sabe priorizar melhor as coisas que a gente precisa já que o mercado de trabalho está bem exigente.

11) Para você, como uma pessoa se realiza na vida?

Quando atingiu todos os seus propósitos e os mantém no nível que ela quer ou precisa. Quando se torna prazeroso para ela e para os outros.

12) A gente aprende muitas coisas no colégio. Você acha que esse aprendizado pode nos ajudar a ter um bom emprego?

Hoje em dia sim. Antes você terminava o ensino médio, mas agora já exigem mais. Você tem que estar se globalizando, se informando sobre tudo e todos. Então já exige mais de você e vai chegar um tempo que você vai ter de todo o jeito o terceiro grau, a faculdade. Isso nem sempre é bom porque vai ter um tempo que as pessoas vão ficar tão restritas a isto que vão esquecer deste ser feliz, de se tornar prazeroso. Vai ser tornar tão automático, tem que cumprir as metas que pode se esquecer daquilo que ela gosta de fazer.

13) Como você encara o vestibular?

Ah... vestibular é essa parte de competir. Tento dar o melhor de mim, ser eu mesma. Aí a gente vê quem vai ser o melhor.

14) Como você faz para ser você mesma?

Ser natural, ser transparente. Os outros me verem, não mudar sempre. Claro que se eu converso com você que é uma pessoa mais velha e outra que é mais nova, muda a linguagem, então tem que saber se portar.

15) Você acha que podemos viver bem com pouco dinheiro?

Pode, isto é tão relativo, que tem gente que tem tanto dinheiro e nem é feliz.

16) O que você acha que seus pais pensarão sobre você quando você alcançar sua independência financeira?

Como uma pessoa que conseguiu andar com suas próprias pernas. Como outras tantas por aí.

17) Você tem muitos amigos? Onde você os conheceu? O que fazem deles seus amigos?

Eu gosto de falar com todo mundo, mesmo se uma pessoa estiver com uma cara feia para meu lado, mas eu chego e tento virar o quadro. Então já começa por aí. Tem gente que eu nem lembro de ter conhecido, mas já chega falando.

18) Como você reage a idéias ou atitudes contrárias as suas?

Eu levo, tento entender o lado deles e consertar se realmente eu estiver errada.

19) O que se pode fazer para evitar conflitos entre amigos?

Se escutar, saber o que o outro pensa. A base de tudo é a conversa, o diálogo sincero.

20) Você acha que vale tudo para ser feliz? Por quê?

Não. Este limite vai até o outro. Eu não posso pisar nas pessoas para ter minha felicidade. Assim, eu estaria prejudicando a felicidade do outro. O outro vai sair machucado e eu não queria que fosse comigo.

21) Você acha que sua escola se preocupa com estas questões? Por quê?

Acho que sim. Acho que se preocupa bastante. As coordenadoras daqui estão sempre conversando com a gente, quer saber o que a gente pensa.

Aluno15

1) Quanto tempo você estuda aqui?

Nove anos. Comecei na primeira série, sai na oitava, estudei um ano e meio em outro colégio. Mas voltei agora.

2) Por que você voltou?

Não gostei de lá.

3) Por que você resolveu sair daqui?

Até hoje não sei.

4) Do que você mais gosta? Do que você não gosta? Por quê?

Aqui o cara tem mais liberdade. Sei lá, aqui é segunda casa.

5) Na sua opinião, o que é uma pessoa educada?

Tratar os outros bem. Se comportar bem, direito. Sei lá...

6) Em relação aos conteúdos dados em sala de aula, na sua opinião, há algum motivo para eles serem aprendidos?

São importantes, mas nem todos. Química não é muito importante não. É muita viagem, não tem pra que todos aqueles negócios.

7) Tem algo em especial que você acharia importante aprender em seu colégio?

Não.

8) Qual o objetivo do seu colégio?

Este colégio não visa só o vestibular, visa a formação da pessoa em geral. Na vida, para tudo. Eles querem formar no geral, a pessoa para vida.

9) Na sua opinião, o que acontece a uma pessoa que não estuda?

É mais difícil ter alguma coisa no futuro. Para uma pessoa que estuda é mais fácil, não é certo, mas é mais fácil.

10) Mas você acha que uma pessoa que não estudou pode ser feliz?

Pode, tranqüilo. Felicidade não é estudo nem ter coisas. Felicidade é fazer o que gosta.

11) Vale tudo para ser feliz?

Vale, acho que vale.

12) Como você vê seu futuro?

Não sei, só quero ficar na praia, curtindo a vida.

13) E o vestibular?

Sei, tem que ser. É normal. Não me assusta não. Se eu não passar, faço no outro ano, vou fazendo até entrar.

14) Você acha que o vestibular é importante?

Não. Importante é aproveitar a vida, vestibular é besteira. Mas tem, então tem que fazer.

15) Você acha que podemos viver bem com pouco dinheiro?

Sim. Pode, porque dinheiro não é tudo não. É essencial para comprar umas coisinhas. Garantir só o básico.

16) Você tem muitos amigos? Onde os conheceu?

A maioria é daqui.

17) Como é seu relacionamento com eles?

Normal. Bem.

18) Já houve algum conflito?

Não. Nunca.

19) O que você acha que seus pais pensarão sobre você quando você alcançar sua independência financeira?

Não sei.

20) Mas você quer ter um emprego regular?

Quero, seria bom. Um emprego regular seria bom.

21) Você acha que o colégio poderia lhe ajudar?

Conhecimento, né?

Aluno 23

1) Quanto tempo você estuda aqui?

Comecei a estudar aqui a partir da quinta série da integrada.

2) A integrada é o quê?

É para quem tem dificuldade. Dois anos na integrada e o resto à tarde, normal.

3) O que lhe levou a escolher este colégio? Seus pais ajudaram na decisão?

Meus pais vieram conhecer o colégio. Eles vieram aqui, mas eu gostei daqui. Eu gosto de estudar aqui. Eu fui para outro colégio, mas voltei depois. Estudei em mais dois colégios, mas voltei.

4) Do que você mais gosta aqui? Do que não gosta? Se você não estudasse aqui, que outro colégio procuraria? Por quê?

Eu gosto das pessoas. E o que eu não gosto é ter que acordar cedo às 5:15 da manhã. Eu gosto de tudo, só não gostava muito da integrada, mas depois. Não sei dizer. Acho que era a coordenadora que eu não gostava muito.

5) Você tem muitos amigos?

Amigos de onde?

6) Do colégio?

Amigos mesmo eu não tenho nenhum, mas dos colegas eu gosto. Amigo, amigo não. Tenho amigos, mas não tenho aquele Amigo. Tenho um primo que é muito meu amigo. Mas de colégio eu nunca tive, quase nenhum. Meu primo é meu amigo porque a gente sempre sai juntos.

7) Para você, o que é uma pessoa educada?

Que respeita todo mundo. Respeita os outros.

8) Em relação aos conteúdos das aulas, tem algum você gosta ou não?

Eu não gosto de química. Odeio. Química, física e matemática. Química é a pior de todas, porque tem cálculo.

9) Você acha que vai usar a química?

Por isso que eu não vou fazer um curso na área de exatas nem saúde para não ter perigo de usar isso. Eu ia fazer saúde, queria fazer enfermagem, mas depois que descobrir que tinha isso, desisti. Eu vou fazer algum curso na área de humanas, vou fazer jornalismo ou publicidade.

10) Então você gosta de português?

Gosto mais de educação artística, mas português também é bom. Não tem cálculo, então é bom. Mas eu gosto mais de educação artística e educação física.

11) Então por que você não procura algo nesta área?

Porque artes plásticas...eu gosto mais por passa tempo, não para virar profissão. Mas só para fazer por fazer em casa. Eu não iria conseguir viver disso. Eu não sou tão ótima assim. Acho que em jornalismo ou publicidade, eu poderia viver disso. Acho que eu vou um dia, se eu passar no vestibular.

12) Você acha que tem algo importante para se aprender aqui?

Como assim em relação a matéria? Ninguém nunca me perguntou isso, nunca nem pensei nisso. Acho que cidadania, respeito ao próximo. Essas coisas assim.

13) Isso eles já não ensinam aqui?

Na minha opinião sim, por isso que estou aqui.

14) Há algumas diferenças entre os colégios que você estudou?

Muitas diferenças. Aqui é muito melhor. O outro colégio você não tem contato com o professor ou diretor. Aqui tem, é mais fácil.

15) Na sua opinião, o que acontece a uma pessoa que não estuda?

Pode ir para recuperação, final, ficar na dependência ou repeti o ano.

16) E na vida da pessoa?

Sei lá, ele não vai arranjar um emprego bom para viver legal.

17) E o que acontece com uma pessoa que estuda?

Tem mais chances, mas também tem gente que não estuda e tem um emprego melhor do que uma pessoa que estuda.

18) O que você acha que seus pais pensarão sobre você quando você alcançar sua independência financeira?

Nunca pensei nisso. Eles vão ficar felizes, eu acho.

19) E você vai ficar?

Vou. Eu acho que vai ser importante na minha vida, não depender deles para sempre.

20) Para você, como uma pessoa se realizada na vida?

Ter um bom relacionamento com a família, um bom emprego que você goste e que dê dinheiro. Amigos de verdade que durem a vida toda.

21) Na sua opinião, há algum motivo para você aprender?

Como assim? Começou a complicar.

22) Por que você acha que a gente tem que aprender matérias como química, física ou matemática?

Matemática e o resto tudo bem. Mas química não sei o porquê não. Matemática a gente vai usar na vida; português tem que saber para escrever direito; o resto também tem que saber para ficar atualizado. Mas química eu não sei...Boa pergunta... Acho que quem vai usar química, é o químico. Temos que saber porque cai na primeira fase da federal. Mas na vida acho que não tem tanta importância.

23) Você acha que uma pessoa pode ser feliz com pouco dinheiro?

Mais ou menos. Depende. Não, nem sempre. Não, dinheiro não é tudo, mas ajuda um bocado. Você, quando tem pouco dinheiro, não consegue ter uma vida boa.

24) Algum amigo já lhe magoou?

Na integrada. Ela nem era minha amiga, era minha colega.

25) Como você resolveu esta situação?

Como era da integrada, peguei um caderno e bati na cabeça dela. Só isso, ela não era minha amiga assim.

26) Você acha que vale tudo para ser feliz?

Como assim? Tudo como? Bom e mau? Não, você não tratar bem os outros para ser feliz. Acho que não é correto.

27) Você sabe se uma atitude sua é correta ou não?

Acho que sim. Quem está de fora ver melhor do que a gente. Mas eu acho que eu sei.

28) Quem está de fora vê melhor? Por quê?

Porque eu acho. Você não nota seus defeitos e o povo de fora nota mais do que você.

29) Quando lhe avisam, como você reage?

Às vezes sim. Eu fico chateada, mas depois entendo e passa. Na hora fico meio chateada.

30) Você tem algum objetivo?

Fora fazer a faculdade. Tenho que é fazer italiano, passar um ano na Itália e voltar. Mas vai demorar um bocado, porque minha mãe quer que eu termine inglês.

31) Você acha que seu colégio se preocupa com estas questões?

(Grande pausa) Perguntam, na aula de sociologia, nessas aulas assim.

Aluno22

1) Quanto tempo você estuda aqui?

Comecei a estudar aqui a partir da sétima série, agora estou no segundo ano científico. Este é o colégio em que eu mais estudei e o que eu mais gostei. Eu estudava em outro colégio, mas minha irmã entrou aqui. No outro ano, resolvi estudar aqui também, junto da minha irmã. Vim pra cá e gostei. Meus pais concordaram com a mudança e também facilitava, era mais prático. Eles gostam muito do colégio.

2) Você vê alguma coisa de diferente entre estes dois colégios que você estudou? O que você mais gosta e o que não gosta?

Vejo. Acho que meu colégio é uma família, a coordenadora é minha amiga, me ajuda em outros problemas, não só no colégio, em quase tudo. Eu tenho a maior força aqui do pessoal do colégio. O que eu mais gosto é dos meus amigos, dos professores, realmente é uma família, todo mundo junto. O pessoal é mais unido porque nas salas tem poucas pessoas. Você tem contato realmente um com outro. O que é eu não gosto? De nada.

3) O que é uma pessoa educada na sua opinião?

Eu acho que educação é você ter....(grande pausa) Não sei a definição de educação. Acho que é respeito, não sei explicar. Acho que na sociedade, você precisa ter uma educação. Na minha família, eu fui bem educada, o colégio ajuda também na educação. Para dar educação, o colégio ajuda.

4) Em relação aos conteúdos dados em sala de aula, na sua opinião, há algum motivo para eles serem aprendidos?

Alguns sim, outros não. Alguns eu acho que não tem nada a ver. Pra que vou precisar disso no futuro? O que eu estou fazendo aqui? Às vezes têm conteúdo que não tem nada a ver. Eu acho que você aprende química, mas no futuro não

vai utilizar muito, só se você for se formar em química é que pode utilizar algumas coisas assim. Eu acho que eu não tenho motivo para aprender.

5) E tem algo que você acha importante aprender? Por quê?

Acho que português é essencial, pois é nossa língua. Eu acho história pra conhecer as histórias de antigamente para saber o que aconteceu. Mas outras coisas como química ou física não vejo muita importância.

6) Você acha que há algum motivo para se ensinar isso?

Não sei, acho que têm algumas coisas em química ou física.....O que os professores falam, a gente discute isso na sala, eles explicam o porquê de se aprender química ou física. Eles falam porque que é bom; você aprende química porque faz parte da nossa vida. Por um lado, faz parte. Tudo no nosso mundo, na nossa vida, a gente tem a química e a física. Isso é o que eles explicam para gente. Por um lado é bem importante, mas...

7) Se você pudesse escolher, o que você acharia importante aprender na sua escola?

Eu acho que estudar é uma forma de você crescer na educação, na vida, em tudo. Eu não só aprendi com meu pai e minha mãe, aprendi de acordo com o colégio. Acho que depois que entrei aqui, eu cresci bastante no modo de pensar e ver as coisas.

8) Você acha que há um limite neste aprender?

Não, acho que não tem limite não. Precisaria sempre. Às vezes eu e minha amigas do segundo ano pensamos que no próximo ano tem vestibular. Todo mundo se separa, não vai ter mais colégio. A gente se preocupa muito com isso com a separação, de sair ao mundo, se dividir.

9) Como você conheceu seus amigos?

Conheci aqui no colégio. Até o pessoal da sala da minha irmã, eu conheço. No colégio, eles me receberam super bem. Tenho amigo do primeiro, segundo ano do colégio.

10) E fora do colégio?

Tenho. Poucos, mas tenho. Eu convivo mais com o pessoal da minha sala. Estão sempre comigo até no final de semana.

11) O que faz deles seus amigos?

Acho que na vida você tem várias surpresas. Tive amigas que me decepcionaram, mas a maioria é de verdade, e me ajudam nas horas que mais preciso, estão do meu lado.

12) O que você faz para evitar conflitos?

Acho que a gente conversa muito. A gente não vai logo brigando ou discute. Briga, mas na mesma hora conversa, se entende. A gente nunca chegou a se afastar uma da outra. A gente sempre conversa.

13) Com quem você se sente mais à vontade para expor seus posicionamentos?

Por quê?

Acho que com uma amiga. Acho que com amigo se tem isso. Você fala a verdade, e ele lhe ajuda. Tudo isso, não é mentir. Falar a verdade mesmo, ser super sincero. Falar o que você acha e o que não acha, isto lhe ajuda a crescer. Acho que é mais fácil ser amiga de uma pessoa parecida com a gente. Você tem que saber lidar com as pessoas.

14) Como você encara o vestibular?

Algumas pessoas vão fazer por experiência. Eu não quis fazer de jeito nenhum. Eu pensei, mas já estou tão preocupada com medo de não passar, que resolvi

não fazer esse ano. Me stressar, ficar nervosa, eu não. Deixa para o outro ano. O vestibular é bastante importante, pois mostra que você cresceu, você conseguiu. Você batalhou, passou anos e anos estudando, estudando, estudando. Acho que vestibular é assim: venci, consegui, alcancei um objetivo. Alcançar meu objetivo de ter trabalho, ter um emprego, ter alguma coisa na vida, ser alguém. Hoje em dia eu acho que é isso, por exemplo, para você ter um bom trabalho, ter dinheiro. Acho que é isso, você terminar seus estudos.

15) Tem alguma coisa que é importante aprender no colégio, mas que não cai no vestibular?

(Grande pausa) Como eu falei, meu colégio ensina tudo, a própria educação, na vida ele influencia muito. Eu cresci, encontrei amigos, passei a maior parte da vida, aconteceram várias coisas.

16) Caso você não passe no vestibular, como você vai se sentir? E os seus pais? Eu vou lutar até conseguir. Não vou desistir. Não vou pensar que só porque não passei, não vou fazer mais. Vou lutar até... Meus pais me deixam bem à vontade em relação ao vestibular. Eles são bem esforçados. Tudo que eles podem dar a mim e a minha irmã, eles dão. Nunca faltou nada. Em relação aos estudos, eles cobram, lógico, cobram muito da gente, que é a única coisa que podem dar de tão importante na nossa vida, que é o estudo. Mas eles me deixam super a vontade sobre o que eu vou fazer. Eu falei que quero fazer hotelaria e depois o curso de turismo. Eles me apoiaram. Meu pai é político e ele enxerga assim: você já trabalha não sei aonde, entendeu? Escalando assim. Aí, ele me deixou super à vontade, ele nem cobra.

17) Para você, como uma pessoa se realizada na vida?

Em primeiro lugar, eu queria acabar meus estudos. Ter um trabalho, formar minha família, ter filhos. Pretendo ter minha amigas. Minha vida são minhas amigas, já tive meus namorados, mas só no futuro que eu quero isso.

18) Vamos imaginar que você já tem essa vida, como você se comportaria?

Acho que eu vou viver minha vida, trabalhando. Não sei, acho que se me interessasse em fazer outras coisas. Não sei. Eu gosto muito de inglês. Eu tenho uma tia que mora nos EUA, que eu viajo muito para lá. Acho bom demais. Por mim, eu pretendia morar lá. Sempre me interessei muito pelo inglês. Eu penso em querer morar lá. É outro mundo, outras coisas, me interessei mais pelas coisas de lá, pela vida de lá do que esta aqui. É tudo muito diferente.

19) Na sua opinião, o que acontece a uma pessoa que não estuda?

Eu acho que realmente as pessoas que não estudam não vão ter, lógico que vão podem ser felizes, você é quem faz sua felicidade. Mas acho que o estudo é essencial, é importante para crescer, para ter um emprego. Uma coisa muito importante hoje em dia é você ter um trabalho, como você vai sustentar uma família, viver sem ter dinheiro. Acho que isso é importante e tem pessoas que como não estudam não alcançam isso.

20) Você acha que vale tudo para ser feliz? Até que ponto é permitido chegar? Por quê?

Sim, mas lógico que você não vai deixar de pensar nos outros. Eu sou uma menina que sempre estou me colocando no lugar das pessoas. Antes de fazer alguma coisa, eu penso: se fosse comigo não iria gostar. Sempre estou assim me controlando, me enquadrando em relação a isso. Acho que não vou passar por cima de ninguém para minha felicidade. Não sou de jeito nenhum egoísta.

21) Como você sabe se sua atitude está certa ou errada?

Às vezes eu não enxergo uma atitude errada, mas sempre tem uma amiga: oh, isso eu não gostei. Às vezes eu não percebo, mas sempre tento me consertar, peço desculpas. Sou muito de escutar as pessoas.

22) Diante de tudo isso que foi perguntado, você acha que seu colégio se preocupa com estas questões? Por quê?

Muito. Não sei, se preocupa com tudo. Minha coordenadora para mim é tudo aqui neste colégio. Além de ser minha coordenadora, é minha amiga. Converso tudo com ela. Acho que nunca encontrei um colégio, uma amiga, ainda mais como uma coordenadora. Ela é muito especial para muita gente daqui. Ela escuta outros tipos de problema, lhe ajuda em tudo. Acho que este colégio tem pessoas muito especiais, em outros colégios não é assim. Você se sente numa família, mais à vontade, no direito de reclamar. Eu encontrei isso aqui.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor. W., Frenkel-Brunswik, Else, Levinson, Daniel J., Sanford, R. Nevitt. The Authoritarian personality. New York: Harper& Brothers, 1950. I- Introduction; II- The study of ethnocentric ideology; VI- Ethnocentrism in relation to some religious attitudes and practices; VII- The measurement of implicit antidemocratic tends; IX- The interviews as an approach to the prejudiced personality. pp. 1-27; 102-150; 208-279; 291-336.

ALVARENGA, Tales. Revista Veja. São Paulo. Ed. Abril, nº 40, 9 de outubro de 2002.

ARISTÓTELES. Ética a Nicômaco. Tradução: Leonel Vallandro e Gerd Bornheim da versão inglesa de W. D. Ross. São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Os pensadores).

BOLLNOW, Otto F. Pedagogia e Filosofia da Existência. Um ensaio sobre formas instáveis da educação. Tradução: Hermógenes Harada. Editora Vozes, 1974.

BRANDÃO, Zaia. (ORG.). A crise dos paradigmas e a educação. São Paulo: Cortez, 2000.

BRZEZINSKI, Iria (ORG). LDB Interpretada: diversos olhares se entrecruzam. São Paulo: Cortez, 2000.

BUBBER, Martin. Do diálogo e do dialógico. Tradução: Marta Ekstein de Souza Queiroz e Regina Weinberg. São Paulo: Editora perspectiva S.A., 1982.

CUNHA, Maria Isabel da. O professor universitário na transição de paradigmas. Araraquara: JM Editora, 1998.

CHAUÍ, Marilena. O que é ideologia? São Paulo: Brasiliense, 1981.

DUMONT, Louis. O individualismo: Uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. Tradução: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

DURKHEIM, Émile. Educação e Sociologia. Tradução: Lourenço Filho. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

FORQUIN, Jean-Claude. Escola e Cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Tradução: Guacira Lopes Louro. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra S. A, 1970.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro:

FREUD, Sigmund. Psicologia de grupo e Análise do ego. Tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1969.V.18, pp. 87-179. Paz e Terra, 1999.

FREUD, Sigmund. *O mal estar na civilização*. Tradução: José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

FREUD, Sigmund. Totem e tabu. Tradução: Órizon Carneiro Muniz. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1999.

FROMM, Erich. *O medo à liberdade*. Tradução: Octavio Alves Velho. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

FROMM, Erich. Análise do homem. Tradução: Octavio Alves Velho. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan S.A, 1983.

FROMM, Erich. Ter ou Ser? Tradução: Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Kvogon S.A. 1987

GAY, Peter. *A cultura de Weimar*. Tradução: Laura Lúcia da Costa Braga. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

GILES, Thomas Ransom. História do Existencialismo e da Fenomenologia. 2v. São Paulo: EPU, Editora da Universidade de São Paulo, 1975.

GÓMEZ, Angel Ignacio Pérez. Socialización y educación en la época postmoderna. Ensayos de Pedagogia Crítica. Madrid: Editorial Popular, 1997. pp 45-65.

HORKHEIMER, Max, Adorno, Theodor. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Tradução: Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar 1985.

HORKHEIMER, Max, Adorno, Theodor (ORGS) *Temas básicos da sociologia*. Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1973. Indivíduo, pp. 45-60; A massa, pp. 78-92; Ideologia, pp.184-205.

JASPERS, Karl. Introdução ao pensamento filosófico. Tradução: Leonidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. São Paulo: Editora Cultrix, 1997.

JUNG, C.G.. O desenvolvimento da personalidade. Tradução: Frei Valdemar do Amaral. Petrópolis: Vozes, 1986.

JUNG, C.G.. Resposta a Jó. Tradução: Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha. Petrópolis: Vozes, 1979.

KANT, Immanuel. Sobre a pedagogia. Tradução: Francisco Cock Fontanella. Piracicaba: Editora Unimep, 1996.

KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: Que é “esclarecimento”? (Aufklärung). Tradução: Raimundo Vieira e Floriano Sousa Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1985. pp 100-116.

LOPES, Eliane Marta Teixeira, Galvão, Ana Maria de Oliveira. História da Educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MAAR, Wolfgang Leo. *Educação crítica, formação cultural e emancipação política na Escola de Frankfurt*. In.: Pucci, Bruno (orgs). Teoria crítica e educação: a questão da formação cultural na Escola de Frankfurt. Petrópolis, RJ: Vozes; São Carlos, SP: Edufiscar, 1994. pp. 59-81.

MARCUSE, Hebert. Eros e civilização – Uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. Tradução: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

MARCUSE, Hebert. A ideologia da sociedade industrial – o homem unidimensional. Tradução: Giasone Rebuá. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973

MARX, Karl, Engels, Friedrich. A ideologia alemã. Tradução: José Carlos Bruni, Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Hucitec, 1996, pp. 17-77.

MENGA Lüdke, André, Marli E.D.A.. Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas. São Paulo: EPU, 1986, caps.2 e 3.

PERRENOUD, Philippe. Construir as competências desde a escola. Tradução: Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

PLATÃO. A República de Platão. Tradução: Enrico Corvisieri. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999. (Os pensadores).

POLICARPO Júnior, José. A educação na imprensa e no pensamento docente – 1998-1999. Tese (Doutorado em Educação) PUC, São Paulo, 2001.

POLICARPO Júnior, José. Desencanto, Indiferença, Cinismo: indivíduo, educação e espaço público. Revista Impulso, n° 30, pp. 113-124.

POLICARPO Júnior, José. Inteligência, Subjetividade e Formação do Indivíduo. Artigo apresentado no 1º Seminário Franco-Brasileiro de Filosofia da Educação – “A Filosofia, o sujeito, a cidade” – organizado pela Universidade Federal de Pernambuco e Université Paul Valéry (Montpellier, França) e realizado na UFPE, no período de 11 a 13 de setembro de 2001.

POLICARPO Júnior, José. Individualidade e Educação. (mimeo)

RÖHR, Ferdinand. A multidimensionalidade na formação do educador (mimeo) 2000.

ROMANELLI, Otaiza de Oliveira. História da Educação no Brasil. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

SARTRE, Jean Paul. O Existencialismo é um humanismo. São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Os pensadores).

SENNET, Richard. O declínio do homem público: as tiranias da intimidade. Tradução: Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SÓCRATES. Vida e Obra . Coleção: Os pensadores. Tradução de Enrico Corvisieri e Mirtes Coscodai. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

ZEICHNER, Kenneth M.. A formação reflexiva de professores: idéias e práticas. Tradução: A. J. Carmona Teixeira, Maria João Carvalho e Maria Nóvoa. Lisboa: Educa, 1993.